

Eu ignoravá ainda o protocollo de 8 de abril; neste ponto fui bem inspirado. Perguntou-me como iam as cousas em Roma e na Italia. Respondi-lhe que o povo romano era o mais feliz de toda a Europa, que comia bom pão e boa carne, o que não succedia na Belgica, nem na Inglaterra, nem muitas vezes na França; que pagava poucos impostos; que tinha liberdades tanto mais praticas quanto não estavam escriptas nas constituições; finalmente, que esse paiz podia dispensar desde já a occupação estrangeira, se a Europa quizesse deixar de o *occupar* por outra forma com a sua imprensa demagogica.

«Verdadeiramente fallando, disse-lhe eu, as bayonetas estrangeiras só lá são necessarias em consequencia das provocações revolucionarias que partem do estrangeiro. Não sobrecarreguemos Roma e a Italia com más doutrinas, e não precisaremos de fazer uma intervenção armada. Até então, o nosso concurso pela força armada será um acto de justiça e de expiação das proprias faltas.

«Ha muito que dizer a esse respeito, — respondeu o imperador.

«É verdade, Sire; mas posso assegurar-vos que só haverá revolução na Italia em consequencia do espirito revolucionario dos grandes Estados. Quanto á revolução indigena, é muito limitada nos seus meios de acção. Em toda a extensão das Romagnas não se encontrariam os seis mil homens que, ha meio anno, aqui mesmo em França, por pouco não incendiaram a cidade de Angers e assassinaram os seus habitantes...»

Dois annos mais tarde, depois da publicação do deploravel folheto *Napoléon III et l'Italie*, o mesmo personagem teve occasião, n'uma audiencia, de voltar ao mesmo assumpto. Napoleão fallava ao bispo dos pretendidos abusos do governo pontificio, que não acceitava as idéas modernas... O prelado, respeitoso, mas indignado, não podia conter-se; e como o imperador lhe dissera que fallasse, porque desejava conhecer todo o seu pensamento, replicou:

«Uma vez que Vossa Majestade se digna ouvir o que

eu penso, ha de permittir-me que me espante do escrupulo que lhe causa o receio de o fazerem passar por ter consagrado abusos com a presença do nosso exercito de occupação em Roma. Certo não ignora que se praticam abusos em toda a parte, e qual será o governo, Sire, que possa gabar-se de ser estranho a elles? Mas ousou affirmar que em parte nenhuma são menos numerosos que na cidade e nos Estados governados pelo Papa. Pelo contrario, queira Vossa Majestade lembrar-se de Constantinopla e da Turquia; compare, e permitta-me que lhe pergunte o que lá foi fazer a nossa gloriosa expedição da Criméa. Não seria ahi, mais que em Roma, que a França foi manter abusos?»

Os olhos do imperador, ordinariamente fechados, levantaram-se por um instante para o seu audacioso interlocutor. Este continuou:

«Ah! Sire, quando nos lembramos de que, durante onze seculos, a politica da Europa foi combater o Turco, como não ha de sentir-se algum espanto vendo o soberano de um paiz catholico ser o apoio do poder ottomano, e ir, á custa de enormes despezas, assegurar a sua independencia! Ora, não tenho eu razão para dizer que isso é que é manter abusos? Porque, afinal, a quem é que nós protegemos? Ha em Constantinopla um homem, ou, melhor, um ser que não quero qualificar, que come n'uma gamella de ouro duzentos milhões tirados ao suor de christãos. Come-os com as suas oitocentas mulheres legitimas, trinta e seis sultanas e setecentas e cincoenta mulheres de harem, sem contar os favoritos, os genros e suas mulheres. E foi para perpetuar e consolidar semelhante estado de cousas que nós fomos ao Oriente! Foi para assegurar a integridade de tudo isso que nós gastámos dois biliões, 68 officiaes superiores, 350 jovens que eram a flor das nossas mais illustres familias e 200:000 francezes. Podemos depois d'isso fallar dos abusos da Roma papal! Desculpe-me, Sire; mas a esse Turco não só dissemos: Continúa a revolver-te, como até hoje, n'essa lama secular; garanto-te os teus gosos e não consentirei que alguem toque no teu imperio. Mas accrescentámos: Gran Sultão, até hoje, o sobe-

rano de Roma, o Papa tinha presidido aos conselhos da Europa. Pois bem: vamos ter um conselho europeu, ao qual não pertencerá o papa, mas de que tu has de fazer parte!

« Na verdade, Sire, não foi isso o que se fez? E depois de taes tolerancias, para não mencionar outras, haverá o direito de allegar escrupulos a proposito dos abusos de um governo, que é, com certeza, o mais suave, o mais paternal e o mais economico dos governos da Europa? »

O imperador, vendo a animação do bispo, approximára-se d'elle pouco e pouco. Escutava com avidéz, passando a mão pela frente. Depois, mudando de assumpto, disse:

« Mas não lhe parece, Monsenhor, que tenho dado sufficientes provas de boa vontade a favor da religião? Não lhe parece que a propria Restauração não fez mais que eu?... »

Temos de interromper a citação, apesar do seu grande interesse, porque nos levaria para muito longe do nosso assumpto. O leitor curioso de conhecer por completo essas phrases corajosas, eloquentes e vibrantes de emoção, enconral-as-ha na bella *Vida do Cardial Pio*, publicada em 1886. ¹⁾

O que ahí fica é o bastante para se esclarecer a questão que nos occupa. Poderíamos ainda entrar nos pormenores das reformas pedidas, fazer um minucioso trabalho retrospectivo, refutar uma por uma as accusações mais ou menos fundadas, as objecções mais ou menos especiosas ácerca da occupação, da liberdade, etc. Mas para quê? Tudo isso está julgado e definitivamente julgado. Não cahiram as calumnias com as pessoas que as produziram, com os motivos que as dictaram? Não sabem todos os homens verdadeiramente serios o que hão de julgar a tal respeito? Não sabem porventura que, se havia lá como em toda a parte factos lamentaveis, elles foram, como dissemos, desmedidamente avolumados, multiplicados pela necessidade da causa que se queria fazer prevalecer, e que, finalmente, as reformas necessarias com as mudanças dos tempos e com as necessidades novas podiam realisar-se sem ruido? Não sabem, n'uma

¹⁾ *Vie du Cardinal Pie*, par Mgr. Baunard, t. I, pag. 592, 665 e seg.

palavra, que se no mundo havia pobres miseraveis esmagados por um governo desapiedado não eram os subditos do Papa? Sabem tudo isso ha muito tempo, e cremos que muitos estão dispostos a concluir, como nós, que, se foi em consequencia de uma rara perversidade que se quiz fazer crer ao universo, que esses Pastores supremos das almas eram para o Estado que temporalmente governavam odiosos tyranos retrogrados e ferozes, é tambem o cumulo da estupidez humana chegar a acreditar isso em massa, tratando-se de um povo que vivia á nossa vista, sob um regimen paternal, sem estar sujeito aos pesados encargos do militarismo e dos impostos excessivos, sem conhecer a chaga do pauperismo e as miserias que roem a maior parte das nações contemporaneas.

Podemos nós pensar que haja nas explicações que ahi ficam com que esclarecer as multidões e trazê-la a idéas mais sãs? Ah! A má fé, o odio ao bem, as paixões perfidas e cruéis tudo minaram de tal forma e ha tanto tempo; semearam tantas calumnias e falsos principios; acharam quasi em toda a parte para cúmplices tanta leviandade e tanta ignorancia, mesmo em pessoas aliás instruidas, — que não podemos illudir-nos. Com certeza é necessario que passem algumas gerações; durante 50 annos ha de haver ainda muito quem repita que o Piemonte tomou os Estados do Papa, porque evidentemente o Papa não sabia governar os seus vassallos, porque não queria reconciliar-se com as idéas modernas, etc. ... Mas ficará assente para os homens esclarecidos, e como verdade adquirida para a historia, que o odio á religião foi mais uma vez o motivo principal da espoliação do Papa e da destruição do seu poder temporal.

(Continúa).

P. G., advogado.



BIBLIOGRAPHIA

Fontes do Direito ecclesiastico portuguez — I.
— SUMMA DO BULLARIO PORTUGUEZ, — *por Joaquim dos Santos Abranches.* ¹⁾ — Temos presente este magnifico trabalho do sr. conego Santos Abranches, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario d'esta cidade. É um livro de valor, interessantissimo para todos os que prezam a boa erudição, indispensavel a todos os que se entregam ao estudo do direito ecclesiastico portuguez e da historia nacional.

O sr. conego Abranches, com uma admiravel perseverança no trabalho e com uma paciencia beneditina, apresenta no seu livro a summula de 2:407 documentos pontificios relativos a Portugal, muitos d'elles ineditos e alguns quasi desconhecidos.

Para melhor se avaliar a importancia e o interesse do livro, vejamos as materias de que tratam os documentos colligidos:

- 1.º A intervenção dos Papas nos negocios de Portugal. —
- 2.º A introducção do Direito das Decretaes em Portugal e seu influxo na legislação portugueza. —
- 3.º Contendas sobre a primazia de Braga e Compostella. Luctas da diocese de Coimbra com a da Guarda e com o mosteiro de Santa Cruz. —
- 4.º Ordens militares e religiosas. —
- 5.º A Universidade de Coimbra e Evora.
- 6.º O direito de padroado e a creação dos bispados. —
- 7.º O

¹⁾ Coimbra, 1896. F. França Amado, editor. 1 vol. in-8.º grande, de LVII-454 pag. — 1\$000 reis.

concilio de Trento. — 8.º A inquisição. — 9.º Faculdades concedidas aos reis de Portugal. — 10.º Os Cabidos. — 11.º Missões catholicas e cruzada contra os mouros e infieis. — 12.º Defeza dos bons costumes, pensões e faculdades concedidas a principes; creação de hospitaes, etc. — 13.º Subsídios para a geographia antiga de Portugal; varias curiosidades, etc.

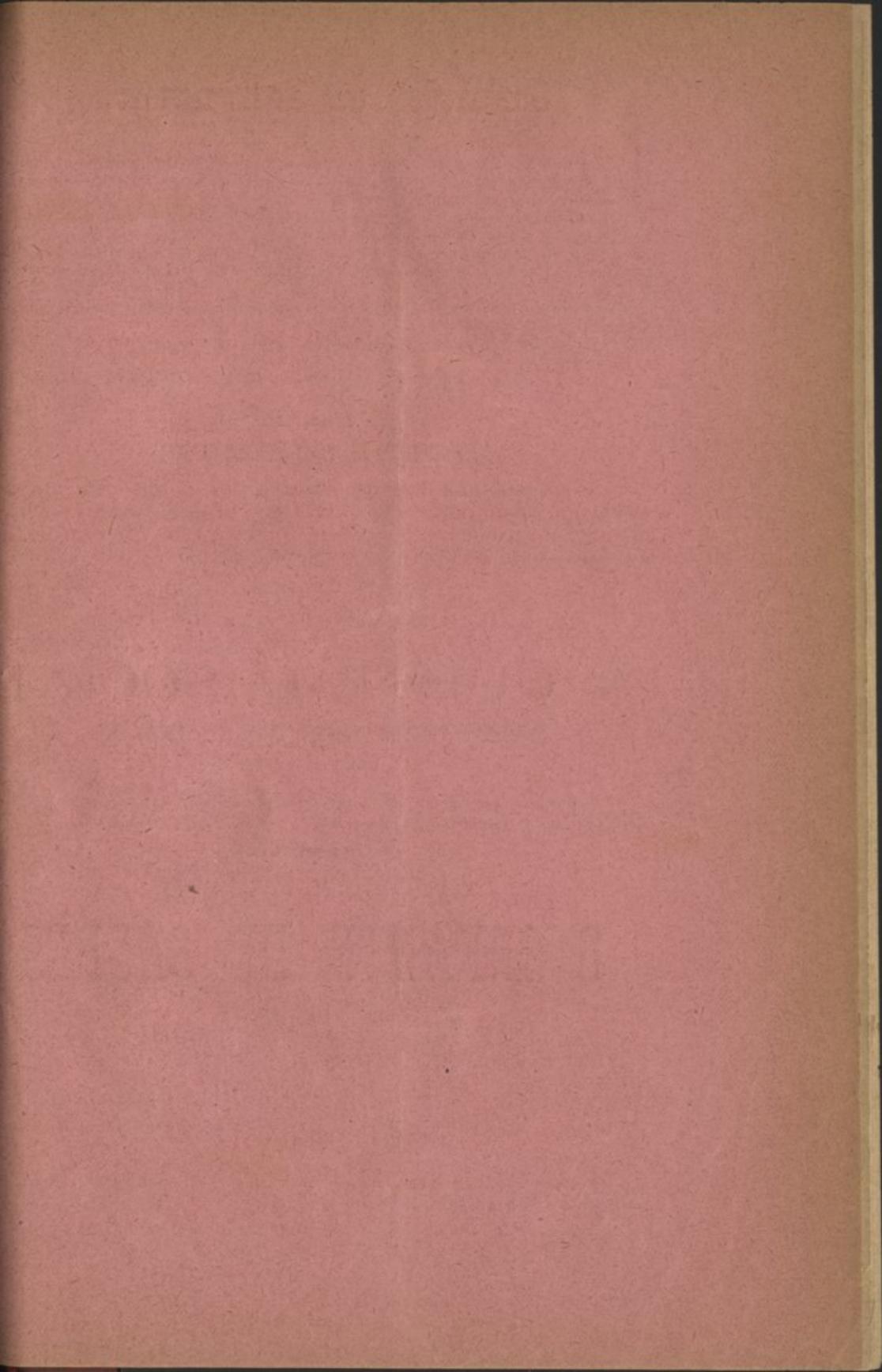
A proposito da Universidade de Coimbra, cujo desenvolvimento e esplendor estão ligados á munificencia dos Pontifices Romanos, escreve o sr. conego Abranches:

... «Seria na verdade um trabalho interessante, debaixo de muitos pontos de vista, se se constituisse o *Bullario* da Universidade, colligindo n'um volume todos os documentos da Santa Sé relativos a este estabelecimento de ensino, que tem uma tão gloriosa historia. Alguns subsidios para essa obra poderá subministrar o nosso trabalho. Não são muitas as Bullas aqui indicadas, sobre este assumpto, mas não quizemos deixar de nos referir d'um modo especial a ellas. São os n.ºs 208, 210, 365, 841, 846, 853, 858, 897, 898, 927, 963, 1103, 1545, 2010, 2252, 2270, 2306, 2390.» ¹⁾

Comprando este livro, os nossos leitores fazem uma boa aquisição.



¹⁾ «Pela analogia que tem com as attribuições da universidade, são tambem dignos de ler-se os n.ºs 538, 685, 877, 2401. A Bulla n.º 906 tambem mostra a protecção pontificia dispensada ás letras.»



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada

no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.º, editores, rua do Almada, 119
— 123, Porto, e em todas as livrarias.

Anno II

MAIO E JUNHO DE 1896

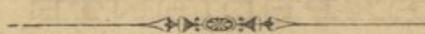
N.º 8 e 9



REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES



DIRECTOR

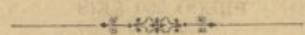
Fortunato de Almeida

QUINTANNISTA DE DIREITO

ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA



SUMMARIO

- I — A descoberta da America (Carta ao barão de Danvers), por Luciano Cordeiro.
- II — A prelazia de Moçambique no passado, (conclusão) pelo Bispo de Himeria.
- III — Africa portugueza (Portos, emporios do futuro, estradas commerciaes, caminhos de ferro), (para continuar), por Ernesto de Vasconcellos.
- IV — A Igreja catholica e a escravatura (continuação), por F. A.
- V — A prelazia de Moçambique no presente (para continuar), pelo Bispo de Himeria.
- VI — Cardeal Jacobini.
- VII — A rehabilitação da mulher, pelo Abbade M. F. Martin.

A DESCOBERTA DA AMERICA

(CARTA AO BARÃO DE DANVERS)

—◆—
Meu caro Barão:

Já um amigo anonymo me enviara de Londres a noticia da conferencia do snr. Oldham sobre a *pre-Columbian discovery of America*, quando recebi a sua amavel remessa do *Times* ¹⁾ em que essa interessante conferencia vem largamente extractada.

Evidentemente, o snr. Oldham está longe de ter produzido, — e até *de poder* produzir, — sobre o assumpto um destes trabalhos que os seus compatriotas classificam, expressivamente, de exhaustivos.

Não admira. Ha mesmo na sua communicação referencias que são verdadeiros equívocos, como, por exemplo, quando traduz do Mappa chamado de Andrea Bianco, por: — *Genuine island*, — a indicação da tradicional: Ilha Antilia (*Island Antilia*). ²⁾

Mas é tambem evidente que o illustre professor se aproxima muito do verdadeiro e pouco seguido caminho que póde conduzir, — e no meu entender conduz necessariamente, — a resolver séria e seguramente a questão, verificando a lenda

¹⁾ *The Times*, nov. 20, — 1894, ju. 12: — *Whodiscovered America*.

²⁾ O snr. Oldham lê — *isola otinticha*, — interpretando: « ilha authentica ».

de Colombo ou a presumpção da descoberta pré-colombiana, como estas cousas devem ser estudadas e resolvidas hoje.

Esse caminho é realmente o do estudo e o da critica conscienciosa, minuciosa e serena do movimento das explorações maritimas iniciadas pelos portuguezes, não apenas, como se costuma pensar e dizer, sob a direcção do grande Infante Dom Henrique, mas desde que Portugal começou a constituir uma nação e um estado historicamente distincto, ao longo da costa occidental mais avançada da Europa.

Colombo fez-se neste meio. Se nasceu na Italia e morreu ao serviço da Hespanha, foi em Portugal que se fez *homem* e foi seguramente por isso e aqui que se fez navegante e descobridor. É um facto irrecusavel, certo.

Ora escusado será dizer que o movimento alludido tem de ser considerado não como um facto esporadico, como o producto de um plano ou de um capricho individual: — tal concepção é radicalmente absurda, — mas como intima e fatalmente relacionado com a formação da nossa nacionalidade sob todos os varios aspectos e elementos concorrentes d'essa formação: — geographicos, ethnicos e politicos.

Assim é que se faz a Historia.

A lenda geral tão explorada pelos politicos e escriptores hespanhoes de que nós somos apenas um termo politicamente desagregado d'esta simples expressão geographica: a Hespanha, tem contribuido para as mais desastrosas illusões e para os mais extraordinarios erros, entre os quaes os que andam vulgarizados a respeito da nossa singular expansão maritima e colonial, aliás bem diversa da dos nossos visinhos.

Assim é que não se tem considerado tambem que duas correntes diversas caracterisam, desde o começo, os nossos descobrimentos: — uma para o Oeste, para os desconhecidos horisontes e mares que se alongam e nos attrahem em face da nossa extensa costa occidental; — outra para o sul, ao longo da costa africana, definindo-se, um dia, na procura das terras orientaes da velha tradição erudita.

O snr. Oldham parece ter tido o presentimento d'este facto extremamente simples mas capital, que espero acabará

por impôr-se a quantos estudarem sincera e sériamente estas cousas.

Desde que a primeira daquellas correntes, já bastante *sangrada* pela segunda, attinge ou descobre os Açores, — a meio caminho do Novo Mundo, — póde dizer-se que a descoberta da America está tão assegurada, como fica a da India, desde que a segunda corrente, continuada por Bartholomeu Dias, monta o Cabo da Boa Esperança.

E note o meu amigo este facto que é quasi uma contra-prova já. Assim como logo depois de Diogo Cão plantar o seu ultimo padrão em *Cross cape*, onde eu dissera que elle chegara em 1485 e onde os allemães acabam de encontral-o, Bartholomeu Dias passa ávante e Vasco da Gama entra no Mar da India; — tambem desde que descobrem e povoam os Açores, os portuguezes lançam-se para a frente na pesquisa de novas terras occidentaes, solicitam, com toda a segurança, a concessão antecipada dellas, e longe de alimentar illusões de que seja navegando para o occidente que acertarão com o caminho do Éste, contam, pelo contrario, com regiões inteiramente desconhecidas e novas. Quando muito, e alguns apenas, sonham com a vaga tradição da *Antilia*. O *Preste João* é que nenhum procura, d'aquelle lado.

Esse absurdo só absorve a imaginação mystica e a geographia theorica de Colombo.

Se foi esse absurdo que o lançou aos mares, foi a corrente antiga e genuinamente portugueza das navegações e descobrimentos para o occidente que o levou a encontrar o contrario do que elle imaginava, o que os portuguezes affirmavam existir, o que, exactamente mezes antes de elle sahir de Hespanha, Dom João II mandava descobrir por dois homens dos Açores: Pedro de Barcellos e João Fernandes *Lavrador*.

Ah, a lenda colombiana tem sido bem injusta para com aquelle grande Rei por elle não ter accite o absurdo de desviar os seus navegadores habeis e praticos do caminho que perfeitamente sabia que nos conduziria á India, para o

do occidente, por onde elle mandava procurar, não o Cy-pango, como queria Colombo, mas bem diversas regiões que o Lavrador, os Corte-Reaes, e mais tarde os Fagundes e Cabral haviam de inscrever nos mappas!

Mas o que se quer, ou o que se diz não haver em valor e numero sufficiente é: factos e documentos.

Sei. Não é sómente com elles que se faz a Historia, é com alguma cousa que os illumine, que os explique, rasoavelmente, e porventura é essa *alguma cousa* mais, que tem faltado a certos fanaticos da exclusiva gloria de Colombo e que tem feito até que elles não vejam e não contem muitos factos e documentos soffriavelmente illustrativos.

Indica alguns o snr. Oldham.

Esses e outros indiquei já na minha monographia de 1876, ¹⁾ depois da qual só tenho tido motivos de revigorar a minha convicção da descoberta portugueza da America, e, o que é curioso, até com argumentos dos proprios que pensam contrariar a idéa d'essa descoberta.

As explorações dos Corte-Reaes são geralmente conhecidas hoje, e embora se tenha entendido que em relação a ellas só possa considerar-se segura uma chronologia posterior á primeira viagem de Colombo, é certo que não tem podido annullar-se a terminante affirmacão de um documento official de principios de 1500, quando diz que já antes haviam andado elles n'aquellas explorações.

Ainda ultimamente se encontrou documento absolutamente insuspeito que denuncia terem sido enviados dois navegantes, dos Açores, em 1491 ou principios de 1492, a descobrir novas terras, chamando se um delles João Fernandes Lavrador. Este nome patronymico, que existe ainda em Portugal, coincide com indicações antigas e precisas ácerca da descoberta e denominação da Terra do Lavrador. Um sabio anglo americano, o Snr. Patterson, publicou ha poucos annos uma importante memoria, em que por exame e obser-

¹⁾ De la découverte de l'Amerique.

vação minuciosa e directa estabeleceu a descoberta portugueza da America do Norte, em relação á qual subsistem numerosas denominações dos descobridores portuguezes.

O proprio Colombo, — e o snr. Oldham tambem cita este facto, — explicava na sua terceira viagem uma variante de rumo, dizendo querer verificar se tinha razão o Rei João de Portugal quando dissera que para o sul se encontrava a terra dos Papagaios, isto é, a America do Sul.

É luminosa a phrase, observa o snr. Oldham. Sempre a considerei assim. É ou vale um excellente documento.

O Rei João só podia ter dito aquillo a Colombo, quando este o importunava com a desastrada idéa de descobrir a India pelo occidente, ou quando regressara da sua tão diversa descoberta, e, em qualquer dos casos, a phrase mostrava que o Rei tinha já noticia das terras americanas. Dom João morreu em 1495.

Mas está assente que nada d'isto baste. Como o *Times* registra, embora a assembleia de Saville Row prestasse o maior credito e a mais amavel attenção ás investigações do snr. Oldham, « o consenso geral da opinião » foi que o caso da descoberta pre-colombiana e portugueza da America não estava provado. Sabemos bem o que é, em ultima analyse este consenso da opinião, todos nós, os que trabalhando seriamente n'estas cousas, a cada momento temos de arcar com os preconceitos e erros que esse consenso consagrou. E com muita rasão vae o *Times* dizendo maliciosamente que é bem certo prevalecer uma grande ignorancia sobre quanto os portuguezes fizeram no passado.

Mas acceitemos as cousas como ellas são, e saibamos esperar, trabalhando sempre por desagrarar e fazer triumphar a verdade, de uma maneira que se imponha irresistivelmente a todos. O que pode dar-nos, o que nos dá muitas vezes a certeza, a convicção intima, segura, indeclinavel de uma verdade, — como por exemplo, o da *pre-Columbian discovery of America*, para o snr. Oldham, para mim, para alguns estudiosos mais, — pode não bastar, e pode até não

poder reduzir-se desde logo a uma forma perfeitamente clara, positiva, irresistível para o « geral consenso » que consagrou e perpetuou um erro ou uma noção incompleta e inexacta. Á força, porém, de paciência e de trabalho, ás vezes até por um perfeito acaso, salta inesperadamente da grande massa das cousas ignoradas, uma scentelha que dissolve inteiramente esse despotico consenso. Precisamente, no caso sujeito, elle póde dizer-se já bastante abalado, e creio mesmo que o snr. Oldham, se não se deixar intimidar por elle, acabará em breve por tel-o do seu lado.

Seu amigo obrigado

LUCIANO CORDEIRO.

A prelazia de Moçambique no passado

(Continuação de pag. 225)

Além dos padres de S. Domingos e de S.^{to} Ignacio, também evangelisaram no valle do Zambeze os augustinianos, que tiveram uma casa em Sena com sua egreja.

Fr. Antonio da Conceição, que em 1696 escreveu o *Tra-
tado dos rios de Cuama*, pertencia a esta ordem.

Diz a historia que percorreu territorios ainda não explorados e que fundou a egreja de Boráes, no districto de Zimbaó e tentou, sem resultado satisfactorio, fundar em Sena um seminario para os filhos dos portuguezes e dos regulos da região; nobres esforços, mas estereis, porque íam contra as leis da climatologia, que são irreductiveis; hoje não tentaria similhante empreza.

Além dos membros das ordens religiosas havia na prelazia mais ou menos clero secular, que juntava os seus esforços aos dos padres regulares. As terras de Barué, ao oeste de Sena, receberam desde 1695 clero secular nas suas missões.

Assim, em 1696, falando da côrte de Barué, Fr. Antonio da Conceição diz que «n'ella assiste por vigario o padre Gonçalo Soares, clerigo do habito de Sam Pedro (secular).

Os reis de Barué, durante muito tempo, não podiam entrar no dominio do seu principado sem que fôsem primeiro baptisados, e ainda nos principios d'este seculo, quando já não havia padres para os baptisar, para a cerimonia da corôação, era o capitão-mór do Sena que simulava o baptismo, lançando agua na cabeça do eleito, segundo leio em uma nota

lançada por mão desconhecida n'um velho alfarrábio, que possuo.

Na cidade de Moçambique estavam também representados os padres de S. João de Deus, que tiveram a seu cuidado o hospital, recebendo por esse trabalho uma pensão da fazenda real; era por isso o instituto mais rico da provincia. D'aqui parece deduzir-se que os outros padres não recebiam da fazenda qualquer importancia em dinheiro, mas simplesmente terrenos para agricultural; o que dava em resultado que as missões, além de extremamente economicas, promoviam a riqueza publica por meio da cultura. Xavier Botelho diz no seu livro *Memoria estatistica*, que «póde affirmar-se sem medo de errar, que só os jesuitas haviam alli (no valle do Zambeze) sesmarias pingues e bem grangeadas. Na Africa Oriental as que possuíam esta Congregação e os religiosos de S. Domingos eram as unicas que prosperavam e floresciaam».

Em 1859, segundo o *Almanack de Moçambique*, a igreja de S. João de Deus estava transformada em pharmacia e sobre o altar-mór assentava o fogão destinado á preparação das tizanas. Foi demolida esta igreja em 1877 ou 1878.

Bem proximo assentava a igreja de Nossa Senhora da Saude, pertencente aos religiosos capuchos, que sempre aqui tiveram poucos padres, abandonando esta terra antes que a isso os obrigasse o celebre decreto de 1834.

Em 1819 foi entregue á confraria do batalhão de infantaria, que, segundo Fr. Bartholomeu dos Martyres, não foi muito solícita em promover o culto, praxe que, d'essa data até hoje, seguem todas as confrarias, de certo correctá e augmentada.

A cêrca junta serviu de cemiterio durante muitos annos; actualmente está em ruinas a igreja e tem servido de deposito de petroleo. A camara municipal está na posse d'estas ruinas, provavelmente por ter sido alli o cemiterio publico dos christãos até á construcção do de S. Francisco Xavier na ponta sudoeste da ilha.

Em 1822, doze annos antes da extincção das ordens re-

ligiosas, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, bispo de S. Thomé e religioso carmelita, escreveu uma memoria sobre os estabelecimentos religiosos da ilha de Moçambique, por onde se vê que apesar de uma grande decadencia, ainda havia algum pessoal e templos, dois elementos que pouco depois desapareceram quasi completamente, para vergonha de uma geração abastardada, sem fé nem patriotismo, que não soube comprehender que em Africa a primeira força, o primeiro elemento do progresso era a religião. D'essa *Memoria* vê-se que o primeiro templo era a Sé, da qual diz o auctor que era grande, magestoso, bem construido, de uma só nave, muito forte e seguro. A capella mór era de abobada de pedra.

A pretexto de que ameaçava ruina foi demolido em 1884; estava, porém, tão seguro que foi necessario gastar, para o demolir, mais dinheiro do que seria preciso para o reparar, se realmente o necessitava. O cair da ultima pedra foi a liquidação de um passado glorioso; qualquer cousa de grande incommodava de certo uma geração em que tudo é pequeno e mesquinho.

A segunda igreja em vastidão e grandeza era a do convento de S. Domingos; foi demolida sob o mesmo pretexto, e provavelmente pelos mesmos motivos que a precedente, em 1854 ou 1855.

A terceira em grandeza era a igreja parochial de S. Sebastião, dentro da praça do mesmo nome, que servia de parochia militar. Hoje é a cozinha da praça, naturalmente para afirmar que entre as exigencias do espirito e as do estomago ha alguma correlação, predominando ha bastantes annos as segundas.

A quarta é a capella dos padres de S. João de Deus, que foi demolida na epocha em que principiaram as obras grandiosas para o novo hospital; no seu lugar se edificou este, que só Deus sabe quando estará concluido.

Vinha em seguida a antiga igreja dos capuchos, que ainda tem as paredes em pé, naturalmente porque ninguem as quiz comprar como aconteceu ao palmar e quintal annexo, que lhe pertencia, que é propriedade d'um mouro,

No meio d'esta derrocada medonha escapou a pequena capella de Nossa Senhora do Baluarte, por estar quasi escondida pelas muralhas da praça de S. Sebastião; a capella de S. Paulo, onde funciona a parochia e a Sé; e a pequenissima capella de Santo Antonio, que depois de abandonada durante muitos annos ás merendas e comêsainas dos Baneanez, que teem devoção com o santo, talvez pelos motivos que lh'a consagram os nossos taberneiros, foi a meu pedido retocada e caiada em 1892, n'ella installei provisoriamente a parochia de S. Sebastião.

Todas estas egrejas, segundo o auctor da *Memoria*, estavam necessitadas de paramentos e alfaias; as solemnidades, que n'ellas se celebravam, eram pouco frequentadas e a influencia christã decahia a largos passos, como se nota d'algumas phrases cheias de amargura do bispo de S. Thomé.

O que diria elle se a Providencia o conservasse para presenciar a ruina futura, completa, que estava imminente?! Ruina que se tem traduzido constantemente pelo triumpho do mahometismo e pelo avançar rapido da barbaria e das trevas!!

Em 1822 a prelazia tinha a organização seguinte :

Em 1822 o governo ecclesiastico de Moçambique constava de um prelado, um provisor e vigario geral, um promotor, dois parochos, um dos quaes era prior coadjutor da Sé matriz, outro vigario da freguezia de S. Sebastião da fortaleza, um capellão da Mizericordia, um dito do hospital, outro da capella de S. Paulo, dois vigarios das terras firmes de Mossuril e Cabaceira e onze freguezias. »

« As freguezias eram ao todo :

Moçambique

Sé Matriz. — Da invocação de Nossa Senhora da Purificação.

S. Sebastião.

Mossuril. — Da invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Cabaceira. — Da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

Cabo Delgado

Anniza. — Da invocação de Nossa Senhora do Rosario.
 Querimba. — Da invocação de Nossa Senhora do Rosario.

Rios de Sena

Quillimane. — Da invocação de Nossa Senhora do Livramento.

Sé de Sena. — Da invocação de Santa Catharina de Sena.

Tete. — Da invocação de S. Thiago Maior.

Zumbo. — Da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

Caya. — Da invocação de Nossa Senhora do Livramento.

Luabo. — Da invocação de Nossa Senhora da Saude.

Macambura. — Da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

Manica. — da invocação de Nossa Senhora do Rosario.

Portos do sul

Sofala. — Da invocação de Nossa Senhora do Rosario.

Inhambane. — Da invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Bahia de Lourenço Marquês ¹⁾. — Da invocação de Nossa Senhora dos Remedios.

A igreja de Caya, no prazo d'este nome, pertencia aos jesuitas; e a de Macambura nas immediações de Sena aos Dominicos.

Hoje as parochias acima mencionadas, as de Querimba e Anniza estão substituidas pela do Ibo, e não existem as de S. Sebastião de Moçambique, Luabo, Caya, Macambura e Manica. »

¹⁾ D. Fr. B. dos Martyres, Bispo do S. Thomé, *Memoria chorographica*, art. 1.º § 5.º (*Usos e costumes*, publicados em 1885 por J. d'A. da Cunha, a paginas 35.

A partir d'esta data e mais exactamente do ultimo quartel do seculo passado, a decadencia foi rapida, absoluta, e, ainda mal para nós, em todos os ramos de serviço; até que já em nossos dias attingiu o nadir do esphacelamento; descer mais não era possivel.

Durante este periodo angustioso muitos templos ruíram e apenas um se levantou, a egreja de Lourenço Marques, sem architectura, sem belleza, sem gosto; synthetisa perfectamente a sua epocha, o que mostra que, se nos faltam outras qualidades, sômos ao menos consequentes.

A agricultura e a pequena industria introduzida pelos frades nas regiões zambezianas perderam-se completamente; no lugar de cada parochia surgiu um commando militar, que nunca nos conquistou o amor d'um indigena, nem dotou a agricultura com uma panja de *sórgho* a mais, nem nos tem garantido das injurias do indigena; no lugar de cada missão nasceu, como dos dentes de Cadmo, um capitão-mór, a entidade mais nefasta que tem atrophiado tudo, representante bastardo do feudalismo medieval, sem a generosidade e as virtudes d'aquelle, e possuindo enormemente ampliados todos os seus vicios; auctoridades, nas mãos das quaes o poder central delegou um mando que não comprehendem e do qual largamente se tem servido para o roubo, o morticínio e atrocidades, que me guardo bem de referir, sobretudo nas terras de entre Tete e Zumbo. Se me não engano, o capitão-mór, como existe no interior da Zambezia, é de invenção genuinamente nacional.

Depois de 1830 eram bem poucas as parochias que tinham parochos, quando existiam seis em toda a provincia era motivo para erguer as mãos ao céu!

Os terrenos pertencentes a esta prelazia que se extendiam do Tungue ao Guardafui e ilhas vizinhas, esses foram completamente abandonados e, primeiro que a soberania temporal passasse a mãos extranhas, tinha passado a jurisdicção espiritual.

Em 1855 não existia um só padre no interior que evangelisasse a doutrina christã e apenas umas quatro parochias do littoral tinham parochos.

A disciplina do clero corria parelhas com o numero; a auctoridade superior secular nomeava os parochos encomendados e exonerava-os a seu bel-prazer; em Portugal ainda vive, segundo creio, um parochos que foi suspenso de todas as funcções parochiaes pelo governador da provincia. Chegou a não haver prelado, nem administrador da prelazia, e, para que nada faltasse n'este feracissimo viveiro de coisas extraordinarias, até em 1869 dois padres se recusam a prestar obediencia ao padre Valentim Fernandes, nomeado administrador da prelazia pelo arcebispo de Gôa.

As poucas egrejas que existiam estavam pobrissimas de paramentos e em estado vergonhoso; quasi todas foram reparadas, mais ou menos, por meio de subscrições abertas entre os fieis, como aconteceu no Ibo, Tete, Quelimane e ainda outras.

Em frente de Moçambique, por abandono completo, perderam-se as grandes christandades de Mossuvil e Cabaceira, christandades que na primeira metade d'este seculo se compunham de milhares de christãos e que hoje não têm dezenas; quasi todos os habitantes são mouros, sobretudo os que nasceram ha 40 annos a esta parte, e os capitães môres das terras firmes chegavam a baptizar pretos adultos solemneamente, de certo levados pelo seu encendrado amor á religião.

Os archivos da camara ecclesiastica e os das parochias foram queimados, roubados ou consumidos pelo *muchem*, havendo falta quasi absoluta de documentos. Não ha muito em Lisboa um amigo me offereceu dois volumes da correspondencia official d'esta prelazia, volumes que outro amigo lhe tinha dado e que não existiam aqui, porque o prelado d'essa epocha entendeu que a correspondencia official era propriedade sua e que d'ella podia dispôr á sua vontade.

Tal é, esboçado a traços largos, o estado em que esta prelazia se arrastou até ha poucos annos, sem energia, sem vida christã, sem orientação, sem conhecimento dos altissimos deveres espirituaes e temporaes, que lhe estavam confiados; sem clero, sem templos, sem meios, emfim, de conservar algumas das suas antigas glorias.

Nada mais natural do que perguntar-se agora porque cahiram tanto a influencia religiosa, tantas casas conventuaes, tantas parochias e tantas missões?

A resposta teria de ser longa para ser completa, e eu não desejo dal-a, ao menos por agora por falta de tempo. Apontarei apenas os principaes factores d'essa ruina:

O primeiro foi com certeza a nossa tendencia de raça muito apta para todas as aventuras heroicas e generosas, mas incapaz de perseverança em qualquer commettimento de trabalho porfiado e tenaz. Apenas se verificou que as minas de oiro e prata, cujo valor muito ampliado no principio, não satisfaziam a cubiça sem limites dos exploradores, foram estes retirando pouco e pouco para a exploração mais lucrosa das minas americanas. Agricultura nunca existiu na nossa Africa Oriental, porque nunca com ella nos importámos e só ella poderia collar ao sólo feracissimo os pés dos nossos colonos. Ainda hoje se não tem querido vêr a verdade a este respeito; todo o mundo pede minas, que ou não existem ou estão exgottadas, e ninguem quer terreno para agricultural e colonisar, os quaes constituem a verdadeira mina n'esta costa.

O segundo foi a expulsão dos jesuitas d'estas regiões, tendo os dominicanos, que já decahiam por falta de pessoal, de dividir-se por paizes muito mais vastos do que permittiam as suas forças. Ás missões dos xvi e xvii seculos faltavam elementos de primeira importancia para um bom resultado definitivo, como era o elemento feminino na educação da mulher indigena; os nossos grandes esforços nunca deram um resultado completo, porque ficamos sempre a meio.

Um missionario, por melhor que o supponhâmos, nunca será apto para instruir convenientemente o elemento feminino indigena, que é talvez o mais importante pela influencia que forçosamente ha de desempenhar na vida social da familia preta.

O terceiro foram as guerras peninsulares e mais do que essas as intestinas que, empobrecendo o paiz e concentrando as atenções do governo central, o impediram de attender ás verdadeiras necessidades coloniaes.

O quarto foi o decreto da extincção das ordens religiosas nas colonias, quando não tínhamos, por assim dizer, outro clero nem bom nem mau, que substituísse aquellas.

O quinto, emfim, foi um certo espirito de hostilidade que durou por muitos annos depois da extincção dos frades e que reinou cá e lá, não deixando vêr que ao passo que se refaziam e organisavam outros serviços, não se devia abandonar o ecclesiastico, como um dos mais efficazes meios de civilisação do indigena e primeiro factor d'uma influencia certa e proficua para a patria.

Quando todas as nações coloniaes lançavam mão das missões como elemento de progresso e proveito, nós continuavamos obstinadamente apartando das nossas esse elemento poderoso; e assim no fim de muitos annos encontrámo-nos na infancia, quando os que vieram bem depois de nós entraram ha muito no periodo da virilidade colonial.

BISPO DE HIMERIA.



AFRICA PORTUGUEZA



Portos, emporios do futuro, estradas commerciaes,
caminhos de ferro

As duas provincias africanas de Angola e Moçambique têm estado em foco desde que as grandes nações europêas, com uma sofreguidão leonina, resolveram fazer a partilha politica do grande continente, sem se importarem com os direitos seculares d'aquelles que, com sacrificios de vidas e sangue, lhe desvendaram os mysterios. Estando ellas tanto em evidencia urge que os governantes tenham o maximo cuidado com a administração ultramarina e procurem desenvolver os recursos que de taes territorios podemos auferir.

Angola e Moçambique, no occidente e oriente d'Africa, possuindo os melhores portos das duas costas e sendo cortadas por alguns importantes rios navegaveis, offerecem excellentes condições naturaes tendentes a facilitar a exploração commercial da Africa central, ao sul do equador, com proveitosos resultados para a nossa patria. É preciso, porém, antes de tudo, estudar quaes d'esses portos se devem escolher, como mais convenientes, para servirem de testa de linha ás vias de comunicação que lhes hão de conduzir o trafego mercantil dos grandes centros productores do interior. Uma vez determinado o porto ou portos destinados a taes fins, convem dotal-o com todos os melhoramentos modernos, afim

de incitar a grande navegação oceanica a procural-os sem constrangimento: porque os portos são, por assim dizer, os umbraes que se devem transpôr com a maior commodidade para não afugentar a concorrência. Um dos meios conducentes aos resultados propostos é a illuminação das costas com bons pharoes de grande aterragem e demais luzes de differentes ordens constituindo um bem elaborado plano de alumiamiento e balisagem.

N'esta ordem de idéas muito já temos feito e pelo que respeita a Angola a sua costa acha-se muito regularmente illuminada, possuindo alguns dos seus portos as luzes convenientes para poderem ser demandados a qualquer hora. Na provincia de Moçambique, com quanto a illuminação não seja tão perfeita como a de Angola, já alguns dos seus mais frequentados portos como Quelimane, Moçambique, Beira e Lourenço Marques, se acham dotados com alguns pharoes e balisas maritimas, marcando notaveis progressos, e em pouco tempo, os restantes portos occupados estarão em boas condições de balisamento de pharolagem.

No archipelago de Cabo Verde, devido á iniciativa do governador geral, conselheiro Sampaio, começou a pôr-se em execução um bem elaborado plano de alumiamiento que está prestes a concluir-se praticamente, sendo o ultimo pharol que allí se accendeu o da ponta SW de S. Vicente, junto á bahia de S. Pedro, e que marca a entrada do canal de S. Vicente á grande navegação que vem do sul. Na Guiné não se construíram por emquanto os pharoes precisos, mas acham-se balisados alguns dos seus canaes mais frequentados e perigosos, satisfazendo ás necessidades da navegação durante o dia. Em S. Thomé tambem a illuminação da costa d'esta importantissima ilha tem merecido a attenção dos seus governadores, e o porto de Anna de Chaves está convenientemente illuminado.

Pelo que fica exposto se vê claramente que Portugal muito tem attendido a este serviço na Africa inter-tropical, conseguindo, em poucos annos, executar, e em breve concluir, um bom systema de alumiamiento e balisagem nas costas, barras e portos das suas possessões. Cumulativamente tem-

se ido igualmente estudando varios portos e enseadas anteriormente desconhecidas e os seus planos hydrographicos teem vindo a publico devido aos esforços da Commissão de Cartographia do ministerio da marinha e ultramar; citaremos, entre outros, os planos da *Barra e Porto do Chinde, Costa desde a Ponta de Bajona até á de Namalungo, Foz do Pungue e do Busi, Barra do R. Linde, Rio Macuse* desde a barra até 25 milhas da foz, *Barra do Limpopo, Archipelago de Bazaruto e costa fronteira, Barra do R. Licungo* todos na costa oriental d'África; e os da *Costa entre Landana e Massabi, Ponta de Banana á Bahia de Cabinda, Enseada do Quicembo, Porto das Salinas, Porto da Furna e Porto da Fajã d'Água* na ilha Brava, *Bahia do Tarrafal* na ilha de S. Thiago, todos no oeste africano.

Feitas estas considerações preliminares, que tivemos de resumir o mais possivel, por não caber no espaço com que contamos, podemos entrar mais directamente no assumpto de que temos de nos occupar.

O unico grande porto de escala que Portugal possui no Oceano Atlantico é o de S. Vicente de Cabo Verde, onde a grande navegação encontra meio de facilmente satisfazer as suas mais justas ambições.

N'este seguro e vasto porto podem os maiores transatlanticos surgir a qualquer hora, quer de dia quer de noute, e communicarem com todas as partes do mundo por meio de estação telegraphica submarina. O carvão da melhor qualidade alli se encontra fazendo-se rapidamente o abastecimento para o que as companhias alli estabelecidas se disputam primasias; a aguada e refrescos tambem se alcançam facilmente e são de boa qualidade, e desapareceram os embarços da alfandega que, antigamente, por má comprehensão se faziam. Os refrescos provém em geral da ilha de Santo Antão onde se produz o melhor café de Cabo Verde, sobretudo o da Ribeira das Patas na costa SE. da ilha, que é para muitos superior ao Moka.

Para se apreciar a importancia do porto de S. Vicente como estação carvoeira, basta mencionar que entre setenta

e quatro depositos d'este combustivel existentes em differentes partes do mundo, só tres importaram mais carvão do que este porto no mez de janeiro de 1890; e esses foram Malta com 48:832 toneladas, Port-Said com 89:880 toneladas e Singapura 38:688 toneladas, sendo a importação em S. Vicente representada por 36:638 toneladas.

Se como estação carvoeira este porto é um dos primeiros do mundo, pôde converter-se em um bom porto commercial se fizermos d'elle o interposto para carregamento de café que se produz em Santo Antão, Fogo, S. Thiago e S. Nicolau e em outras das importantes ilhas d'este archipelago. Este melhoramento realisa-se facilmente por meio de uma bem estudada navegação de cabotagem entre estas ilhas e determinando-lhe uma organização administrativa semelhante á que têm as ilhas chamadas adjacentes.

Na ilha de S. Thiago, onde está estabelecida a séde do governo na cidade da Praia, existe, além do porto d'este nome, um outro destinado a largo futuro como porto de serviço e escala para a cabotagem insular; fica situado junto á ponta N. da ilha na costa NW.: é a bahia do Tarrafal, que constitue a notavel sahidá para a exportação d'esta ilha, pois fica mais proxima da região productiva no concelho de Santa Catharina. Pensa-se actualmente em estabelecer alli um aquartelamento vasto para a acclimação das tropas destinadas á legião colonial. Por nossa parte achavamos preferivel que esse estabelecimento fosse na ilha Brava, por ser talvez a mais saudavel do archipelago. Esta escolha teria por fim occorrer em grande parte á crise que esta ilha tem atravessado. O porto da Fajan d'Agua e o da Furna offerecem boa ancoragem; o primeiro para navios grandes, e o segundo, que é uma verdadeira doca, para navios de inferior lotação. A industria caracteristica d'esta interessante ilha é a dos artefactos de palha, da qual se pôderia tirar aproveitamento introduzindo o uso dos seus magnificos chapéus de palha na nossa marinhagem de guerra. Os chapéus da Brava rivalizam com os melhores do Panamá.

Um dos ramos mais importantes de commercio do archi-

pelago cabo-verdeano foi durante muitos annos o da exportação do sal extrahido das ilhas do Sal e Boa Vista; hoje acha-se paralyzado devido á fraca importação no norte do Brazil, mas poderá reviver se se attender á magnifica situação d'estas duas ilhas relativamente á pesca do bacalhau no banco d'Arguim, e outros pontos da visinha costa africana, que pôde ter um largo desenvolvimento, convertendo estas ilhas em uma outra Terra Nova, com a circumstancia favoravel de ter alli logo o sal e vasto campo para seccagem e preparação d'este magnifico alimento. Actualmente existe já um pequeno inicio da industria de seccagem de peixe que é exportado para a costa do golpho de Guiné e ilhas de S. Thomé e Príncipe.

A aguardente de canna e o assucar tambem podem constituir um bom elemento industrial, que convem fomentar e desenvolver com a attenção que merecem. A mancarra pouco valor já tem devido aos seus succedaneos que lhe têm feito concorrência.

Passando á Guiné Portugueza, que é uma colonia de extracção, diremos apenas que o seu melhor porto é o da Bolama, accessivel a navios de 4:000 toneladas pelo canal de Orango, e que logo que esteja bem illuminado e balisado poderá ser o interposto de todo o districto e o porto de sahida para o Futa Ajallon, se por meio de uma boa politica local conseguirmos abrir e conservar o caminho commercial de Dandum para Buba, desviando-o de Boqué, porto francez do Rio Nuno Tristão. Bastaria construir uma estrada ao longo da orlada vertente sobre a margem esquerda do Rio Grande ou Colibá ou então aproveitar a navegação d'este, se a der, até ao vau ou cachoeira de Colibá, e construir depois a partir d'este ponto um pequeno caminho de ferro Decauville na extensão de 32 kilometros para o porto de Buba. N'este porto embarcariam os productos commerciaes para Bolama onde se transbordariam para os navios occceanicos, ou estes iriam até Buba caso o seu calado d'agua permittisse. Convergindo a Bolama, de todos os portos do districto, o commercio, encontraria facil sahida e a cabotagem teria grande desenvolvimento.

Como as estradas naturaes da nossa Guiné são os rios que cortam todo o districto, seria preciso augmentar a fiscalisação e policia fluvial e costeira, por meio de uma esquadilha de lanchas canhoneiras, de modo a ter uma sempre empregada no rio de Cacheu, outra no de Bissau e Geba, outra no rio de Bollola e outra no rio Combidian e Cassini.

Nos ilhetas de Cayó estabelecer-se-hia um posto de policia fiscal maritima e uma estação de pilotos para os navios que os pedissem. Na ilha de Orango havia apenas um posto de policia de mar, além do pharol que lhe deve ser destinado.

A provincia de S. Thomé e Príncipe tem um unico porto commercial que é o de Anna de Chaves, no qual seria preciso fazer estudos conscienciosos para se poder ter idéa dos melhoramentos que elle comporta. O Rio Agua Grande e a bocca da valeta que desagua o pantano por detraz da fortaleza de S. Sebastião, abrindo para o recesso mais ao fundo da bahia, são uma causa permanente do assoriamiento d'esta. Uma pequena draga que limpasse uma parte da camada de areia do fundo d'aquelle recesso faria um excellente serviço, e daria logar a que os palhabotes e outros pequenos navios que fazem o serviço ao longo da costa podessem alli fundear, deixando por fóra ao NNE. da fortaleza o ancoradouro para os paquetes e navios de guerra.

N'este porto o serviço de carga e descarga é feito por meio de lanchas de véla, que, subordinadas á acção do vento difficultam e tornam moroso este serviço. A mudança da ponte caes mais para o norte da bahia onde ha maiores fundos e o seu prolongamento até á profundida minima de 1,^m83 permittiriam que se organisasse um serviço de barcaças a vapor como as *steam-lighters* dos inglezes, que em poucas horas faziam as cargas e descargas dos paquetes e navios de commercio. Estes barcos poderiam nos intervallos das chegadas dos paquetes serem empregados a transportar para os armazens de retem da cidade os productos agricolas das fazendas mais affastadas e que embarcam nos pequenos portos que mais perto lhes ficam. A ilha de S. Thomé precisa de

uma boa estrada peripherica ao longo da costa e de um sistema de estradas cortando a parte NE., a mais cultivada da ilha, em ligação com aquelle caminho ao qual de diversos pontos convergiam outros rios secundarios de communição.

O caminho de ferro em que tanto se tem fallado, sobretudo para ligar a villa da Trindade com a capital da ilha, é sem duvida para muitos uma vantagem, mas não se nos affigura de remunerador emprego de capital; porque os agricultores, tendo de continuar a manter os seus carros e bois de serviço para transportes, afim de conduzirem das suas roças para aquella villa, o café, cacau, a quina, etc. não duvidariam em os enviar logo para o porto de embarque, o qual muitas vezes lhes ficaria mais commodo e mais economico e em muitos casos mais proximo.

A ilha de S. Thomé, que é sem duvida alguma a primeira colonia agricola do nosso paiz, e igualmente a primeira de todas as colonias europêas do mesmo genero da costa occidental d'Africa, tem tido um notavel desenvolvimento agricola n'estes ultimos quinze annos, e tem diante de si um prospero futuro logo que se ache toda arroteada, para o que não lhe falta muito. A sua difficuldade é a falta de braços que têm de ser contractados fóra, quer na costa do Krou ou na do Dahomé, quer no sertão de Novo Redondo. Actualmente ensaia-se a introdução dos trabalhadores chinas, que não deve dar maus resultados; enquanto os trabalhadores de outras proveniências forem em maioria, elles devem ser apenas para supprir as faltas dos africanos. Contrabalança-se d'este modo o perigo da immigração china já conhecido em outros logares.

As culturas dominantes de S. Thomé são o café, cacau, chinchona.

As chinchonas são a mais recente cultura; a sua introdução, na ilha data de 1864. Para mostrar o desenvolvimento d'esta cultura, basta dizer que a producção em 1887 foi de 15:260 kilos, elevando-se em 1891 a 49:191 kilos. A quina proveniente é em grande parte aproveitada na fabricação nacional do sulfato de quinina, na fabrica do Lumiar, que produz hoje o melhor sulfato conhecido.

Além d'estas culturas produz mais a ilha a canna sacharina, azeite de palmeira, coconote, etc.

Seria para desejar que, attenta a diversidade de altitudes da ilha e á sua exuberante vegetação, se ensaiassem praticamente as culturas da coca, da kola e da camphora, por conterem em si principios activos que largamente se empregam na medicina, cada vez com maior desenvolvimento.

As madeiras de construcção das mais variadas especies abundam em toda a ilha e o seu corte methodico dá margem a largos lucros.

O sr. Nogueira, na sua excellente memoria ácerca da ilha de S. Thomé, diz, com toda a razão, que «os agricultores de S. Thomé reconhecem hoje por experiencia, que a multiplicidade das culturas é o meio de se pôrem a coberto das crises que resultam da inconstancia dos mercados.» A unificação da cultura foi causa de graves crises por que a ilha passou, sendo a mais notavel a produzida pela producção do assucar do Brazil, que aniquilou completamente a cultura da canna n'esta ilha.

Na ilha do Principe, que teve grande esplendor no tempo das missões jesuiticas, as culturas são as mesmas que em S. Thomé, faltando apenas aquellas que são proprias das grandes altitudes que esta ilha não possui, predominando entre todas a cultura do cacau, que é das mais remuneradas pelo pequeno dispendio que faz ao agricultor. A ilha do Principe tem o seu porto commercial na bahia de Santo Antonio, onde está concentrada a administração local e a residencia do governador, etc. O porto é mau e por isso haveria toda a conveniencia em mudar a séde do governo local para a bahia do Oeste, cujo porto é excellente e vasto, e abrigado dos maus ventos; uma pequena estrada ligando a cidade de Santo Antonio com esta bahia e uma linha telegraphica em conexão com a estação do cabo submarino poriam este porto em facil comunicação com o exterior.

Uma poderosa companhia nacional tem hoje concessão para explorar a parte sul da ilha, que desde tempos immemoriaes tem estado inculta e para onde se não dirigiu nunca

nem a antiga civilização nem os antigos colonos. Se ella conseguir cultivar esta enorme area de terrenos até agora incultos, terá creado uma fonte de receita importante para ella e para o estado, e marcará uma nova era de prosperidade para esta pequena mas encantadora ilha.

Caminhando para o sul resta-nos fallar da provincia de Angola, possuidora de ricos territorios que se extendem por uma superficie de 1.250:000 kilometros, desde o Congo até ao Cunene e Cubango.

São tão variados os productos naturaes que se colhem n'aquelle uberrimo solo, que seria fastidioso enumeral-os a todos sendo demais a mais tão conhecidos dos africanistas.

Cortada de innumerios rios, muitos dos quaes são navegaveis nos seus cursos médios e inferiores, pôde suppôr-se dividida por cinco grandes bacias hydrographicas; a do Zaire, drainando grande parte dos districtos do Congo e Loanda e todo o districto da Lunda; a do Cuanza, inteiramente comprehendida no territorio provincial e ao centro d'elle; a do Cunene, ao sul, abrange uma parte importante dos planaltos salubres dos dois districtos de Benguella e Mossamedes, a do Cubango e a do Zambeze até aos rapidos de Catima occupa a maior area da provincia. D'estas bacias pôdem reputar-se insalubres as do Cuanza e do Zaire, e devem reputar-se em geral os territorios que as formam improprios para a fundação de colonias europêas, que só poderiam viver nas montanhas elevadas que formam as divisorias d'aguas ente essas bacias hydrographicas.

Na bacia superior do Cunene é onde se têm feito ensaios de colonisação com bons resultados, tendo-se estabelecido umas tres ou quatro colonias que muito podem prosperar, no dia em que a viação accelerada leve ao planalto o meio facil de transportes para a costa, de modo que as grandes colonias possam dar sahida aos seus productos agricolas, industriaes e mineiros.

Na grande faixa de terrenos elevados que se estende NE. — SO. desde a Huilla até ao Bihé, é que pôde dizer-se a colonisação branca terá o seu melhor campo de exploração.

Estes territorios, constituindo um planalto com uma altitude média de 1500 a 1600 metros acima do nivel do mar, são extremamente prestaveis para estabelecimento de um bem estudado systema de vias de communicacão, que se devem combinar com as secções navegaveis dos rios, taes como Cunene, Cubango, Cuito e Cuando medios, nos quaes deviam circular pequenas flotilhas de embarcações apropriadas para os serviços de transporte, de policia e posta; d'esta forma, sem grandes dispendios, poderiam aquellas colonias extender a sua acção exploradora e commercial até ao Mucusso, Dirico e Zambeze, apoiando esta sua acção em convenientes portos de occupação auxiliados por missões e dispostos nos locaes mais vantajosos e por forma a poderem facilmente prestarem-se soccorro e auxilio quando d'isso carecessem. E' claro que não queremos com isto dizer que no vastissimo planalto do sul da provincia não haja muitos outros locaes proprios para largas colonias de plantação, criação de gado bovino e lanigero, criação de abestruses, etc.

A exploração da borracha, que se encontra entre as regiões dos Ambuellas e Ganquellas, agora que está entregue ao distincto botanico da Universidade dr. J. A. Henriques o estudo e classificacão do arbusto que a dá, e foi escolhido completo, com fructo e flôr, pôde ser origem de uma cultura methodica e não se extinguir o arbusto pela colheita feroz feita pelo indigena, e que, no dizer do padre Lecomte, em dois annos mais não restará alli um unico pé d'esta util planta.

A abundancia de gados que se nota em todo o districto sul de Angola faz-nos lembrar, na possibilidade de o convertermos n'um paiz de *saladeros*, como a America do sul, nas margens do rio da Prata; basta para isso baratearmos e multiplicarmos os meios de transporte.

O apparecimento do quartzo aurifero na região de Cassinga e margens do rio Chitanda é outra causa de engrandecimento e prosperidade d'esta parte da provincia, de que nos estamos occupando, sobretudo se elle fôr tão rico como se afirma.

Por todos estes motivos precisamos urgentemente não levantar mão dos assumptos ultramarinos, chamando para elles a attenção dos governos, para serem cautelosos, firmes e energicos na administração colonial, e comprehenderem que é urgente occupar, pelo commercio e pela industria, tão vastas e ricas regiões como aquella a que nos reportamos.

Temos visto summariamente qual o futuro que parece reservado á região entre Cunene, Cubango e Zambezia; restanos tratar da parte norte situada nas bacias do Cuanza e do Zaire, n'uma zona eliminadora para o europeu, onde pelo lado agricola só pode haver a fazenda ou plantação dirigida por europeus e trabalhada por indigenas. Estão n'este caso as fazendas do Cuanza e as das margens dos pequenos rios desde o Ambriz até ao Giraúl, onde se procede á cultura da canna saccharina. No Cuanza ha as grandes plantações de café, no Cazengo. O caminho de ferro de Loanda a Ambaca, que já entrou na região onde se produz o café, é natural que promova o desenvolvimento d'estas plantações e das de canna de assucar. Mas a principal exploração dos concelhos de leste de Loanda é o commercio de marfim, cera, borracha, etc., que as caravanas e aviados das casas de Malange e Duque de Bragança costumam angariar nas suas viagens de exploração commercial para os sertões do leste e NE.

A acção do Estado Independente do Congo, essa grande companhia soberana da Africa central equatorial, é de molde a fazer concorrência ao nosso commercio com a Lunda e com a Garanganja; porém, se nós tivermos meio de levar a viação accelerada a Malange e prolongal-a para SE., etc., ao Peho, como veremos adiante, poderemos combater efficaçmente aquella acção e manter a preponderancia commercial, pelo menos como intermediarios, se as nossas nascentes industrias de algodões não derem para o consumo.

Vem a proposito dizer que no districto de Mossamedes poderíamos sustentar algumas fabricas de tecidos d'algodão unicamente para consumo africano. Uma tentativa no genero, já feita, em pequena escala, mostra que não é utopia o que dizemos.

Ficando esboçados genericamente os pontos que é preciso atacar n'este labutar incessante do commercio ou troca de productos de fabricação europêa pelos productos naturaes do continente africano, resta-nos ver ainda como poderemos attingir esses pontos e por que meios.

Em toda a costa de Angola, sem contar com o Zaire inferior, ha cinco grandes portos que podem servir como testas de linha, quer para a viação accelerada de grande penetração, quer para a de interesse restricto. São elles Loanda, Lobito, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres; d'estes apenas a de Loanda tem uma linha ferrea de penetração, como o proprio titulo de companhia indica, que está já em exploração até proximo de Ambaca, n'uma distancia de perto de 250 kilometros.

O porto de Loanda, bem conhecido dos navegantes, é de vastas dimensões, inteiramente abrigado, n'elle podem entrar os maiores navios do mundo; tem uma superficie ancoravel de 887 hectares, medida entre o extremo baixo e linha que vae da ponta da ilha ao forte S. Pedro, o seu fundo minimo dentro d'esta area é de 7 metros e o maximo de 27: calculando para cada navio fundeado uma harea de 6 hectares, temos que o porto pode conter 148 navios. A sua illuminação satisfaz completamente ás necessidades da navegação, e o governo local adquiriu uma draga para limpeza do canal que contorna o baixo ao longo da margem e conduz ao caes da alfandega de desembarque, bem como vae montar um plano inclinado. Projectou-se junto á ponta da Mãe Izabel uma grande ponte em T para os navios atracarem; outros, porém, dizem que seria preferivel prolongar a linha ferrea em caes marginal até ao morro de S. Miguel, passar em viaducto para a ilha, e seguir, ao longo da margem interior d'esta até proximo do deposito da estação naval, onde o *perau* encosta a terra, sendo facil fazer aqui o caes para navios acostarem.

Qualquer dos projectos é bom, sendo comtudo o ultimo o que mais aformosearia a bahia, tendo além d'isso a vantagem de transformar a ilha n'um arrabalde saudavel de Loanda, onde os seus habitantes podessem, durante a estação mais

quente, gosar a fresca viração que sopra quotidianamente do mar.

Completados os meios de facilitar o movimento mercantil, o porto de Loanda preparar-se-hia para ter no futuro um longo trafego, pelo prolongamento do caminho de ferro de Ambaca para Malange e d'aqui para SE. atravez do Songo, em direcção ao Pého, importante centro de convergencia dos caminhos commerciaes da Garanganja, do Cassai e do Chinte e perto do qual correm alguns rios de longos pèrcursos navegaveis, que facilitariam muito os meios de transporte, drainando ao Estado Independente do Congo uma grande parte do commercio que elle está desviando para o norte, servindo-se das vias navegaveis da grande bacia do Zaire.

Este trajecto a que o commercio é obrigado, augmentando grandemente o percurso, traz como consequencia uma despeza de transporte mais elevada, do que aquella por que o caminho de ferro que propomos conduzirá á costa os productos mercantis do centro d'Africa.

Poderão alguns objectar que o caminho de ferro para o Pého deve partir do Lobito e dirigir-se pelo Bailundo e Bihé, mas isto traria como consequencia o ter de se montar uma segunda linha ferrea com os seus encargos respectivos, a que deveremos accrescentar a necessidade de uma terceira linha accelerada para serviço dos colonos europeus do planalto de Mossamedes, quando pela direcção dada ás linhas que propomos se supprime uma d'essas em que tanto se tem fallado.

O porto que pela sua importancia especial se deve considerar logo apoz o de Loanda é o do Lobito, que até hoje tem estado desaproveitado, fazendo-se todo o movimento commercial pelo porto de Benguella, situado n'uma enseada aberta e sujeita ás grande *calemas* que tanto transtorno causam ao trafego marítimo.

A bahia do Lobito tem uma area ancoravel de 429 hectares, cuja profundidade varia entre 6, 5 e 40 metros, podendo conter fundeados 71 navios de alto bordo. A sua disposição e orientação é muito semelhante á do porto de Loanda; inteiramente limpo, bastaria collocar junto á ponta

N. da península um pharol de aterragem e uma luz de porto no recesso ao fundo da bahia, para ser facil demandal-o em qualquer hora da noite.

O unico inconveniente a notar no Lobito é o da falta de agua potavel; a nascente que alli existe é insufficientissima para o abastecimento dos navios. É verdade que não se têm feito as devidas pesquisas, sendo possivel vir a encontrar agua doce; de contrario pode-se occorrer a esta falta canalizando a agua do rio Catumbella, importante manancial que fica a 6 kilometros pelo sul da bahia e que facilmente abasteceria o porto sem grande dispendio.

A bahia de Lobito, considerada como testa de uma linha ferrea, teria a vantagem de não deslocar os dois importantes centros commerciaes da Catumbella e Benguella, já hoje ligados por um caminho de ferro que, necessariamente, por seu turno, ligaria com o que partisse de Lobito para o interior.

Sendo Caconda o centro da região colonisavel a que já nos referimos, é para este ponto que o caminho de ferro de Lobito se deve dirigir, continuando para SE. atravez do Luceque em direcção á parte superior do Rio Chitando, no importante centro aurifero de Cassinga, e descer pelos valles do Bale e Cubango até Massaca a jusante das cachoeiras de Maculungungo, onde teria o seu terminus. E' n'este ponto que principia a navegabilidade do Cubango, a qual se alonga até Andara, extremo da nossa fronteira sobre o rio no fertil paiz do Mucusso.

Esta directriz, atravessando uma região riquissima, conforme dissemos acima, teria a vantagem incontestavel de aniquilar o projectado caminho de ferro allemão de Swakop a Catima no Zambeze, e de fazer desviar o commercio do Barotze e Maxaculumbe para a costa portugueza, inutilizando por seu turno o ramal da grande linha ferrea do Cabo a Machona, que se projecta fazer partir de Shoshong para as cataractas Victoria ou Mosioatunia no Zambeze.

Pelas duas linhas ferreas que propomos ficavamos senhores do commercio das mais ricas provincias da Africa central meridional, o qual viria desembocar aos dois melhores

portos da costa occidental d'Africa, o de Loanda e o do Lobito, que se converteriam em dois interpostos de primeira ordem.

Continuando na nossa revista dos portos de Angola, devemos considerar em seguida aos anteriores o porto de Mossamedes, ao fundo do qual está edificada a sympathica villa do mesmo nome, e que, com tão justa razão, gosa a fama de ser a mais saudavel das nossas villas da beira-mar de Angola; circumstancia que contrasta com a aridez apparente que apresenta o enorme areal, envolvente da villa, onde não cresce uma unica arvore. Todavia, por baixo d'esta areia, brota a agua logo a dois ou tres pés de profundidade, de modo que todas as moradias podem ter o seu pequeno jardim e horta, vindo as flores e hortaliças perfeitamente entre a areia fazendo a admiração dos que não conhecem a razão d'isso. Os habitantes, em geral, bebem agua d'esses poços ou *cacimbas*, o que hoje os prejudica bastante, sendo causa de algumas doenças infecciosas motivadas pelo uso incessante de se fazerem os despejos para estrumeiras, d'onde se infiltram liquidos nocivos que vão inquinare a agua das cacimbas proximas.

Tem-se por isso feito tentativas para encontrar agua a maiores profundidades, sobre tudo para o interior desde o littoral até proximo de Capangombe, na base do enorme degrau natural que se chama Serra da Chella; mas até hoje essas pesquisas têm sido infructiferas, mesmo com o emprego dos tubos artesianos, como se fez em Argel. A falta d'agua n'esta parte do districto é a principal causa do seu atrazo agricola, e difficulta as transacções com o interior, tão rico em gados, os quaes não pôdem vir ao porto sem risco de morrerem pelo caminho á sede, pois rapidamente se exgotaria a agua dos depositos chamados Pedra Grande, Pedra do Major, Providencia, etc., que se encontram ao longo da estrada de Mossamedes nos pontos onde se acampa.

A falta absoluta d'agua prejudica a construcção de um caminho de ferro que chegou a ser estudado por conta do governo; mas, apesar das diligencias e concessões feitas,

ainda não se conseguiu levar a cabo, com prejuizo das colonias que em volta da Huilla se foram estabelecer n'aquella doce esperança; hoje, com os estudos feitos acerca das aptidões agricolas do planalto, mostra-se que a faxa para NE. da Huilla é mais fertil, devendo por isso preferir-se o caminho Lobito, de que já fallámos, onde não falta agua em todo elle, nem tem as difficuldades do degrau da Chella no Bruco, Biballa ou Quillengues, a que se deve acrescentar a circumstancia de que para attingir o mesmo ponto do Cubango, a distancia para o Lobito é mais curta de 25 kilometros do que para Mossamedes. Esta bahia, além d'isso, tem menores dimensões do que aquella na sua parte ancoravel, a qual, nas condições mais favoraveis, se pôde considerar comprehendida entre a ponta do Noronha e o extremo oeste do baixo Béro, abrangendo uma superficie de 399 hectares com fundos de 5^m,5 e 33 metros de profundidade, onde existem pontas de rocha chata entre manchas de areia, o que reduz o numero de navios que podem fundear no receptaculo indicado a menos de 66.

Comtudo devemos dizer que a descoberta de agua potavel em abundancia em Mossamedes converterá bem depressa esta villa n'um aprasivel local destinado a *sanatorium*, em que venham reparar as suas forças os funcionarios, commerciantes e colonos, que, pela força das circumstancias, são obrigados a viver nos logares menos salubres dos districtos de Benguella, Loanda e Congo.

Não é, porém, só como *sanatorium*, que Mossamedes terá o seu futuro garantido; podem, como as costas são muito piscosas, desenvolver-se as industrias da salga, seccagem e conservas de peixe; o estabelecimento de algumas fabricas de tecidos de algodão tambem se pôde aconselhar, como já nos referimos, sendo isto o bastante para dar a Mossamedes um importantissimo logar como villa manufactureira e industrial do nosso ultramar, sem contar com a fabricação de aguardente de canna que alli se produz.

Resta-nos ainda considerar os dois portos mais do sul;

Porto Alexandre e Bahia dos Tigres. O primeiro, cerca da foz do rio Coroca, é um excellente surgidouro muito abrigado, tendo uma superficie ancoravel de 788 hectares, onde cabem 130 navios de alto bordo, para o que tem fundos de 9 a 36 metros d'agua.

Está aqui estabelecida uma colonia de pescadores algarves, que se empregam no seu mister, produzindo uma importante fonte de receita para a alfandega de Mossamedes pela exportação de peixe secco, que se vende para o Congo, Gabão e S. Thomé. A companhia de Mossamedes, concessionaria de uma vasta região ao longo da fronteira sul da provincia, em territorio portuguez, supponho que pensa em aproveitar este porto para o seu serviço e naturalmente uma linha ferrea reduzida para a sua exploração agricola.

A bahia dos Tigres, cuja configuração é inteiramente semelhante á do Lobito e Loanda, é de vastissimas dimensões, possuindo 33:165 hectares, onde cabem 5:527 navios fundeados em 5^m,5 a 36 metros d'agua. É o maior porto da costa, e, como a península da areia que o defende e abriga das calemas é muito rasa, levantam-se dentro do porto fortes maretas, que prejudicam o movimento das embarcações. Dá-se n'este porto o mesmo que em Mossamedes: não se encontra agua potavel no meio do enorme areal que a circumda, razão pela qual se conserva desaproveitado. A sua situação é invejavel para partida de uma linha ferrea para as regiões mineiras do sudoeste allemão, para a installação de colonias de pesca, para plantações de coqueiros, etc., se se montarem grandes e modernos destilladores d'agua do mar, como se faz em Aden e como se poderá igualmente fazer em Mossamedes.

Além d'estes portos ha outros de menor importancia, que só têm um interesse limitado como pontos de embarque para serviços das fazendas agricolas do littoral e commercio local. A bahia dos Elephantes é igualmente um bom porto, mas não tem sahida facil para o interior por ser circumdada por altas montanhas; tem sido aproveitada raras vezes para

estação temporaria de pesca e serve para exercicios de tiro aos navios de guerra que frequentam a costa.

Ao norte da provincia concedeu ha pouco o governo a construcção de um caminho de ferro que, partindo da margem esquerda do Zaire proximo de Noqui, se dirija a S. Salvador, passe pelo Bembe e Encoge em direcção a Mataba e Cuango. Esta linha tem por fim a exploração dos jazigos cupricos do Bembe, a exportação do café de Encoge e Mataba e o desenvolvimento e exploração da parte norte da Lunda, contrariando e fazendo concorrência ao caminho de ferro do Matadi e Leopoldville.

(Continúa).

ERNESTO DE VASCONCELLOS.



À EGREJA CATHÓLICA É A ESCRAVATURA

(Continuação da pag. 94)

III

Já vimos que o Christianismo combatêu a escravatura desde os seus principios; examinámos o programma seguido n'essa augusta cruzada e concluímos que não tinha razão de ser a observação de Guizot, tantas vezes repetida, de que não é ás maximas do Christianismo que se deve a extincção da escravatura, visto que ella subsistiu por muito tempo no meio da sociedade christã.

Postos estes principios, vamos examinar a acção christã, na serie dos seculos, para extinguir o trafico dos escravos e conquistar para estes os direitos que legitimamente lhes pertenciam.

Não passaremos adiante sem notar a grande influencia que deviam produzir as doutrinas christãs a este respeito. O Christianismo via augmentar prodigiosamente o numero dos seus fieis, homens recrutados em todas as classes sociaes, e cada um d'elles devia ser um apóstolo, mais ou menos dedicado, da liberdade dos escravos. E' facil comprehender, pois, que ao menos havia de suavisar-se consideravelmente a sorte d'aquelles infelizes, que o paganismo reduziu á mais precaria das condições.

Foi no reinado de Constantino — que para os historiadores anti-christãos tem o grande defeito de levar o Christianismo triumphante até ao capitolio — foi no reinado de Constantino que começou a mitigar-se um pouco a lei em favor

dos escravos, graças á influencia da doutrina christã no animo d'esse imperador. Foi essa epocha a aurora da liberdade para aquelles condemnados, que, se não viam inteiramente vingados os seus direitos e restaurada a sua dignidade, jubilavam de ver melhorada a sua sorte e refreada a crueldade despotica dos seus senhores.

Com effeito, apenas Constantino subiu ao imperio, a Egreja aproveitou as disposições christãs d'esse imperador para influir nas leis e nos costumes e melhorar a sorte dos escravos. Basso, prefeito de Roma, recebeu logo o seguinte decreto imperial: «De futuro, o senhor que matar voluntariamente o seu escravo será culpado de homicidio e perseguido como tal.» Um outro decreto dizia: «Se em toda a extensão do imperio romano se encontrar um homem, que, depois da promulgação da presente lei, ousar mutilar o seu semelhante, esse homem será punido. Se for um senhor que assim proceda com o seu escravo, est'ultimo ficará em liberdade e os bens do senhor serão confiscados.»

Tambem no anno 315 Constantino prohibiu que se deshonrasse o rosto do homem, marcando na frente, como até ahi se fazia, os condemnados ás minas e ao amphitheatro. O motivo allegado por Constantino testemunha o sentimento christão que inspirou esta medida: «Attendendo a que no rosto do homem se manifestam vestigios da majestade divina.»

Isto já era muito, mas a Egreja trabalhava sempre em conseguir o resto. O escravo já tinha direitos; não era como até ahi, uma simples cousa. Tinha o direito da existencia, o direito de não ser mutilado, de perseguir nos tribunaes o seu proprio senhor, se este violava as disposições imperiaes, e de exigir a liberdade em indemnisação da offensa que lhe era feita. Era já muito, era uma victoria. Mas vejamos como não cessava a acção da Egreja em favor dos escravos.

Uma das causas que faziam com que o numero dos escravos se multiplicasse era a difficuldade de os libertar, pois para isso se exigiam formalidades longas e difficeis, como observa um escriptor muito distincto e como se vê das proprias disposições do direito romano. Mais adeante havemos de

nos referir ás outras causas. Vejamos como o primeiro imperador christão trabalhou em destruir umas e outras.

Para se tornar mais facil a libertação do escravo e obstar a que este fosse victima das delongas que havia por parte da auctoridade civil, Constantino decretou que todos podessem libertar escravos nas egrejas «em presença do povo christão e dos bispos, não exigindo outras formalidades mais do que um simples attestado assignado pelos ministros ecclesiasticos.»

O acto simplificava-se, e a unção que o revestia era propria a resolver os senhores christãos a libertar os seus escravos.

Ao mesmo tempo, a solemnidade do acto revestia o liberto d'uma inviolabilidade sagrada, visto que era um perjurio, além d'um sacrilegio, a violação do direito adquirido pelo escravo, e a Egreja tinha o pleno direito de reclamar a rigorosa observancia do juramento feito, e com a mais desvellada sollicitude o fazia sempre.

Não podemos deixar de chamar a attenção do leitor para a fôrma como tudo isto se fazia, o que prova não só o zelo da Egreja, mas ainda que esse zelo obtinha resultado satisfactorio em favor dos infelizes escravos. O facto de ser um templo christão o logar destinado á libertação do escravo prova muito bem que a Egreja se achava á frente d'aquella cruzada de rehabilitação.

As causas que directamente multiplicavam o numero dos escravos eram, entre outras, os jogos dos gladiadores, a contestação da liberdade que podia fazer-se a um homem, e a facilidade com que prescrevia a liberdade.

Muitos escravos eram obrigados a distrahir o povo romano, que brutalmente se comprazia em ver aquelles infelizes luctando com as feras no circo até serem cruelmente espedaçados e devorados. Tratava-se de arranjar os escravos mais robustos para irem combater no circo, onde encontravam morte horrorosa. Este empenho de obter gladiadores fazia multiplicar, como dissémos, o numero dos escravos.

Muitas vezes, por uma questão de odio ou de vingança,

e até por interesse vil, contestava-se a liberdade d'um homem. O infeliz não podia apresentar provas de que era livre, umas vezes porque não lh'as admittiam, outras porque não lhe concediam o tempo sufficiente para as obter, e lá ia para a classe dos escravos, isto é, das cousas, *res*, ficando privado de todos os direitos, antes de Constantino.

Ora este imperador remediou tudo isso, prohibindo os jogos de gladiadores, mandando que se pozessem annuncios e se fizessem proclamações quando se tratasse de contestar a liberdade de alguém, para que o accusado podesse apresentar provas em sua defêsa, e determinando que só um praso de mais de sessenta annos poderia fazer prescrever o direito de liberdade.

Bem dita influencia christã, que melhorava tão sensivelmente a sorte dos escravos!

Nobre dedicação esta, posta ao serviço de homens a quem a sociedade olhava com repugnancia e odio e a quem a lei não concedia garantias de qualidade alguma!

Bem dita influencia que podia rómper com os costumes inveterados do paganismo, e até com os interesses dos grandes e poderosos; que abria um horisonte novo ás aspirações do homem, e o levantava do rebaixamento moral em que se achava; que engrandecia a dignidade humana e reivindicava direitos esquecidos.

Como estes factos são d'uma evidencia luminosa e d'uma certeza historica incontestavel, quem não ha de admirar a audacia de quem os despreza todos os dias, negando a santa influencia da Igreja em favor da liberdade e da dignidade humana? Quem não ha de surprehender-se de ver negada ou mesquinamente rebaixada essa lucha energica e corajosa que a Igreja catholica tem sustentado em todos os tempos, e sustenta ainda hoje, em favor da rehabilitação dos escravos?

Tristes apreciações e triste procedimento é o de quem leva para o campo da historia e da critica o espirito sectario e o preconceito! Triste philosophia é essa dos que adaptam a natureza dos factos ás suas opiniões, e não as suas opiniões aos factos.

O que ahi fica a respeito da influencia da Igreja na abolição da escravatura e no melhoramento da sorte dos escravos nos primeiros seculos e especialmente no reinado de Constantino, seria o bastante para pôr os leitores de sobrea-viso contra as calumnias da critica falsaria e contra os erros dos historiadores superficiaes ou anti-christãos; mas nós que-remos acompanhar a Igreja na sua obra de benção atravez de todos os tempos, e mostrar em resumo as difficuldades de toda a ordem que ella teve a vencer para conquistar a liberdade aos escravos.

Foi uma lucta grandiosa, uma obra sublime, que só a Igreja de Deus, com os auxilios do céo, poderia levar a cabo entre povos barbaros, homens dominados pelo interesse e pelos usos do paganismo.

E' admiravel como a Igreja poude substituir por virtudes contrarias todos os vicios que o paganismo favorecia de tal fórma, que até fazia d'elles um culto; e não é menos admiravel como a Igreja conseguia, que os homens dominados pela ambição e pelo interesse e afagados pela influencia pagã, se deixassem encher de caridade e abnegação christã, n'um momento de luz, e dessem a liberdade ás vezes a todos os seus escravos, o que representava uma perda importantissima.

Com effeito, as conversões ao christianismo eram sempre solemnizadas com a libertação de escravos, e a historia da Igreja refere nomes de senhores que davam a liberdade a todos quantos possuiam. Quando não eram todos, eram pelo menos alguns, e os outros, tratados com espirito de caridade christã, sentiam-se alliviados do jugo que os opprimia.

Em todo o caso, a conversão d'um senhor era sempre festejada com a libertação de todos ou de parte dos seus escravos.

IV

Depois da morte de Constantino a Igreja teve grandes difficuldades a vencer para continuar a sua cruzada pela causa dos escravos. Basta considerarmos as luctas, as discor-

dias, as invasões e a desordem de toda a especie de que foi theatro o imperio romano pouco depois da morte d'esse imperador, para avaliarmos a difficil situação em que se achava a Egreja.

A religião christã não só deixou de ter o apoio firme de Constantino Magno, mas começou a abundar o elemento barbaro, que a impedia de continuar regularmente a sua benemerita obra. N'esse tempo nada havia seguro. As correrias dos barbaros e as invasões a Roma começaram a repetir-se e o Pontifice, unica força moral d'esse tempo, por algumas vezes salvou a cidade d'uma assolação completa.

Ainda assim, a Egreja comprehendeu que, se não podia dar á sua obra uma extensão e uma efficacia tão grande como desejava, podia no entanto continual-a, ainda que em menor escala, com grandes proveitos para essa classe desgraçada de cuja defêsa se encarregára. Faltando a unidade do imperio, a regularidade do governo, a empreza era muito mais difficil, e a difficuldade augmentava ainda porque se tratava agora de homens, que, ou eram perseguidores da Egreja ou pelo menos não a apoiavam. Pois com que beneficio se podia contar dos povos barbaros ou dos ultimos imperadores romanos, a quem apenas restava um simulacro de auctoridade? A sociedade ia tomando uma constituição nova, mas a Egreja havia de dominar os novos elementos com as suas doutrinas, e continuaria a santa tarefa de defender por todas as fórmulas os direitos dos escravos.

Geralmente, entre os barbaros, quem nascia de mãe ou pae escravo ficava pertencendo a essa classe desprotegida.

O homem livre podia chegar á condição de escravo, se se via na necessidade de vender a sua liberdade para pagar as suas dividas, ou se alguem o obrigava a fazer uma reparação que elle não podia fazer.

Entre os germanos «contavam-se — diz Cantu — tres especies de escravos: os escravos propriamente ditos, os prisioneiros de guerra e os que perdiam a liberdade por dividas ou no jogo; eram propriedade absoluta do senhor, que podia vendel-os, dal-os ou mandal-os matar. Os escravos domes-

ticos não differiam dos outros senão pelas suas occupaões; occupavam-se em officios, serviam seu amo e acompanhavam-n'o á guerra. O escravo, com as suas economias, podia resgatar-se e passar para a classe dos libertos, mas sem se tornar verdadeiro homem *Wehr-mann*, isto é, adquirir a plenitude dos direitos civis.»

O jugo da escravidão tornára-se ainda assim muito mais suave, graças á santa influencia da Igreja. Fôra-lhes concedido um certo direito de adquirirem, pois que elles arranjavam o seu peculio, fructo das suas economias, e ás vezes chegavam até por privilegio, a ter escravos seus. O senhor tinha de respeitar uns certos direitos nos seus escravos, e nós já vimos quanto a Igreja conseguiu de Constantino n'esse sentido.

O visigodo Egiza — diz o historiador que ha pouco citámos — proclama que, sendo o escravo á semelhança de Deus, não o devemos mutilar nem desfigurar.

Os francos consideram a emancipação como uma obra meritoria aos olhos de Deus.

Entre os anglo-saxonios, o bispo é o patrono dos escravos, cuja liberdade devia prégar.

Astolpho ordenou que, quando o senhor tivesse na hora da morte a intenção de dar liberdade ao escravo, este fosse posto em liberdade, e isento de pagar o *lauechild* ou compensação, *visto*, diz elle, *parecer-nos mui meritorio encaminhar os escravos da servidão para a liberdade, tendo-se o nosso Redemptor dignado fazer-se escravo para nos dar a liberdade.*

De tudo isto se conclue que era a Igreja que estava á frente do grande movimento da emancipação dos escravos, e que, não podendo dar-lhes a liberdade immediatamente e de uma só vez, a ia conquistando palmo a palmo. E tão grande era o seu empenho e tão eslicaz a sua influencia, que, sendo esta epoca da destruição do imperio romano e das invasões aquella que devia fazer crescer o numero dos escravos extraordinariamente, elle diminui em vez de augmentar.

Eram differentes as causas que deviam fazer crescer o

numero dos escravos. Por um lado, a miseria que atacava a sociedade em virtude das guerras, assolacões, roubos e destruições de toda a ordem, devia fazer com que muitos devedores insolventes tivessem de perder por isso mesmo a sua liberdade. Por outro lado, as guerras importavam o captivo de muita gente, e os barbaros, sedentos de poder e riqueza, retinham como escravos todos os que lhes cahiam nas mãos.

«A cupidez judaica—diz o abbade Lachaud—vira n'este crescimento dos escravos um meio de augmentar as suas riquezas: explorava a miseria geral de fórma tão odiosa como desmedida. A Egreja foi ao encontro d'essa nova causa da escravidão. Nos concilios de Orléans, de Mâcon e de Toledo, celebrados no seculo sexto, é expressamente prohibido vender aos judeus escravos christãos, e permite-se aos que se acham em posse d'elles fugirem para as egrejas para ali resgatarem a sua liberdade mediante doze *solidi*. «Se o judeu procurar perverter um escravo christão, é condemnado a perder todos os seus outros escravos.» Estes canones equivalem quasi a uma emancipação geral, porque, por um lado, os judeus não podem adquirir novos escravos christãos, e, por outro abre-se a porta á caridade para o resgate dos que gemem em seu poder.

A dedicação da Egreja pelos escravos chegou a ponto de que ás vezes, não havendo dinheiro para o seu resgate vendiam-se os vasos sagrados, porque se julgava que nada era tão bem empregado como o que se gastava n'aquella causa sublime. Apontando este extremo de dedicação pela liberdade dos escravos, nota de passagem um escriptor contemporaneo: — «Quando se pergunta para que serviam outr'ora os bens da Egreja, ha aqui uma das mil respostas a dar.»

V

Já vimos como as as egrejas eram o refugio dos escravos em posse dos judeus, cuja ambição fazia crescer consideravelmente o numero d'esses infelizes, e de tal forma que se tornou necessaria a intervenção da Egreja. Ora esse tefugio das

egrejas, em que os escravos se livravam de qualquer violencia subita, tornou-se tão extensivo e importante, que um concilio realisado em Orleans em 549 determinou que, «se um escravo, mesmo accusado de qualquer falta, se refugiar n'uma egreja, ninguem o restitua ao seu senhor, senão depois de ter exigido d'este, sob a fé do juramento, a promessa de que não lhe será feito mal algum; mas se o senhor, em despresõ do seu juramento, maltratar o escravo, será separado da communhão e da mesa dos fieis.»

Em algumas partes esse juramento ia mais longe; porque em virtude d'elle não só o escravo não seria maltratado, mas nem mesmo soffria um signal qualquer de ignominia.

Não foi só no concilio de Orleans, cujos canones acabamos de citar, que a Egreja procurou livrar o escravo dos maus tratos do senhor: o mesmo fez n'outros concilios. Já no seculo quarto o concilio de Elvira condemnou a cinco annos de penitencia o senhor que maltratasse o seu escravo de tal fórma que d'ahi resultasse a morte, ainda que este effeito não fosse directamente desejado pelo senhor. E providenciando contra o abusivo costume de contestar a liberdade a um homem livre, a Egreja impôz a pena de excommunhão a quem por violencia ou por astucia retivesse na escravidão uma pessoa livre.

«Tres seculos apenas são passados depois da elevação de Constantino — diz Lachaud — e já está dado um passo immenso, tanto na diminuição do numero dos escravos como no allivio da sua sorte. Com S. Gregorio Magno nomeamos um Papa que faz epoca na historia da escravidão. Este grande homem, a quem o infame mercado dos escravos de Roma inspirou-o desejo de converter os filhos da Bretanha, e a quem a Inglaterra deve em grande parte a sua liberdade; S. Gregorio, n'um concilio celebrado em Roma em 595, decide que serão libertados todos os que quizerem seguir a vida monastica, com tanto que previamente se tenha verificado a realidade da sua vocação. Isto não só era procurar a liberdade a uma classe numerosa da sociedade, mas até eleva-a muito aos olhos do mundo, dissipar os prejuizos de casta, e crear laços

poderosos e fecundos entre esta classe e a dos homens livres.

«A Igreja foi mais longe: admitiu os escravos ao sacerdócio. Todo o bispo, todo o cura chegou a ter o direito de conceder a liberdade para esse fim, e este nobre exemplo de generosidade foi para os leigos um poderoso impulso á libertação. Os escravos tornaram-se assim eguaes a seus senhores pela sua posição social, e seus superiores pelo caracter e pela sciencia; puderam mesmo ser elevados á dignidade suprema do pontificado, chegando a ser um Gregorio VII e um Sixto V. A Igreja reconheceu assim altamente, que sendo todos os homens eguaes a seus olhos, eram igualmente admissiveis a todas as dignidades, ainda as mais honrosas, segundo a sua vocação, sem outra distincção mais que a de seus talentos e virtudes. Assim fez cessar o estado abjecto em que se achavam os escravos e que os fazia declarar inhabéis para todo o emprego civil ou militar.»

Tal era a grande obra da Igreja catholica na emancipação dos escravos. Admittil-os ás dignidades mais elevadas, era com certeza o mais poderoso meio de acabar com os preconceitos contra essa classe desgraçada. Fazer-lhes comprehender que tinham direitos eguaes aos outros homens, e tornar-os senhores d'essa convicção elevando-os ás funcções mais altas, era o mais acertado meio de lhes fazer nascer o espirito da independencia e da liberdade.

Imagem-se os grandes resultados que havia a esperar do governo de homens que foram escravos, e que, conhecendo bem as miserias e as privações d'essa classe, se occupavam antes de mais nada em conquistar a sua liberdade. Para os escravos era isso um novo penhor de independencia e rehabilitação social.

As grandes conquistas que a Igreja fez na obra anti-escravagista depois de Constantino são attestadas pelas disposições do codigo justiniano. Agora não se obrigava o senhor a libertar o escravo: obrigava-se o escravo a acceitar a liberdade. O escravo preferia a sua baixa condição á de homem livre, porque temia uma liberdade que o punha á mercê da miseria e o ameaçava de morrer á fome.

Com effeito, ainda que nos ultimos tempos era permitido aos escravos o direito de adquirir, posto que muito restrictamente, o escravo era sempre pobre, e luctava com difficuldades quando recuperava a liberdade.

Emquanto era propriedade do seu senhor, tinha o pão e o vestido, ainda que em condições muito pouco favoraveis: depois de livre, faltava-lhe o pão. A Igreja ainda aqui acudiu com a sua providencial intervenção, como já fizera quando era preciso dinheiro para comprar a liberdade dos escravos. Ainda que pobre, a Igreja dava remedio a todas as faltas, porque recorria á caridade dos fieis.

Os que adquiriam a liberdade e careciam dos meios necessarios á vida eram recebidos pela Igreja em hospícios numerosos, e ahi, a titulo de *oblato*, os libertos, preferiam o trabalho sob uma direcção toda cheia de caridade christã, a uma independencia completa que não tinha recursos para sustentar-se.

A sorte dos escravos ia gradualmente melhorando á sombra das instituições christãs, e chegou-se emfim a conceder aos escravos porções de terra, para uma ou mais vidas, que elles cultivavam e desfructavam a troco d'uma *pensão*. Às vezes succedia que os libertos recebiam n'essas condições terrenos incultos, que elles arroteavam e faziam produzir; o senhorio queria depois exigir-lhe um augmento de *pensão*, mas a lei punha o cultivador a coberto d'essas arbitrariedades movidas pela ambição.

Todas estas concessões eram feitas pela Igreja, e os libertos que a ella se chegavam, longe de viverem em escravidão, tinham muitas regalias.

O liberto podia comprar, vender e até dispôr do seu peculio em testamento. Com o fructo das sua economias, o escravo que entrava para os hospícios podia resgatar-se, e ás vezes nem lhe exigiam cousa alguma em troco da sua completa liberdade.

Os bispos tinham mesmo a faculdade de libertar os escravos que se tornavam dignos d'isso pelo seu comportamento, e podiam dar-lhes gratificações em habitação e ter-

reno. Finalmente, já n'este tempo o escravo podia casar-se independentemente da vontade do seu senhor.

No tempo de Carlos Magno, o jugo da escravidão era extremamente leve. As duas maiores e mais pesadas condições do escravo era não poder fugir e poder ser vendido. Est'ultimo mal, que era o maior porque era um rebaixamento, foi diminuido consideravelmente pela Igreja. Os escravos que pertenciam a corporações ecclesiasticas ou que estavam annexos a bens ecclesiasticos não podiam ser vendidos, e a sua situação só podia mudar dando-lhes a liberdade.

Desde muito cedo, como já dissemos, foi prohibida a venda de escravos christãos aos judeus. O mesmo se legislou depois a respeito dos turcos, quando chegaram á Europa. No reino dos francos, os escravos não podiam ser vendidos para o estrangeiro. Finalmente, graças á influencia benefica e civilisadora da Igreja, adoptaram-se muitos outros expedientes para poupar aos escravos o vexame de ser vendidos.

Era isto o que os tempos permittiam, e não era pouco, porque a Igreja encontrava muitos obstaculos na realização da sua obra. Os seus preceitos nem sempre eram cumpridos, como hoje, porque já então, havia homens que preferiam os commodos da vida e os preconceitos d'uma seita ou d'um partido á realização da felicidade social e ao levantamento moral da humanidade. Um illustre orador da actualidade notou, entre outros casos semelhantes, a grande difficuldade que teve a Igreja em abulir o brutal direito de vida e de morte. Por fim veio Carlos Magno pôr as forças da auctoridade civil ao serviço da legislação ecclesiastica, e sem isso não se teria conseguido a realização de tão importante e justa medida.

Alem dos interesses individuaes e particulares que se oppunham a que a Igreja concluísse a sua obra da emancipação dos escravos, havia outras causas poderosas que embaraçavam tão sympathica propaganda. Já nos referimos a algumas d'ellas, e entre outras podem contar-se as guerras e invasões continuas, em que a escravidão augmentava para

saciar a ambição dos vencedores. Entre essas invasões merece especial menção a dos arabes, cuja influencia na dura sorte dos escravos apreciaremos dentro em pouco.

Assim, ao passo que o numero dos escravos diminuia na Europa, graças á influencia da Egreja catholica, multiplicava-se na Africa e na Asia por causa da influencia do islamismo.

Não obstante essas contrariedades, a Egreja continuava a sua obra, e parece que os seus trabalhos e esforços redobravam á medida que se multiplicavam os obstaculos. N'um concilio inglez celebrado em 816 estatue-se que á morte de um bispo fosse concedida a liberdade a todos os seus escravos, e que no final das suas honras funebres todo o bispo ou cura presente libertasse tres dos seus proprios escravos, e lhes dessem com que viver.

O concilio de Coblentz celebrado em 922, considerou a liberdade d'um valor egual á vida, e declarou que devia considerar-se réu de homicidio quem seduzisse um christão para o expôr á venda como escravo.

A Egreja levantava assim os espiritos, e incutia-lhes, digâmol-o assim, a ambição da liberdade.

F. A.



A prelazia de Moçambique no presente

A segunda parte d'este relatório é forçoso que seja um constante cavar em ruínas, trabalho bem doloroso para mim em que terei de pedir largos e energicos remedios a fim de que a administração ecclesiastica d'esta prelazia e o seu desenvolvimento religioso corresponda ao que os altos interesses da patria e da religião exigem d'ella.

Até ha pouco tempo podia affirmar-se affoitamente que a prelazia de Moçambique durante o seculo actual foi a mais abandonada de todas as dioceses do ultramar, e esse facto reflecte-se bem tristemente ainda n'este momento; este estado deprimente deve acabar, porque a sua continuação representa o abandono, quiçá do elemento mais valioso para a civilização africana—a religião, e Portugal não consentirá em abdicar os seus fóros gloriosos de paiz, que primeiro que nenhum outro teve a peito o progresso d'esse pária que se chama a raça preta; ainda que uma ou outra vez esquecesse durante largos annos a sua nobre missão.

* *
*

Cheguei á ilha de Moçambique e tomei conta do governo d'esta prelazia no dia 20 de março de 1892. Não obstante ter alguma experiencia de cousas religiosas africanas, e o firme proposito de reduzir no meu espirito ás proporções mais modestas, para evitar illusões, a idéa que formava da

prelazia a meu cargo, confesso que tudo o que existia estava ainda bem áquem dos calculos que formava, já sufficientemente amesquinhados. Não desanimei, apesar d'isso.

N'este vastissimo territorio, que se estende por mais de 15 graus, desde o Cabo Delgado em 10°41' latitude sul, até terminar nas terras de Maputo ao sul de Lourenço Marques, em 26°30' latitude sul, extendendo-se pelo valle do Zambeze até ao Zumbo, a mais de 300 leguas da costa, com uma superficie total de mais de 1.000:000 de kilometros quadrados, trabalhavam na civilisação do preto e salvação das almas vinte e um presbyteros, sendo nove regulares e doze seculares. D'estes ultimos, quatro eram europeus, tres filhos do collegio das missões e um de nacionalidade franceza; os restantes naturaes da India portugueza.

Na capital da provincia, que é tambem a séde do governo ecclesiastico, havia um só presbytero, que era governador da prelazia, parocho da Sé, capellão do hospital, da Misericordia e da escola de artes e officios com ensino, e teria tambem de ser escrivão, official e amanuense da camara ecclesiastica, se esta existisse, ou, antes, se o que existia podesse merecer tal nome.

Entendi que devia principiar os melhoramentos, que podia realisar desde logo, pela capital, que se não tem importancia de direito, por lhe faltarem todos os elementos de riqueza e situação geographica em relação á provincia, tem-n'a de facto por ser a séde da administração superior da mesma provincia. Tratei de investigar o passado.

Os documentos que existiam no que por euphemismo se chamava archivo da camara ecclesiastica, consistiam em magros registos, a maioria dos quaes tinha sido aberta em 1585. Este archivo, que devia ser o deposito de todos os documentos referentes á prelazia e sua administração, consistia n'um monte de folhas soltas, um ou outro officio disperso e roido do *muchem*, e uma collecção moderna do *Diario do Governo*, com meia duzia de velhos livros sem importancia alguma.

Ainda não pude, nem talvez venha a conseguir, averi-

guar em que epocha se destruiu ou dispersou o cartorio da prelazia, que a avaliar por alguns fragmentos de livros do principio d'este século devia ser importante. Suspeito simplesmente que o vandalismo que o reduziu a este estado, se commetteu na decada que se estende desde 1870 a 1880, pelas allusões que encontro n'um livro de correspondencia do prelado D. José Caetano Gonçalves, que, devendo fazer parte do mesmo archivo, me foi em Lisboa offerecido por um amigo. Ahi se queixa varias vezes de que lhe sonegaram documentos e até castigou ou tentou castigar um padre por ter extraviado alguns.

N'este chaos o que me pareceu urgente foi salvar essas migalhas do passado e organizar alguma cousa para o futuro. Encarreguei d'esse enfadonho trabalho o missionario Emilio Augusto da Esperança Machado, que cabalmente d'elle se desempenhou com presteza, methodo e ordem. Posso asseverar, que não sobrevindo alguma fatalidade, no futuro será bem facil, para quem o quizer, refazer com toda a minudencia a historia ecclesiastica da provincia no tempo presente.

Era indispensavel organizar tambem, creando quasi tudo, a camara ecclesiastica, que é a minha secretaría. Nomeei para escrivão da mesma o meu secretario padre Affonso Pereira, o qual durante dois annos com muito trabalho e perseverança a tem transformado, dando-lhe uma feição simples, mas completa, o que permite resolver todos os negocios e prestar todos os esclarecimentos com a maior celeridade, não havendo ninguem que se possa queixar de morosidade em todos os negocios que correm por aquella repartição.

Nada mais direi sobre este ponto, que reputo importante, chamando a attenção para o documento n.º 1, que lança luz abundante sobre o assumpto, e no qual o escrivão da referida camara me dá conta do modo como está regularizado este serviço.

Como são quasi nullos os emolumentos d'esta repartição, já porque o seu serviço em grande parte não é retribuido, já porque o pessoal ecclesiastico, sendo tão pobre como é, nada pôde pagar, já emfim porque o grande numero dos

fieis que têm de recorrer a esta repartição estão no mesmo caso, é urgente, e parece-me de toda a justiça, que á similitude do que se pratica com as camaras ecclesiasticas das dioceses, que não teem rendimentos proprios, como, por exemplo, Cochim e Loanda, se faça o mesmo com esta, onde o serviço me não parece menor, nem é pouco, como se pôde vêr pelo documento n.º 1.

É evidente que uma só pessoa não pôde desempenhar este serviço, são indispensaveis dois presbyteros; como, porém, seja preciso empregar os poucos missionarios no serviço das missões, pôde acontecer que o segundo empregado da camara ecclesiastica seja um secular, que reuna as condições requeridas, e n'isto não vejo inconveniente algum; o que é indispensavel é que eu possa dispôr de uma gratificação para quem fizer o serviço, seja padre ou não.

No meu officio n.º 132 de 4 de abril de 1893, já tive a honra de pedir a v. ex.^a que concedesse uma gratificação ao escrivão da camara ecclesiastica, visto que está reduzido á sua congrua por não poder accumular outro serviço, pois o que tem já é demasiado; hoje peço novamente que seja arbitrada a mesma que o orçamento inscreve para a de Loanda.

Em principios de 1893 o então governador geral, conselheiro Raphael de Andrade, arbitrou uma gratificação para aquelle fim; foi logo, porém, suspensa por não estar no orçamento; ora, se isto se não fizer, teremos a anomalia de vêr que os que mais trabalham são os que menos recebem, o que aliás não é novidade.

Organisada a secretaria central, tratei da regularisação dos archivos parochiaes e das missões, que só para este effeito são reputadas parochias.

O registo parochial quasi não existe até 1885 e desde essa epocha para cá era feito, em geral, com intermittencias, originadas nas mudanças de parochos e muitas vezes pouco em harmonia com a lei que o regula.

É commum serem pedidas certidões de baptisimo, já pela auctoridade judicial, já por particulares, que não podem ser passadas por não existirem duplicados na camara eccle-

siastica, nem os originaes na parochia. Tambem não é raro encontrar-se a serie do registo n'uma agenda de Ayer, por exemplo, que o pobre parcho arranjava como podia á sua custa, pois não existindo juntas de parochia, nem confrarias fabriqueiras, negando-se, segundo me affirmaram á minha chegada, a fazenda a fornecer livros á camara ecclesiastica, devia acontecer assim.

Devo dizer em abono da verdade, que a fazenda me forneceu sempre promptamente todos os livros requisitados para serviço da prelazia, em numero de algumas centenas, e isto sem difficuldades nem reparos.

Tenho, pois, a satisfação de poder affirmar que este serviço tem sido feito com rigoroso êscrupulo e ordem, e que, attentas as distancias, as demoras e o meio, não me parece que se possa fazer melhor, tendo para isto cooperado a boa vontade dos parchos e missionarios.

Para obter este resultado á custa de muito trabalho foi indispensavel determinar que nenhum missionario partiria para a sua parochia ou missão, sem primeiro ter prestado as provas praticas perante o escrivão da camara ecclesiastica de que realmente estava apto para bem desempenhar este dever imposto pela lei canonica e pela civil, e da execução rigorosa do qual depende muitas vezes o socego e bem estar de muitas familias e individuos.

Para este e outros fins é indispensavel por muitas razões que omitto, por serem obvias, que todo o missionario que vem para esta prelazia, seja qual fôr a sua procedencia, se demore n'esta capital alguns dias ou mezes, segundo as circumstancias que n'elle concorram e as necessidades do serviço ecclesiastico; sem isto não conhecerei os missionarios, não existirá a unidade de vistas, nem mesmo a disciplina ecclesiastica, sem a qual improficuo será qualquer trabalho. Para que isto, porém, se possa fazer é absolutamente indispensavel que v. ex.^a mande incluir no orçamento uma verba de 230\$000 a 250\$000 réis annuaes, para aluguer de uma casa onde possam viver até quatro missionarios.

Tenho sempre a maior alegria em recolher na minha

casa todos os padres, quer venham doentes ou em serviço do interior ou dos portos, quer da Índia ou de Lisboa, porém, não me é possível, porque a casa destinada aos prelados e que foi construída ou comprada por D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, prelado de Moçambique e bispo de S. Thomé, é uma casa sem commodos; toda ella é por assim dizer um salão; parece ter sido construída para bailes e não para residência de prelados, e além d'isso não está concluída, segundo o plano da sua construcção, faltando completamente uma parte importantissima.

A secretaria funciona n'um logar improprio e sem commodidades, logar que nunca podia ser destinado a outra cousa que não fôsse um gabinete, portanto, sem largueza e sem ar sufficiente. Falta completamente casa adequada a tribunal ecclesiastico, que tem de funcionar a cada passo. De maneira que qualquer missionario que aqui chegue lucha com verdadeiras difficuldades: ou ha de ir para um hotel, onde tem de corar todos os dias deante de scenas deprimentes para a sua dignidade de padre e perder todo o prestigio de que deve estar rodeado, além de que só pela alimentação tem de pagar mais do que lhe dá a sua congrua, ou tem de alugar uma casa, que lhe não pôde custar menos de 10\$000 réis mensaes, obrigando a despezas correlativas, e tendo portanto ou de ficar condemnado a não pagar aos seus credores, ou baixar doente de fome em pouco tempo ao hospital, tornando-se inutil para desempenhar a sua missão.

É preciso não perder de vista que os seus vencimentos mensaes são 29\$166 réis, n'uma terra onde a vida é muito cara. A isto accresce que o missionario, porque o é, se não pôde apresentar em publico como qualquer maltrapilho ou moço de recados. Não exaggero: existem muitos padres que não teem a mais nem um vintem da sua congrua geral.

Em 1881 ainda existia n'esta cidade uma casa destinada a receber durante algum tempo os funcionarios militares, civis ou ecclesiasticos, que chegavam do reino ou dos portos, em condições favoraveis, isto n'uma epocha em que a vida era mais barata. Uma portaria do governo geral, de 22 de

março d'esse anno, regularizou o seu funcionamento de maneira que a fazenda não fôsse prejudicada com esta hospedagem.

Essa instituição, que a portaria appellida antiga, morreu não sei quando, nem porque; hoje apenas os militares gosam do beneficio de casa do Estado, o que acho muito justo, comtanto que se extenda o mesmo beneficio aos padres, que ainda recebem menos alguns vintens do que os alferes. A justiça do meu pedido é tão evidente, que o conselheiro Raphael de Andrade, quando governador, não duvidou abonar 15\$000 réis mensaes para aluguer de uma casa para residencia dos missionarios; como, porém, á sahida de s. ex.^a tudo que não constava do orçamento, por mais justo e razoavel que fôsse, foi eliminado, os missionarios voltaram á antiga e desgraçada situação, a qual, estou certo, v. ex.^a quererá remediar.

*

* * *

Quasi em toda a parte onde se estabeleceram missões do real padroado e onde o elemento portuguez dominou por algum tempo, a generosidade dos nossos monarchas e a piedade dos fieis creou fundos importantes e rendimentos adequados para a sustentação dos ministros do culto catholico e esplendor do mesmo culto, que tão profunda influencia exerce em toda a parte, mas sobretudo entre povos selvagens, nos quaes predominam os sentidos sobre a intelligencia.

As obras pias de toda a ordem espalharam-se largamente, e quando o dominio temporal em muitos logares passou para outras mãos, lá ficaram a repetir o nome portuguez esses monumentos de piedade dos primeiros conquistadores. É assim que as missões da China ainda hoje teem importantes rendimentos, bem como as da India, que em alguns bispados são sufficientes para a sua manutenção, alliviando o thesouro da metropole de pesados encargos.

Em Moçambique aconteceu o contrario; as doações, se existiram, como é de presumir, desapareceram completa-

mente com a extincção das ordens religiosas; os terrenos que a fazenda real tinha cedido para sustentação das antigas missões reverteram para a fazenda nacional, que durante muitos annos nenhum lucro auferiu d'elles, e a prelazia não tem um real de rendimento proprio e deve viver e desenvolver-se com o que lhe é arbitrado nos orçamentos. D'aqui se deduz logicamente que a administração ecclesiastica n'esta provincia não tem vida propria e desafogada como convinha.

Desde a cêra que arde no altar até á congrua do missionario, para tudo é preciso recorrer ao padroeiro, cujos representantes, se muitas vezes se acham bem dispostos a prestar todos os auxilios compatíveis com os recursos de que dispõem, tambem algumas estão animados de sentimentos contrarios, por ignorancia ou por outros motivos, entibiando muitas vezes a boa vontade e o zêlo dos que se dedicam ao desenvolvimento das instituições religiosas, n'uma provincia onde tão assignalados serviços ellas podiam prestar á civilização d'estes povos.

Se até hoje não tive a lutar, e espero que nunca terei, com a má vontade, é certo que ella pôde surgir de um para outro momento, e não o é menos que em geral domina um espirito pouco inclinado a favorecer o progresso religioso; isto é conhecido de todos; os que o não dizem sentem-n'o. O remedio para este mal, que no fim de contas tem sua origem na mesma natureza humana, e quantas vezes em ciúmes injustificados!... é dotar a administração ecclesiastica quanto possivel com elementos proprios, emancipando-a de tutelas, algumas vezes atrophadoras, e quasi sempre acanhadas.

A fim de que a pouco e pouco se modifique quanto possivel este estado de cousas, seria conveniente que n'esta provincia se applicasse a doutrina do Codigo Administrativo que diz respeito ás juntas de parochia, nos logares onde essa instituição administrativa é compatível com os elementos actuaes.

Não existe, no meu entender, obstaculo algum a que se estabeleçam juntas de parochia nas freguezias de S. João Baptista do Ibo, nas duas da ilha de Moçambique, Nossa

Senhora da Purificação e S. Sebastião, na de Nossa Senhora do Livramento de Quelimane, na de Nossa Senhora da Conceição de Inhambane, na de Nossa Senhora do Rosario de Sofala, com séde actualmente na Beira, na de S. Thiago Maior da villa de Tete e na de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques. Em todos estes logares existem elementos para compõem camaras municipaes, como é sabido; que razão pôde, pois, existir para não haver juntas de parochia?

As antigas confrarias, que tanto concorreram para a sustentação do culto, que estavam espalhadas com profusão por toda a prelazia, podendo afirmar-se que não havia uma parochia onde faltassem, desapareceram como fumo e com ellas os seus bens. Hoje apenas existem duas, uma em Quelimane e outra em Inhambane, que ainda prestam relevantes serviços ao culto.

Os tempos não correm de molde para se renovarem as que pereceram, hoje que não teem rendimentos; as primeiras eram o producto natural de uma epocha de fé e entusiasmo, que hoje escasseia e ainda mal que assim acontece.

Creando-se as juntas de parochia nas freguezias citadas, o orçamento seria alliviado, sem prejuizo e até com proveito do culto, e a verba que hoje é destinada a guisamentos podia ser applicada a outro fim.

Com respeito a parochias entendo que devem conservar-se as existentes no littoral e ainda a de Tete no interior, onde domina o elemento europeu, ou asiatico christão, mas que se não devem crear mais, a não ser no Chinde, se aquelle logar se desenvolver progressivamente como tem acontecido nos ultimos tempos, e que os esforços e atenções se devem dirigir principalmente para a criação de boas missões, que se destinem especialmente ao preto, ensinando-lhe a moral christã e civilisando-o pelo trabalho honesto, o que a parochia não pôde emprehender com o mesmo desenvolvimento que a missão.

A parochia indica sempre um estado social já adeantado, que realmente não existe em Moçambique, nem em colonias

portuguezas na Africa, se exceptuarmos o archipelago de Cabo Verde, e talvez S. Thomé e Príncipe.

*
*
*

Exactamente um mez antes da minha chegada a Moçambique aportaram aqui, com ordem de me esperarem, sete presbyteros, quatro sahidos do collegio das missões, um europeu de outra procedencia e dois filhos da India portugueza. Pouco depois ordenei quatro presbyteros a titulo de missão, por especial graça de Sua Santidade Leão XIII; d'estes, um ficou preparado do tempo do meu veneravel predecessor, natural da India, e tres europeus que tinham feito os estudos em Portugal.

Foi com este reforço que contei para restaurar as antigas parochias, que por falta de pessoal estavam abandonadas havia largo tempo.

O meu plano n'esta restauração era então, e ainda é hoje, conseguir que um missionario não permaneça isolado no sertão, e mesmo no littoral; a razão por um lado e a experiencia por outro, teem mostrado exuberantemente que o missionario abandonado a si no meio da barbarie do interior, que o cerca por todos os lados, não a modifica civilisando-a, mas é absorvido por ella, a não ser que a Providencia faça milagres, que sendo possiveis, não são a regra, nem se devem esperar.

Foi guiado por este criterio, que aproveitando-me das instancias dos povos da pequena ilha de Querimba lhe enviei um parcho, com a condição de que levantariam uma modesta egreja para o exercicio do culto; graças á boa vontade d'estes povos, incluindo os mouros, ao auxilio do Ibo e do novo parcho, essa egreja está quasi concluida, tendo a fazenda apenas despendido salarios com alguns carpinteiros, que foram cedidos alguns dias para o acabamento das obras de madeira. Como a parochia do Ibo e a de Querimba distam apenas algumas horas, qualquer dos respectivos pa-

rochos tem sempre um valioso auxilio no seu vizinho para todas as contingencias.

Descendo do districto de Cabo Delgado para o de Moçambique, era urgente acabar com a miseria ou escandalo de existir na séde da prelazia apenas um presbytero. Havia largos annos, e tão largos que não foi possivel encontrar nem uma folha do seu antigo archivo, que a parochia de S. Sebastião, talvez a mais antiga da provincia, não tinha parochia. Restaurei-a, pois, dando-lhe como subditos os habitantes da ponta sudoeste da ilha, onde enxameia uma população enorme, sem soccorros da religião, sem escola e sem moral, população que ahi vegeta ha largos annos, tão selvagem e atrasada como nos dias em que Vasco da Gama aqui aportou, e só opulentada com muitos vicios e miserias a mais.

Na fortaleza de S. Sebastião, deposito de sentenciados, onde vive um mundo completo de infelizes que não souberam fazer bom uso da liberdade, devia, segundo a boa razão e a lei organica d'esses depositos, existir um capellão, que pela escola e pelo ensino religioso derramasse alguma luz em consciencias entenebrecidas; foi o que tratei de propôr ao governador geral de então, o qual, com auctorisação do governo de Sua Magestade, nomeou o presbytero por mim indicado para aquelle fim.

(Continua).

BISPO DE HIMERIA.



CARDEAL JACOBINI



Acaba de ser elevado á dignidade de cardeal Mgr. Domenico Jacobini, Arcebispo de Tyro, Nuncio Apostolico na côrte de Lisboa. Foi com verdadeiro jubilo que recebemos esta noticia, esperada já ha tempos, e apressámo^s-nos logo a prestar nas paginas da *Revista Contemporanea* a nossa mais respeitosa e sincera homenagem ao novo purpurado.

Mgr. Jacobini é credor da mais viva gratidão de todos os portuguezes. Prelado illustre e um dos vultos mais prominentes da diplomacia romana, Sua Eminencia allia aos mais brilhantes dotes de intelligencia as mais nobres virtudes christãs, o mais acendrado zelo religioso e as mais captivantes qualidades de coração.

Quem escreve estas linhas teve mais de uma vez occasião de admirar de perto a affabilidade de trato e as demais superiores qualidades, que ao distinctissimo prelado valeram uma alta reputação e as mais decididas sympathias no episcopado portuguez, na alta sociedade lisbonense e no corpo diplomatico acreditado junto do nosso governo.

Mgr. Jacobini não fez mais do que continuar em Portugal as tradições de toda a sua vida. « em Roma — disse-nos um dia alguem que conhece a capital do mundo catholico e a vida romana — « em Roma era Mgr. Jacobini o bispo dos operarios: tal era a sua immensa popularidade. »

São verdadeiramente extraordinarios os serviços prestados por Sua Eminencia a Portugal e á Egreja portugueza. Todos

sabem isso, mas tambem quasi todos ignoram até que extremos de generosidade e dedicação chegou o zelo do illustre prelado pelos interesses portuguezes e especialmente pelo desenvolvimento da nossa vida religiosa. Não é ainda occasião de expôr largamente esses actos de benemerencia, essa dedicação a toda a prova que Mgr. Jacobini largamente patenteou: a historia ha de registrar um dia esses enormes serviços: algumas das suas composições latinas fazem recordar os tempos aureos da lingua de Cicero.

O povo portuguez, sempre affectuoso e reconhecido, ha de conservar de Mgr. Jacobini as mais gratas lembranças, quando Sua Eminencia for occupar em Roma o seu logar no collegio cardinalicio.

De resto, Mgr. Jacobini mostrou sempre o mais vivo interesse pelas cousas de Portugal, como provam algumas das suas produções litterarias; porque o novo purpurado é, alem de tudo, um litterato distinctissimo.

Affirmando mais uma vez o nosso jubilo pela elevação do illustre prelado ao cardinalato, depomos aos pés de Sua Eminencia as nossas mais calorosas felicitações.

Ad multos annos! ad multos annos!



A reabilitação da mulher

Propondo-nos estudar os principios que presidiram á obra incomparavel da reabilitação da mulher, apresenta-se-nos como primeira questão: onde existem esses principios de uma tão rara fecundidade? onde os havemos de descobrir? No espirito christão; porque só elle, o espirito christão, apresento-nos a dizel-o, revelou á mulher a excellencia da sua natureza e a sublimidade da sua missão; só elle fez brotar do seu coração os thesouros do amor puro; só elle communicou á sua fraqueza, ai! muito inclinada para os sentidos, a suavidade e o vigor das angelicas virtudes; só elle emfim, revestindo-a de santidade lhe assegurou o respeito e a veneração dos homens. É pois ahi, no espirito christão, que estão contidos os principios que a fizeram tal como a vimos, nos mais bellos dias da sua gloria. Haveria ignorancia e cegueira em procural-os n'outra parte; proval-o-hemos nas seguintes paginas.

Todavia importa notar: o espirito christão não é uma formula; é espirito e vida; os principios que nós procuramos devem participar da sua natureza e podemos desde já conjecturar que não estão codificados, em termos expressos, no Evangelho.

É com effeito o que aconteceu; porque em vão se pediria ao Evangelho uma legislação, ou simplesmente axiomas de moral, sobre a reabilitação da mulher. A carta das suas futuras grandezas não está inscripta em parte alguma. Este derradeiro processo que é o da philosophia, loquaz e impotente personagem, não o seguiu Jesus Christo. Conhecia melhor o coração humano.

Que processo seguiu o Redemptor? Pronunciou algumas palavras de uma immensa extensão, nas quaes, bem poucas

vezes, se tratava da mulher, e eis que, n'essas palavras, havia, sem que ninguém o soubesse, uma luz viva e um alento creador que, communicando-se á mulher, a penetraram até ao mais profundo do seu ser, e, por um trabalho intimo, mas de um poder infinito, a renovaram profundamente; depois, acabada a obra interior, fizeram-n'a radiar, exteriormente, santa e pura.

Estava feita a sua reabilitação; porque a mulher apparecia, aos olhares dos homens admirada, com taes prestigios que elles se julgavam subjugados, naturalmente e sem resistencia e a honravam como a uma creatura abençoada do céo, cercanda-a de respeito, de veneração e de um culto quasi religioso, de sorte que, n'esta luz que se esconde, n'este calor que mal se fazia sentir, n'este poder latente, achavam-se bem guardados, como uma grande arvore em seu germen, todos os esplendores do seu porvir.

Tal é com effeito a natureza dos nossos principios que elles pódem obrar, e effectivamente muito tem obrado, por uma virtude intrinseca e sem serem explicitamente conhecidos: o que lhes dá esta virtude, haverá necessidade de o dizer? é o sopro de Deus, é a seiva de Jesus Christo, é o espirito de vida de que esses principios estão penetrados. Quantas almas ao primeiro toque, á menor communicação, tem experimentado sua influencia, ficando vivamente impressionadas! Collocae o Evangelho nas mãos de uma mulher em quem não tenha sido afogada toda a nobreza de sentimentos, quer na alma, quer no coração; abri o livro em certas paginas, n'aquella, por exemplo, que nos mostra a peccadora derramando lagrimas e perfumes sobre os pés de Jesus no banquete do phariseu, ou antes ainda n'aquella que nos conta a entrevista do Salvador e da Samaritana junto ao poço de Jacob, e o prodigioso dialogo que ahi se trava entre o Santo dos santos e essa creatura perdida; ou então abri em quaesquer d'essas muitas outras paginas onde a mulher nem sequer é chamada, onde nada falla d'ella, nem parece fallar-lhe; convidai-a a lêr e observae em silencio. Pouco se adiantará n'essa maravilhosa leitura que não esteja absorvida n'ella e não comece a commover-se e a estremecer inteira como lyra tocada por mão desconhecida.

Entre ella e essa linguagem que lhe vem de fóra, mas que lhe falla muito mais vivamente no interior, ha secretas e mysteriosas harmonias que a surpreendem. Mil fibras ignoradas do seu coração despertam e entoam pela primeira vez, musica celeste, sentimentos puros; ella os sente, e comprehende até ao arrebatamento. Não era ella, é ella.

Fulge uma luz nova; o horizonte abre-se e alonga-se; ella vê, tudo está mudado. Vós tinheis uma pagã e ella poderá chamar-se, desde então santa Blandina, santa Perpetua, santa Felicidade, ou santa Cecilia, santa Agatha, santa Anastacia; vós tinheis uma barbara e ella merecerá os nomes, eternamente venerados, de Clotilde, de Radegunda, de Theodolinda e Bathilde.

Eis o espirito christão na sua germinação e na sua flôr: eis os principios e os fructos. Basta pôr as mulheres em seu contacto, ellas não os analysam; sentem-os. Jámais houve, jámais haverá outro meio de as elevar acima de si mesmas e de as fazer santas.

Poderia alguém pois perguntar-nos aqui, não sem razão apparente, porque emprendemos nós separar estes principios divinos do mysterio que os cobre e do fundo geral onde elles repousam e dar-lhes uma fórmula, quando Jesus Christo não lh'a deu? Por um motivo muito grave e que torna hoje esta operação necessaria.

A lucta contra o christianismo tem tomado proporções como nunca se conheceram nos seculos passados. De parcial e contida que era, tornou-se radical, universal e enlaça a sociedade inteira. Não se trata sómente de mutilar esta grande arvore; é forçoso arrancar-a até ás suas raizes. A terra, proclamam-n'o em alta voz, será em breve alastrada pelos seus destroços e não mais conhecerá o logar que ella occupava. A conspiração anti-christã julga-se muito segura do seu resultado.

Uma das suas tacticas mais habeis consiste em derruir o christianismo no reconhecimento dos povos, usurpando-lhe a corôa dos seus beneficios. As obras que elle realisou, atravez dos seculos, em proveito de tantas gerações desgraçadas, desnatura-as, nega-as, attribue-as a quaesquer imaginadas influen-

cias e não á acção maravilhosa, efficaz e directa do christianismo; rouba-lhe até as santas doutrinas; apodera-se d'ellas, fal-as suas e em seguida affirma que não procedem d'elle.

Acostuma assim os homens a desconhecer o christianismo, a serem-lhe indifferentes, a viverem longe d'elle e sem elle, a não se acolherem á sua sombra, a não se alimentarem já dos seus fructos, e, terminado este trabalho, inflamma-lhes o odio no coração e indigita-lh'o como o inimigo da sua felicidade, o inimigo que precisa de ser destruido; no primeiro ensejo que a revolução lhe depare, lançar-se-hão sobre elle com raiva de ingratos.

Basta dizer que essa conspiração até contesta ao christianismo a rehabilitação da mulher. Empreendeu com effeito a tarefa de affirmar audaciosamente que esta grande transformação social não lhe é devida, que é necessario procurar-lhe a origem em outra parte, que os primeiros vestigios d'essa transformação se acham no respeito, por exemplo, que prodigalisavam a suas esposas e a suas mães os nossos ferozes antepassados, nas florestas da Germania; que a cavallaria da idade media, que foi a primeira a idealisar a mulher, não foi manifestamente senão a herdeira d'esses barbaros; que a obra da emancipação foi continuada pela reforma protestante e que emfim a revolução humanitaria a completou. E d'aqui conclue que a religião do Crucificado lhe foi sempre extranha, affirma além d'isto que lhe serve hoje de estorvo, e que, comprimindo a mulher, lhe cerceia as aspirações.

Em presença d'estes ataques e d'estas seducções perfidas, que se ha-de fazer? Restituir ao christianismo o que lhe pertence, mostrar claramente o que foi a mulher em toda a parte, o que ella é ainda fóra do christianismo; o que veio a ser por elle; o que será sem elle: triplo estudo, da mais alta importancia; porque d'elle depende o porvir da mulher e, por ella, o porvir do mundo inteiro.

Para n'isto procedermos com auctoridade, é necessario partir dos principios christãos que presidiram á rehabilitação da mulher; é necessario formulal-os e reduzil-os, se é possivel, ao estado scientifico, afim de comprovarmos rigorosamente as consequencias que resultam d'este processo.

E não é sómente necessario este trabalho para responder ao erro; é sobre tudo necessario para esclarecer a mulher.

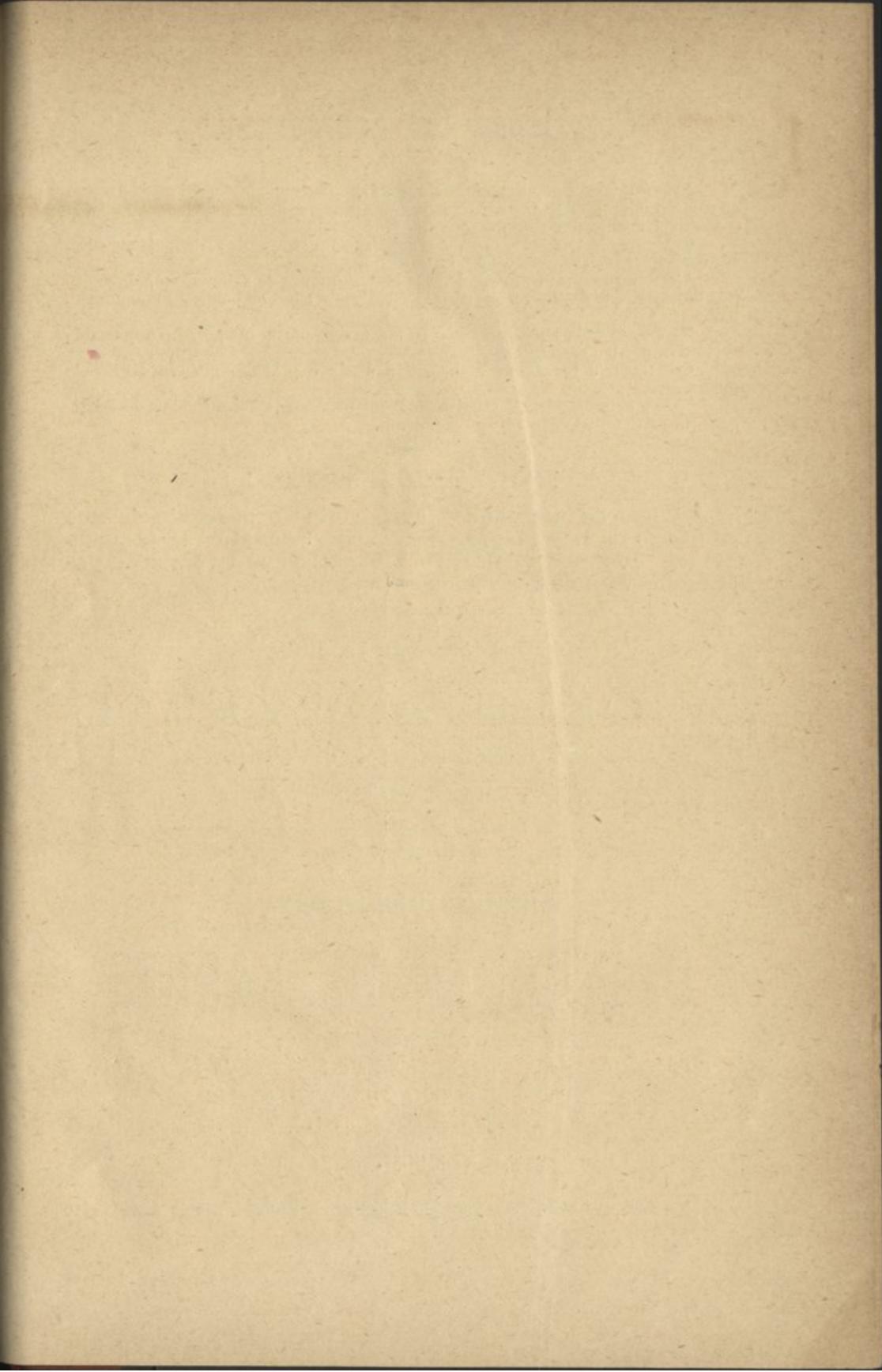
Ella até hoje tem resistido admiravelmente, e este bom senso religioso que a tem amparado contra tantos laços tão habilmente armados, tem sido a sua gloria e a salvação da sociedade. Mas não curvará ella por fim? Inaccessivel ás seducções do espirito, sel-o-ha egualmente aos attractivos do coração, á sensualidade e á vaidade, estes dois eternos moveis de todos os seus desvios, tão perfidamente postos em acção, para attrahil-a ao luxo e ao prazer e, por suas funestas vias, arrancar-a a Jesus Christo? Não sabemos, mas é evidente que o perigo se aggrava, e o espectáculo da sociedade contemporanea bem nos diz e eloquentemente que a resistencia fraqueja.

E, no seu mesmo espirito, não haverá já de facto muito mal, quem sabe se a seu pezar? A consideração, o respeito, a especie de culto, que a rodeiam e que lhe veem do christianismo, affigura-se-lhe que os deve a si mesma, que lh'os merece a sua feliz natureza; que sua belleza, sua graça, a fina delicadeza dos seus sentimentos, seus direitos de esposa e de mãe, alguma cousa talvez, ah! menos séria e mais fragil, seus encantos para fascinar, permanecerão eterna e invencivel salvaguarda da sua dignidade, da sua independencia ou pelo menos da sua posição social; em uma palavra, que lhe é impossivel decair. Funesto erro, desgraçadamente muito commum, deploravel ingratição, de que importa, primeiro que tudo dissuadil-a e cural-a.

Creemos ter sufficientemente dado a conhecer a nossa intenção; vamos depois aos nossos principios.

Jesus Christo não foi o unico que fundou uma religião, que ensinou uma doutrina ou que proclamou uma lei moral. Houve antes d'elle, houve depois d'elle, iniciadores religiosos, legisladores, philosophos. Mas entre estes e elle que abysmo, principalmente quando se trata da mulher!

ABBADE M. F. MARTIN.



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 4\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

A venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 reis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

Obra premiada
no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenário
do seu nascimento

1 volume de XLIII-374 pag., 600 reis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,

HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

BACHAREL FORMADO EM DIREITO

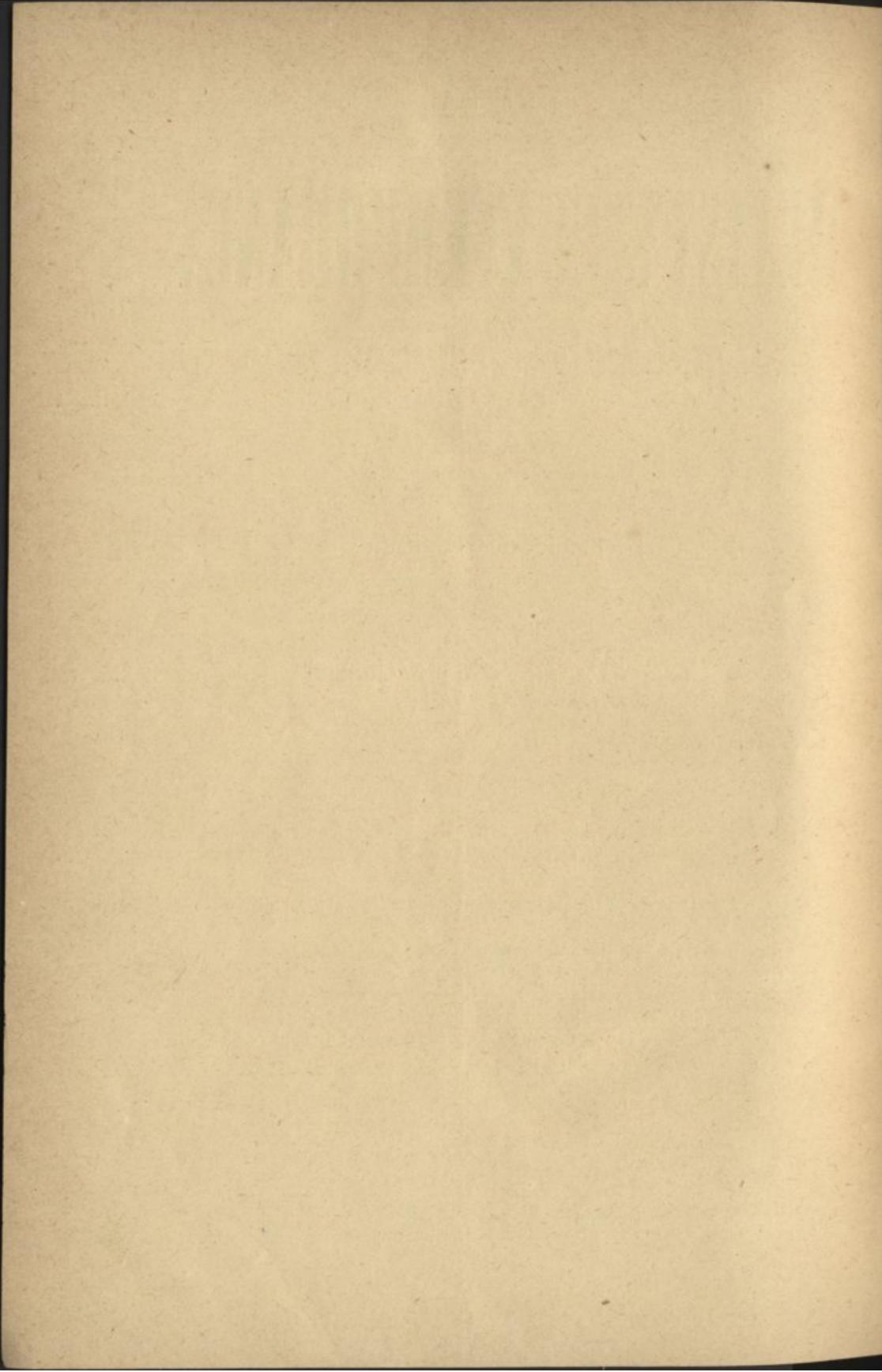
ADMINISTRADOR

José Marques Rifo e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — A prelazia de Moçambique no presente, *(continuação)* pelo Bispo de Himeria.
- II — Solução de politica internacional.
- III — A educação da mocidade *(para continuar)*.
- IV — Africa portugueza (Portos, emporios do futuro, estradas commercaes, caminhos de ferro), *(conclusão)*, por Ernesto de Vasconcellos.
- V — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa *(continuação)*, por P. G., *advogado*.



A prelazia de Moçambique no presente

(Continuação da pag. 289)

A igreja da Cabaceira Grande, em frente e a dois passos de Moçambique, situada em logar de certo mais salubre e pittoresco que a ilha, uma das mais antigas e bellas da prelazia, que n'outro tempo pertenceu aos dominicanos, cahiu em ruinas e havia mais de dez annos que não tinha parochio. Esta christandade, bem como a de Mossuril, prosperas ainda no principio do seculo actual, cahiram quasi completamente em poder dos mouros, pelo abandono em que ficaram durante largo tempo.

Tendo lançado as vistas para este logar, desde o principio, por me parecer apropriado para n'elle fundar uma casa de educação e caridade, da qual n'esta provincia ha tão grande necessidade como do pão quotidiano, fundação que tenho entre mãos, e cujos estatutos em pouco tempo subirão á presença do governo de Sua Magestade para que auxilie e aproveite a util instituição, era de necessidade restaurar a antiga parochia; foi o que fiz; o seu parochio, que ha perto de um anno alli reside, será o capellão do futuro estabelecimento. A bella igreja da Cabaceira, abandonada, cahiu em ruinas; felizmente o actual governador geral, vice-almirante Teixeira da Silva, tocado por este espectáculo de ruinas e vergonha para nós, aqui mesmo ás portas da capital da provincia, resolveu restaural-a, e em seis mezes será uma das melhores igrejas da prelazia, como tambem é uma das mais antigas.

Na capital do ainda ha pouco districto de Angoche nunca

existiu, pelo menos nos tempos modernos, parochia algum; foi alli creada uma parochia em 1875; essa creação, porém, não se tinha traduzido até hoje em factos no terreno; existia apenas na portaria.

Parecendo-me indecoroso para o nome portuguez que existisse um vasto districto sem um unico padre, alli colloquei um, não só para prestar os auxilios da religião aos europeus e funcionarios residentes, mas tambem para contrariar na medida das suas forças a propaganda mahometana, que avasalou todo o norte da provincia, onde domina em absoluto, deixando-nos apenas um ou outro indigena que se tem mostrado rebelde a essa propaganda.

Aqui não existe egreja e os actos do culto são celebrados na pequena capella do cemiterio.

Se me não atraíçõa a memoria, em 1875, por ordem do ministro da marinha e ultramar, foi organizado e approvedo o orçamento para duas egrejas: uma em Angoche, a outra em Bazaruto; tudo ficou letra morta e as egrejas nunca se construíram até esta data. Bem urgente se torna a repetição da mesma ordem, com a clausula essencial de que é para se cumprir.

No archipelago do Bazaruto, onde existe um deposito de degredados europeus e indigenas de uma e outra costa, com uma regular população preta, nunca houve parochia; apenas como em Angoche, existia no *Diario do governo* a parochia desde 1875. Ora se a presença do parochia e a contínua evangelisação da doutrina christã é precisa em alguma parte, é de certo n'um estabelecimento d'esta ordem, para modificar o character do condemnado e suavisar-lhe as agruras de uma consciencia ulcerada.

Portanto, depois de solicitar as ordens precisas para que se construísse alli uma modesta egreja, e sendo-me respondido que o meu pedido fõra tomado em consideração, e dadas as ordens convenientes n'aquelle sentido, para alli enviei um parochia, que tem largo campo onde exercer o seu sagrado ministerio.

Estando abandonada ha muitos annos a veneravel egreja de Sofala, de que já nem ruinas existem, ultimamente com

séde em Chiloane, onde os actos do culto, emquanto teve parochio, o que não acontecia ha quatro annos, eram celebrados n'um indecente pardieiro coberto de palha; e tendo-se reunido uma importante população europêa na Beira, capital dos territorios da Companhia de Moçambique, para alli transferi a parochia, por não haver mais razão de ficar em Sofala ou Chiloane. Dei-lhe parochio, quanto pude em harmonia com as condições excepçõaes d'aquelle logar.

A celebração dos actos do culto é feita na bonita capella da confraria de S. João Baptista, que, como se vê, é particular, sendo, portanto, urgente construir egreja propria e mais central, o que não será muito difficil, logo que o caminho de ferro possa transportar granito, que eu vi no interior e nos logares por onde passa a linha e em grande abundancia.

No interior, nas margens do Pungue, existe Fontesvilla, onde residem muitos europeus catholicos e tambem indigenas; uma commissão construiu a expensas próprias uma boa capella, que lhe custou perto de 3:000\$000 réis, e como são muitas as milhas que separam este ponto da Beira, enviei-lhe um missionario com o titulo de coadjutor do parochio da Beira para amparar e desenvolver esta christandade.

Assim consegui ter tres padres a distancias pequenas uns dos outros, podendo em caso de necessidade prestarem-se mutuo auxilio.

Da missão e instituto de ensino de Lourenço Marques fallarei em logar opportuno. As parochias supraditas são as restauradas desde que entrei na provincia.

*
* * *

Se o pessoal ecclesiastico é pouco numeroso, impedindo assim o acudir ás urgencias de um vastissimo territorio, vejâmos em rapida resenha o estado dos templos, capellas e alfaias do culto. Até ha poucos annos o orçamento da provincia, sempre em perigo agudo de anemia e pobreza na parte que diz respeito a cousas ecclesiasticas, inscrevia uma

verba tão insignificante para alfaias, que fatalmente devia acontecer o que aconteceu; tudo foi consumido até ao ultimo fio, e as vestes sagradas, em vez de edificarem, só promoviam o riso, o desprezo e o ridiculo inevitavel, todas as vezes que se trata sem seriedade o que de sua natureza deve infundir respeito e acatamento.

No tempo do meu veneravel antecessor, e de certo por instancias suas, essa verba destinada a alfaias foi elevada a 1:500,000 réis; e hoje a que está inscripta no actual orçamento é sufficiente para em alguns annos, com methodo e cuidado, haver alfaias bastantes e limpas em todas as igrejas e missões.

Principiemos pelo sul, em ligeira resenha.

A igreja de Lourenço Marques é nova; julgo ter sido aberta ao culto em 1880 ou pouco depois; exteriormente tem aspecto artistico, que é uma imitação do estylo gothico, com as suas agulhas elegantes; internamente é um barracão que se assemelha a uma synagoga ou templo maçonico; está tão afastada da linha geral que preside á construcção de uma igreja do culto catholico, que nem pulpito lhe fizeram. Na capella-mór dispensaram a tribuna e para rematar fizeram á guisa de retabulo entre o altar e a parede uma cousa indefinivel, que só tem similar n'um guarda louça sarapintado a modo de barracão de feira. Já dei os primeiros passos para que estes aleijões desapareçam; de resto é uma igreja assejada e regular em grandeza, a mais nova e uma das melhores da prelazia. Tem alguns paramentos, em geral em mau estado; attendendo á cidade de que é igreja parochial, vae em poucos mezes recebel-os todos completamente novos, recolhendo os que existem para, depois de reparados convenientemente, servirem n'outras igrejas de menos importancia.

A 4 kilometros, na Matola, temos a capella da missão de S. José, construida ha tres annos por subscripção, e sobretudo com o dinheiro do parochio de Lourenço Marques, Antonio Dias Simões; é pequena, mas ainda pôde supprir por alguns annos ás necessidades da missão. Tive a satisfação de a benzer e inaugurar em 1892. Tem alfaias e paramentos novos.

Ainda em Lourenço Marques ha a pequena capella de S. Francisco Xavier; tem alguns paramentos, poucos, pertencentes ao municipio e serve tão sómente para o serviço do cemiterio.

Em Inhambane existe uma boa igreja parochial, reparada ha alguns annos, está para durar ao que parece. Tem alfaias e paramentos fornecidos pela prelazia, que, não sendo rica, possui alguns bens para occorrer ás necessidades mais instantes do culto.

Proximo da villa, e n'um logar relativamente elevado, existe o cemiterio com uma modesta capella, quasi nua, que me parece não possuir paramentos proprios.

No Mongue, em frente da villa, está a missão, para alli transferida do Bembe ha pouco mais de seis mezes. Por emquanto não tem senão uma capella provisoria, muito necessitada de alfaias, as quaes ha de receber convenientes logo que fôr possivel.

Em Bazaruto deve estar-se construindo uma modesta igreja; esta parochia tem paramentos e alfaias regulares e sufficientes para as primeiras necessidades.

Na Beira ha a capella de S. João Baptista, aberta ao culto no dia em que para alli enviei um parochio, e pertencente á confraria do mesmo nome, erecta recentemente. Tem paramentos novos. Outra capella em Fontesvilla, tambem de uma associação ou irmandade, é dependencia da parochia de Sofala, com séde na Beira. Esta serve-se actualmente com as alfaias da antiga parochia, em geral em mau estado.

Entrando em Quelimane temos uma igreja boa, reparada ha alguns annos; tem duas torres pouco elegantes, mas razoaveis. Aqui as alfaias e paramentos pertencem quasi todos á confraria de Nossa Senhora do Livramento e são bastante regulares. Esta confraria possui ainda rendimentos de certa importancia. A mais de 2 kilometros existe a capella do cemiterio, bastante espaçosa, porém nua e sem ornatos. A instancias do respectivo parochio e pedido meu, a actual camara comprou todos os paramentos precisos para esta capella, exemplo que todas as outras deviam imitar e seguir.

Na villa existe ainda uma capella interior, particular e isenta, pertencente aos padres jesuitas.

Subindo o valle do Zambeze, em Sena, a antiga villa das egrejas e conventos, encontrâmos um pequeno mas elegante templo, ha pouco construido com algum dinheiro da fazenda, mas principalmentê com o dos particulares, e especialmente devido aos esforços do commandante militar Camara Lomelino. Tive a satisfação de a benzer e abrir ao publico em outubro de 1892, quando regressava de Maciquece. Necessita paramentos novos.

Em Tete são urgentes reparos importantes na igreja de S. Thiago Maior, reparos que foram mandados executar ha pouco tempo. Tem paramentos e alfaias regulares.

A seis horas de distancia, em Boroma, está prestes a concluir-se uma boa igreja, levantada pelos padres jesuitas. Ainda não tem paramentos nem alfaias da prelazia.

Nas missões do Zumbo, Tumbini e Qualani, por emquanto não existem egrejas que mereçam tal nome, mas capellas provisórias.

Em Antonio Ennes, Angoche, como já disse, não existe igreja parochial, mas a capella do cemiterio, impropria para actos do culto, e que á falta de melhor é aproveitada para aquelle fim, tem paramentos regulares.

Na Cabaceira Grande está-se restaurando a igreja, que deve ficar uma das melhores da provincia; tem paramentos em bom estado.

A igreja de Mossuril é regular em grandeza, tem bom aspecto e está bem conservada, porém os paramentos estão em mau estado e serão substituidos logo que seja possível.

Entremos na capital da provincia. A parochia de S. Sebastião está installada n'uma pequenissima capella do fortim de Santo Antonio, na parte sudoeste da ilha. Esta não tem capacidade e como parochia é provisoria. Tem paramentos e alfaias novos. Junto ao hospital existem de pé as paredes da elegante igreja de Nossa Senhora da Saude, muito bem situada; estas ruinas pertencem ao municipio, de quem tenho a promessa de uma restauração, que se não tem realizado

por difficuldades financeiras; é alli que ficará bem situada, quando prompta, a parochia de S. Sebastião.

No extremo da ilha assenta o cemiterio christão, com uma capella dedicada a S. Francisco Xavier; não possui paramentos proprios; é para exclusivo serviço do referido cemiterio.

A elegante capella de Nossa Senhora do Baluarte, na praça de S. Sebastião, é pequena, porém a unica em que ha arte, junta a uma respeitavel antiguidade. É a capella da praça e do deposito de sentenciados; tem algumas alfaias proprias, mas necessita de paramentos novos.

A igreja da Misericordia é um armazem sem ar e sem luz, que envergonha a capital da provincia, e que só por necessidade ainda se conserva aberta ao culto. Tem algumas alfaias e paramentos proprios; d'esta igreja pôde e deve fazer-se alguma cousa para termos na ilha de Moçambique uma igreja, onde se possam celebrar as festividades mais solemnes do culto catholico, por ser a unica que para isso tem capacidade e razoavel situação topographica.

Na capella de S. Paulo, pertencente ao palacio dos ex.^{mos} governadores, está installada a parochia de Nossa Senhora da Purificação da Sé matriz e a mesma Sé. É muita cousa para caber em tão pequeno espaço. A parochia tem alfaias e paramentos bons, e a Sé tem egualmente os seus, que eu fiz separar dos da parochia, em pequena quantidade, mas os que existem em bom estado. São dos poucos que foram aqui encontrados por mim, se não todos, a maior parte. A capella de S. Paulo foi restaurada desde 1888 a 1891 com gosto e até com certo luxo. Deve ter 26 metros de comprimento por 7 $\frac{1}{2}$ de largura; tem uma capella do Santissimo, que ficou totalmente prejudicada por falta de espaço.

Como se vê pela capacidade da capella não pôde a Sé alli funcionar com commodidade, pois não tem o espaço sufficiente para se poder celebrar um pontifical. Não ha na capella mór espaço para o clero, não o ha para a cadeira do governador, não o ha para as diversas corporações officiaes, e nas grandes festividades não o ha sufficiente para o povo; de modo que em taes occasiões ninguem se intende, nem

encontra o logar que lhe pertence, com manifesto prejuizo da seriedade dos actos que se desempenham.

Accrescem razões muito ponderosas para que a Sé alli não possa funcionar. Todos sabem que as Sés não devem ter tribunas para casas particulares, ou por outra, tribunas independentes da mesma Sé; esta capella tem-n'as do lado do palacio e não é phantastico suppôr-se que ahi se possam passar cousas menos edificantes, com prejuizo da seriedade dos actos religiosos e edificação dos fieis; repito, esta supposição não é phantastica como alguém seria tentado a acreditar. Os governadores sempre intenderam e bem, que esta capella é um annexo do palacio, e portanto que podiam consentir ou não que n'ella se celebrassem as solemnidades da parochia e as da Sé. N'uma occasião em que eu estava em visita no interior, celebraram-se exequias na Sé, não me recordeo suffragando a alma de quem; o governador d'essa epocha, não sympathisando com o canto dos mortos, dirigiu um officio ao meu representante, dizendo que no caso de na Sé se fazerem mais officios de defunctos, que retirava a licença que tinha concedido para alli funcionar a Sé, licença que tinha dado ao meu antecessor ou ao seu representante.

É claro que quem desempenhava as minhas vezes não respondeu, nem eu tão pouco, quando regressei; e isto para não levantar attritos, porque se o fizesse teria de affirmar que aquelle era, como qualquer outro, um acto do culto catholico, e que não estava nas minhas attribuições o abolil-o. Dei ordem, porém, para se não tornarem a fazer officios pelos mortos n'aquella capella, o que equivale a supprmil-os, visto que não podem ser celebrados na praça publica.

Não estou criticando ninguem mas simplesmente mostrando a v. ex.^a que devo ter uma Sé em condições precisas, onde possa ordenar a celebração de todos os actos do culto, sem consentimento ou licença de pessoa alguma.

Moçambique tinha uma magnifica Sé, solida como uma rocha; um governador teve o capricho iconoclasta de a lançar a terra, gastando muito dinheiro para a destruir; parece-me justo e racional que se gastasse algum para a reedificar. A egreja da Misericordia foi construida solidamente; como está,

para nada serve; se, porém, com ella se gastarem pouco mais ou menos 15:000\$000 réis, ficará com ar, luz e vastidão sufficiente para uma boa Sé. Não peço uma nova, já porque conheço as condições especiaes dos tempos em que vivo, já porque reputo perdido o dinheiro que se gasta n'esta nesga de coral e areia que tem o nome de ilha de Moçambique; mas peço para ter uma igreja onde possa celebrar os actos pontificalles condignamente. N'isto está empenhada a dignidade da religião e o decoro do nome portuguez.

Em pouco tempo terei a honra de apresentar a v. ex.^a um projecto para esta obra, e tenho plena confiança que será approvedo, tão evidente é a sua necessidade e urgencia.

Seguindo para o norte encontrâmos a igreja da ilha de Querimba, quasi construida, devendo em pouco ser aberta ao publico. Tem paramentos novos e sufficientes para as necessidades actuaes.

A pequena distancia, no Ibo, assenta a igreja de S. João Baptista, em bom estado; tem paramentos regulares. Na mesma villa e no forte ha uma capella, que apenas necessitava alguns pequenos concertos e que creio já estarem concluidos, para n'ella se celebrarem os actos religiosos.

Para fornecer todas as parochias restauradas e acudir ás antigas com paramentos, alfaias e imagens, é facil calcular o trabalho que tem sido preciso empregar, e o muito que se tem aproveitado tudo o que era velho, que será substituido á medida que os recursos o permittirem e já o tem sido em muitos logares.

Parece-me ter dado uma idéa approximada do estado das parochias debaixo do ponto de vista material, podendo afirmar que actualmente está formado um rigoroso inventario geral, que é a somma dos particulares, dos quaes consta com exactidão tudo que pertence á prelazia, não sendo possivel darem-se mais extravios de objectos sem que haja uma pessoa que d'elles tenha a responsabilidade, que se torna effectiva, se porventura taes casos se vierem a dar, o que espero não aconteça.

(Continua).

BISPO DE HIMERIA.

Solução de politica internacional

Em dezembro de 1803, discutindo-se no landtag bavaro a lei que augmentava os encargos militares da Allemanha, pronunciou o principe de Lœwenstein um notavel discurso sobre a arbitragem internacional do Pontifice romano, dizendo, entre outras cousas, o seguinte: « Resignar-me-hei, com o coração bem triste, á necessidade de votar o orçamento militar, que, sendo extraordinariamente pesado, fere innegavelmente o bem estar nacional e cria uma situação intoleravel. A situação é tanto mais grave quanto é impossivel garantir que a rivalidade das nações nos seus armamentos nos não ha de collocar em presença de creditos ainda mais consideraveis. Finalmente, apesar de tudo termos uma conflagração universal, precedida talvez de um completo exgottamento das forças nacionaes.

« O unico meio de salvação que eu vejo é a criação da arbitragem internacional.

« É verdade que, no decurso d'este seculo, têm-se resolvido pela arbitragem mais de cincoenta pendencias entre Estados, mas procedia-se livremente para cada caso. A coroação de uma ordem politica universal, a possibilidade de um desarmamento e a salvação dos povos exigem um tribunal de arbitragem permanente, a cujas decisões os Estados sejam obrigados a submeter-se.

« A idéa não é nova, e de todos os lados se tem expri-

mido o desejo de a ver realisada. Em 1874, o parlamento inglez formulou até um voto n'esse sentido, e durante o concilio do Vaticano quarenta principes da Igreja pediram a Pio IX que provocasse a criação de um tribunal encarregado de dirimir ou conciliar as questões internacionaes. Petições analogas foram dirigidas ao Papa por um grupo de inglezes catholicos e pelo antigo diplomata inglez Urquhart.

« É incontestavel que o Papa será sempre a pessoa mais qualificada para presidir a tal funcção. Em favor da escolha da sua pessoa e da sua justificação sob o ponto de vista da sabedoria e do character, pode invocar-se a sua eleição para a direcção e governo da Igreja, eleição que não pode ser acompanhada de mais prudencia e garantias. Devemos emfim recordar que a sua elevada posição o obriga a abranger com a vista todas as cousas do mundo. Finalmente, deve considerar-se que quasi sempre se encontra em cada uma das partes litigantes um grande numero de catholicos, filhos da santa Igreja catholica romana, e que isso bastaria para collocar o Papa acima das partes e inspirar-lhe um juizo sabio e benevolo para todos. »

Effectivamente não é nova a idéa a que o principe de Lœwenstein se referiu no parlamento bavaro. A questão da arbitragem pontificia tem sido muitas vezes tratada por distinctos publicistas e politicos da mais elevada reputação.

Podemos verificar, diz M. Revon, ¹⁾ que no presente seculo muitos auctores de idéas bem diversas sustentaram calorosamente a jurisdicção pontificia para a solução dos conflictos internacionaes. Em 1869, só na Inglaterra apparecem duas interessantes manifestações n'este sentido: por um lado uma petição de grande numero de fieis inglezes, pedindo que a Santa Sé creasse um collegio para o ensino do direito das gentes e voltasse a desempenhar a sua antiga missão internacional; por outro lado o eloquente « appello de um protestante ao Papa para o restabelecimento do direito publico das nações », dirigido a Pio IX por David Urquhart.

1) *L'Arbitrage international*, pag. 384.

As mesmas conclusões se encontram nos postulados submettidos ao concilio do Vaticano, e assignados, um em Roma por quarenta bispos, outro em Constantinopla no synodo preparatorio da Egreja armenia, representada pelo patriarcha da Cilicia.

Mais recentemente um grande numero de publicistas, como Defourny, Robert Monteith, o barão d'Avril e muitos outros elaboravam estudos sobre a questão que era egualmente estudada pelos mais illustres estadistas e apresentada em diferentes assembleias politicas.

No dia 25 de julho de 1887, sustentava lord Stanley d'Anderley na camara dos pares uma moção em que propunha fazer reviver a intervenção da Santa Sé, por meio da arbitragem, a fim de diminuir os males das guerras injustas ¹⁾.

No congresso da paz reunido em Roma, sob a presidencia do sr. Bonghi, em 13 de maio de 1889, o Marquez Pareto propunha que se decretasse ao Papa o titulo de arbitro universal, depois de ter adoptado um systema de reconciliação da Italia com a Santa Sé. ²⁾

Finalmente, a arbitragem pontificia tem sido muitas vezes proposta para dirimir a questão da Alsacia-Lorena, e podemos pensar, em face de algumas allocuções do Santo Padre, que Sua Santidade se encontraria disposto a aceitar essa elevada missão. Mas foi principalmente a proposito da mediação das Carolinas que este movimento de idéas tomou proporções consideraveis. « Fora e acima das dissidencias religiosas — dizia Lacointa ³⁾ — ha uma auctoridade social de primeira ordem que, sem exercito para se fazer respeitar, personifica por excellencia a superioridade do espirito sobre a materia, do direito sobre a força; os representantes d'esse poder foram os primeiros que instituiram legações permanentes junto dos Estados e affirmaram os principios do direito das gentes; foi a essa auctoridade, apparentemente abatida,

¹⁾ *Journal du droit international privé*, 1887, pag. 527.

²⁾ *Revue libérale*, maio de 1889, pag. 242; Mongins-Roquefort, *De la solution juridique des conflicts internationaux*, pag. 116, etc.

³⁾ Introducção ao livro do conde Kamarowsky traduzido em francez com o titulo — *Le tribunal international*.

emquanto magistratura dos reis e dos povos, pelo advento da reforma, — foi a essa auctoridade que ainda ha pouco se dirigiu um monarcha, filho mais velho da propria reforma, invocando a sua mediação n'um conflicto grave.

« Sabe-se com que veneração foi recebida por dois governos, na questão das ilhas Carolinas e Palaos, a proposta emanada, em 22 de outubro de 1885, do augusto mediador; se Sua Santidade Leão XIII tivesse sido chamado a decidir como arbitro, a sua sentença não podia ser mais completamente executada do que o foi a sua obra de mediação. »

Era este mesmo o sentimento de muitos homens serios pertencentes a outras opiniões religiosas. Podia ler-se por essa occasião, na revista ingleza *Spectator*: ¹⁾

« A humanidade procura um arbitro cuja imparcialidade seja indiscutivel. Sob muitos pontos de vista, o Papa está, pela sua posição, indicado para esse cargo. Occupa um logar que permite aos monarchas, assim como ás republicas, recorrer a elle sem sacrificio para a sua dignidade. Como consequencia da sua missão, não só o Papa é imparcial entre todas as nações mas ainda se encontra n'um tal grau de elevação, que as differenças são imperceptiveis á sua vista. Resta a questão de religião, mas essa difficuldade vae enfraquecendo. A este respeito nenhum paiz podia ter maiores preconceitos que a Allemanha. Ora o principe de Bismarck não teve receio de dirigir-se ao chefe da Igreja romana. »

O auctor do artigo concluia que semelhante escolha « não é um triumpho para a força material, e proclama claramente que o Papa é, em certos casos, o arbitro actual do mundo civilisado ».

Em França muitos jornaes independentes, e alguns bem insuspeitos sob o ponto de vista das suas idéas religiosas, como o *Journal des débats* e a *Liberté*, exprimiram sentimentos analogos. ²⁾

¹⁾ Cit. por Lacointa, obr. e log. cit.

²⁾ Mougins-Roquefort (obr. cit., pag. 115) reproduz extractos d'estes jornaes. — Cf. diversos artigos do *Désarmement* (28 de abril de 1889), do *Herald of Peace* (março de 1889), etc.

Finalmente recordaremos que toda a opinião publica da Europa, aterrada perante a perspectiva de um grande conflicto europeu, que levaria as nações ao lucto e á miseria, espera com anciedade o momento em que, sob a presidencia do Vigario de Jesus Christo, se constitua um tribunal encarregado de dirimir as questões internacionaes. O mundo inteiro terá dado n'esse momento um grande passo no caminho da civilisação.

A paz armada que actualmente reina em toda a Europa, e que é, em certo modo, peor que a propria guerra, constitue um grande flagello para os povos, que assim vêem gravemente prejudicado o seu desenvolvimento economico e o seu bem estar social. Quando se pensa que, para manter o equilibrio europeu, é necessario sustentar alguns milhões de homens armados, formando poderosissimos exercitos que custam sommas verdadeiramente fabulosas; e quando se reflecte que, atraz d'essa paz apparente, reina entre diversos povos um odio de exterminio, — extranha-se que ainda não estejam todos sufficientemente convencidos da necessidade imperiosa de liquidar as questões pendentes por meio de um tribunal internacional, que continuasse no futuro e permanentemente a sua obra pacificadora.



A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE

Ha uma questão que em nossos dias tem agitado vivamente a opinião publica e levantado extensos debates na tribuna e na imprensa. Desde o chefe do Estado até ao ultimo pae de familia, todos, senadores, deputados, magistrados, escriptores, oradores, todas as classes sociaes entraram na liça e escreveram na historia das luctas parlamentares paginas immortaes assignadas pelos mais bellos talentos e pelas mais nobres coragens. E não só um paiz mas o mundo inteiro tem hoje os olhos fixos n'esse importante problema. Que questão é essa tão grave e tão digna de preoccupar a attenção universal? É a questão das escolas.

Merecerá tanta importancia — dirá alguem — uma questão de creanças? — Pois não é demasiado concentrar n'ella todo o nosso enthusiasmo e todo o nosso ardor; não são demais todos os recursos da fortuna e do talento para garantir o triumpho das sãs idéas e conjurar o mal de uma educação viciosa. É que no peito da infancia abriga-se um mundo inteiro de esperanças ou de desgraças; no seu coração residem os grandes destinos da religião e da patria: a infancia é a esperança ou o flagello do futuro.

Dae-nos uma mocidade pervertida pela intelligencia, corrompida pelo coração, empobrecida de sangue, e tereis mais tarde uma sociedade degradada, sem força nem coragem para se defender e morrer. Dae-nos, pelo contrario, uma mocidade pura nas suas doutrinas, nos seus costumes e no seu sangue, e mais tarde recolhereis para a patria gerações grandes e fortes pela intelligencia e pelo coração, com braços vigorosos

para cultivar e defender a terra de seus avós. Enquanto uns dizem: « Para restituir á patria o seu antigo esplendor, é preciso dar mais desenvolvimento ao commercio e á industria, mais extensão ás sciencias e bellas artes, mais impulso á riqueza e aos exercitos » — outros, mais avisados, exclamam: « É preciso reformar o ensino e obstar ao seu viciamento; para regenerar e aperfeiçoar a sociedade é preciso primeiro regenerar e aperfeiçoar a educação, porque a educação é o futuro ».

Tal é a explicação do vivissimo interesse e da immensa importancia dada á questão das escolas. Se o Crucifixo, diz a Igreja, continuar ligado á escola como a sua bandeira, com todo o seu cortejo emblematico de ensinamentos, de principios e de moral, a infancia será mais tarde a salvação da patria. Se, pelo contrario, diz o livre pensamento, o Crucifixo não for espedaçado e a consciencia catholica opprimida, ai da liberdade e do futuro! Consideremos, não á luz mentirosa das paixões, mas á luz mais real e mais serena dos factos, quem tem prestado mais serviços á infancia e á educação, se a Igreja se o livre pensamento: a experiencia do passado mostrar-nos-ha onde está a garantia do futuro.

I

É raro haver uma distribuição de premios escolares, em que o presidente se não julgue obrigado a repetir esta falsidade historica: « Que bellas intelligencias se terão perdido, ficando desconhecidas e portanto improductivas, na serie de séculos durante os quaes a instrucção era apanagio de alguns privilegiados da fortuna ou do nascimento, ao passo que hoje, graças ao ensino obrigatorio, todas as faculdades intellectuaes, todas as aptidões podem revelar-se e engrandecer-se na medida do seu valor respectivo! »

Insinua-se d'este modo que a instrucção primaria é filha do livre pensamento, e que a Igreja, nos tempos da sua maior preponderancia, despresou a instrucção popular, como se para os seus dogmas receiasse uma luz demasiado intensa, e precisasse de envolver os seus mysterios n'uma camada

espessa de ignorancia e trevas. Examinemos o valor d'esta asserção.

Se abrirmos a historia, lemos n'um auctor pouco suspeito de favorecer a Egreja, lemos em Guizot, que desde o sexto seculo, a ordem de S. Bento funda nas Gallias numerosos mosteiros, e cada um d'esses mosteiros se torna uma escola para as classes populares. Em apoio apresenta Guizot, não phrases de rhetorica, mas nomes proprios, algarismos e documentos authenticos.

No seculo VIII, Carlos Magno quer que cada abbadia sustente uma escola onde as creanças possam aprender a ler, escrever e contar. Refere-se a essa data uma capitular celebre de Theodulfo, bispo de Orléans, onde se prescreve aos sacerdotes que estabeleçam escolas nos burgos e nas aldeias. Em 1179, o terceiro concilio de Latrão prescreve que haja em todas as cathedraes um professor para rapazes pobres.

Não podemos duvidar de que essas prescrições foram seguidas em todo o curso da idade media, quando vemos estipulado, nos contractos de aprendizagem e de tutela, que o pupillo ou o aprendiz frequentará as escolas e será instruido segundo a sua condição, e sobretudo quando vemos esta clausula expressa relativamente a simples creados ou trabalhadores.

Ao fundar-se no seculo XII a monarchia portugueza, é ao clero que se incumbe a missão do ensino popular. «O ensino — diz D. Antonio da Costa ¹⁾ — tenuemente desenhado nas cathedraes tornou-se um elemento privativo dos mosteiros. Esta é a feição caracteristica da instrucção no primeiro periodo da monarchia.

« Foi D. Affonso Henriques quem fundou e dotou essa immensidade de conventos ensinantes, como o de Santa Cruz em Coimbra, o de S. Vicente de Fóra em Lisboa, o de Santa Maria de Alcobaça, o de Tarouca e tantos outros. Seus filhos e netos, as rainhas e infantas, os nobres, os ricos, todas as classes emfim abriram os cofres, e uma rede de mosteiros co-

¹⁾ *Historia da instrucção popular em Portugal*, pag. 13 e seg.

briu a superficie do paiz. Estabelecem-se primeiramente nos centros principaes, e multiplicam-se depois pelo reino. Aos bentos, aos cruzios, aos bernardos, já ramificados, seguem-se, no tempo de D. Affonso II, os dominicos, os franciscanos e outros ainda, fundando-se com o auxilio do braço regio os mosteiros de Coimbra, Lisboa, Evora, Porto, Guimarães, Alemquer, Elvas e demais povoações, abrindo o estudo da theologia, dos canones, da medicina e as humanidades preparatorias.

«Os mosteiros e as cathedraes foram as unicas escolas em que a nação encontrou os primeiros elementos da sua instrucção, e honra seja desde essa quadra iniciadora á cidade de Coimbra, onde tendo já o conde Sisnando instituido em 1073 um seminario teve tambem desde os primeiros dias da monarchia, no mosteiro de Santa Cruz, o ensino das humanidades, de theologia e medicina ¹⁾).

.....
 «Um escriptor portuguez, interpretando as chronicas dos conegos regrantes, assevera que no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra se liam *publicamente* as disciplinas preparatorias e os cursos superiores ²⁾).

«N'este ponto importante da questão, temos de recorrer aos vetustos documentos do proprio mosteiro, e de beber na origem as idéas d'aquella organisação dos estudos. O ensino do mosteiro cruzio de Coimbra mereceu toda a sollicitude da ordem, e mesmo uma certa protecção real, cujo alcance vamos conhecer.

«Uma reunião de circunstancias chamou as atenções para o ensino no mosteiro dos cruzios: a tradição, que é o espirito vivificador das instituições de nomeada, o estar na

¹⁾ «Consulte-se a historia especial de cada um dos mosteiros nas chronicas dos seus escriptores mais notaveis. *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobça*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Historia da ordem de S. Domingos em Portugal*, por Fr. Luiz de Sousa. Para a ordem de S. Francisco as obras de Cenario. Sr. Augusto Philippe Simões, *Evora*, estudo curioso e douto, no *Archivo pittoresco*, tom. III, abril de 1868. *Chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho*, por Fr. Nicolau de Santa Maria. *Monarchia lusitana*, liv. XVI, cap. 5.º e 72.º Castro, *Mappa de Portugal*, parte IV.»

²⁾ «Castro, *Mappa de Portugal*, parte IV.»

côrte, o amôr que mereceu ao fundador da monarchia, de cujas cinzas era depositario, a sabedoria dos seus professores ecclesiasticos, as habilitações que foram demandar á universidade de Paris os seus monges mais intelligentes que se dedicavam ao magisterio, a concorrência dos alumnos de outros mosteiros do reino indo alli procurar o ensino como se fosse a uma escola normal, segundo hoje lhe chamariamos, e finalmente a concorrência dos particulares que se dedicavam á carreira ecclesiastica.

«Todas estas circumstancias influiram no animo de D. Sancho I, a quem sorriu a idéa de estudos na côrte que então era; e a escola superior dos cruzios, tendo ganho o que chamariamos popularidade, obteve do rei um certo auxilio indirecto. D. Sancho abonava as despezas aos alumnos que o mosteiro mandava doutorar na universidade de Paris, para depois virem reger as cadeiras de Santa Cruz, arbitrando-se da fazenda real 400 maravedis de oiro ¹⁾. Foi um d'esses prestacionados, D. Mendo Dias, que depois de regressar veio abrir no mosteiro o ensino da medicina, determinando o prior D. Gonçalo que alguns conegos a aprendessem, pela muita necessidade que havia d'esta sciencia no reino ²⁾. A par d'este ecclesiastico douto que iniciou em Santa Cruz o ensino da medicina, brilharam os professores ecclesiasticos das diversas faculdades, D. João, futuró prior, o versadissimo mestre Raymundo, D. Pedro Pires e outros ³⁾.

(Continúa).



¹⁾ Carta de doação de D. Sancho I ao mosteiro de Santa Cruz, de 14 de setembro de 1199. Fr. Nicolau de Santa Maria, *Chronica* cit., parte II, liv. VII.

²⁾ *Chronica* cit., n.º 7.

³⁾ Antigo *Livro do mosteiro de Santa Cruz*.

AFRICA PORTUGUEZA



Portos, emporios do futuro, estradas commerciaes,
caminhos de ferro

(Conclusão de pag. 265)

Passando a occupar-nos do nossos restantes dominios africanos, temos de apreciar as circumstancias a que ficou reduzida a nossa antiga provincia de Moçambique, justamente aquella por onde mais dilatámos a nossa acção militar e colonisadora e que ao depois, por uma má comprehensão politica, cujas causas ainda estão ignoradas, quasi abandonámos deixando-a entre a influencia dos capitães-móres e donatarios dos prazos de ambas as margens do Zambese; essa grande arteria por onde se internaram os exercitos de Francisco Barreto e de Vasco Fernandez Homem, para a conquista do imperio de Monomotapa.

Foi Moçambique a possessão que mais córtes soffreu no seu vasto territorio, victimada pela ambição da *Sul Africana*; ficando então com uma superficie avaliada em 780:000 kilometros depois da retaliacção do tratado de 11 de Junho de 1891, do qual, por uma falsa comprehensão, ainda querem desviar uma notavel zona territorial a leste do Rio Save e ao sul do planalto de Manica.

A administração da provincia está hoje quasi completa-

mente entregue ás companhias de Moçambique, Nyassa e Zambesia, das quaes as primeiras teem carta régia e por isso não nos occuparemos dos respectivos territorios senão incidentalmente, afim de não se suppôr que lhe fazemos *reclame*.

Como a sua irmã do oeste africano, possui os melhores portos da costa oriental d'África os quaes se acham na sua maioria descriptos no importante relatório do sr. conselheiro Augusto de Castilho publicado em 1884, sendo os mais notaveis os de Lourenço Marques, Beira e Quelimane, por serem aquelles por onde se faz a mais rapida communição com os grandes emporios do éste africano que se chama Transvaal, Manica e Machona, Zambesia e Nyassalandia; os primeiros pelos seus importantissimos jazigos auríferos, os ultimos pelas riquezas carboníferas, agricolas e commerciaes.

Lourenço Marques, considerado como porto de mar, tem melhorado muito, prosegue com a maior actividade o pharolamento e a sua balisagem. Algumas boias teem sido collocadas para assignalar os baixos mais perigosos, accendeu-se o pharol de grande aterragem no cabo Inhaca, augmentou-se o poder do da Ponta Vermelha, construiu-se outro na ponta SO. da Xefina, e collocaram-se luzes de direcção na Catembe e vão estabelecer-se mais dois pharoes para completar o plano geral de alumiamiento do porto: um na ponta éste da restinga da Xefina e outro na ponta Gibbon da ilha Elephante, tendo o primeiro um sector corado para marcar o canal Hope, a melhor entrada da bahia. Uma ponte accostavel está em via de conclusão no porto interior, junto á cidade, para facilitar o movimento que augmenta consideravelmente pela ligacão do caminho de ferro de Lourenço Marques á portella do Incomati com o que vem de Pretoria, incontestavelmente a melhor entrada para o Transvaal, e que de certo fará uma concorrência temível aos caminhos de ferro do Cabo e do Natal, como se pôde concluir pela guerra que estes lhe fazem na questão das tarifas; questão que o nosso governo não deve abandonar um só momento. Mas não basta o que temos feito desde já, é preciso mais. Urge a construcção de uma doca para carga e descarga, com caes exterior accostavel,

sobretudo estando a concluir-se o ramal da portella do Incomati para os campos d'ouro do Silati e que fará augmentar ainda mais o trafego do porto, não só pela sua exportação directa, como pela exploração de todo o districto do Zóútpansberg que este ramal tanto vae facilitar.

O districto de Lourenço Marques, cortado de rios navegaveis taes como o Incomati, Tembe e Limpopo, é de uma facil exploração commercial, mineira e agricola, se se fizer a policia d'esses rios pelas lanchas canhoneiras e se se procurar attrahir o colono, já por meio de pequenas companhias de colonisação, já pela acção directa do estado. Entre estes rios o Limpopo é sem duvida a mais importante via navegavel do districto; a sua barra é difficil, mas não impassavel, uma vez que esteja balisado, como convém, por meio de marcas moveis em terra; na foz deve haver um pharol e um semaphorico para indicar a maré e estado da barra: esta é navegavel para navios de rodas movidos a vapor que não demandem mais de 6 pés. O Limpopo póde dividir-se em quatro secções navegaveis segundo a profundidade: a primeira desde a foz do Pafuri até ao rio dos Elefantes não poderá ser navegada na estiagem por haver pontos em que o fundo é apenas de $\frac{1}{4}$ de pé; na epoca das aguas, que dura tres a quatro mezes (Janeiro a Abril), póde então ser percorrida por embarcações que demandem de 2 a 3 pés, e durante as cheias, que se prolongam ás vezes por 20 dias e mais, podem barcos de 5 pés de calado d'agua navegar até á fronteira.

A segunda secção, desde a foz dos Elefantes ou Lipalule até á Mohamba, que fica a 150 kilometros do oceano, póde ser navegada na estiagem por lanchas de 2 pés de calado d'agua. Entre a Mohamba e a foz do Chengane póde contar-se com 3 pés d'agua e do Chengane a Chai-chai ha 5 pés d'agua de profundidade. A Chai-chai chegam em todas as epocas do anno as embarcações que possam passar a barra do Limpopo.

Todo o valle do Limpopo portuguez é apropriado para o estabelecimento de colonias de população principalmente para montante do ponto de confluencia d'elle com o Chen-

gane. Algumas milhas a leste d'este rio está estabelecido o chefe vátua Gungunhana ¹⁾, um dos poucos potentados indigenas que ainda restam, mas cujo poder tem decahido muito pela influencia exercida pelo governo portuguez que tem avassallado, successiva e gradualmente, muitos chefes do valle do Inharrime, que está occupado completamente pelas nossas auctoridades de Inhambane, achando-se o ultimo posto militar situado no Chicomo a cerca de 50 kilometros de Manjacase, nome dado á povoação onde se estabeleceu o Gungunhana.

O commando militar de Chicomo está ligado á villa de Inhambane por meio de uma boa estrada carreteira estabelecida em grande parte ao longo do rio Inharrime, até ao ponto onde se edificou o quartel militar d'este nome, seguindo então para o norte, passando por Cumbana, prolongando-se pela margem esquerda do rio Matamba que vae desaguar na bahia de Inhambane. Se esta estrada continuar desde Chicomo até ao Limpopo, passando por Manjacase, n'uma extensão de 100 kilometros e do Limpopo, no extremo sul de Bilene, seguir outra para Magul, apenas com 32 kilometros de comprimento, teremos ligado o Incomati, e portanto Lourenço Marques com Inhambane. Magul é, como se sabe, uma importante estação commercial da margem esquerda do Incomati onde chegam, em todas as epochas do anno, lanchas de carga de 10 a 18 toneladas que transportam mercadorias de Lourenço Marques.

Este pequeno lanço d'estrada, entre Magul e o Limpopo, tem uma grande importancia porque vem supprimir as deficiencias de navegação da barra do Limpopo, trazendo ao porto de Lourenço Marques o commercio que aproveita da navegabilidade d'aquelle rio, em cujas margens ha grande numero de povoações Mabuingella e Vátuas, no meio das quaes se podiam estabelecer feiras fixas, que seriam o fundamento de futuras povoações europeas no interior, concor-

¹⁾ Como se vê, foi este artigo escripto antes dos ultimos acontecimentos que se deram na Africa e que todos conhecem. (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

rendo para civilisar o indigena e dar impulso á abertura de novas vias de comunicação.

Por conseguinte bastaria construirmos 132 kilometros de estrada entre Chicomo e Magul para termos assegurado as communicações terrestres entre as duas mais importantes povoações do sul de Moçambique, Inhambane e Lourenço Marques, que se deveriam egualmente ligar por uma linha telegraphica com estações intermedias em Inharrime, Chicomo, Manjacase, commando militar de Limpopo, Magul, Incanhine, Marracuene, Angoane, Ponta Vermelha e Lourenço Marques.

O porto de Inhambane que, na ordem que vamos seguindo, vem logo apoz o de Lourenço Marques, é seguro e abrigado de todos os ventos e proprio para navios de alto bordo. Está balisado por meio de boias e outras marcas e um pharolim se accende na ponta da Burra. O alcance e poder d'esta luz devia ser melhorado. Junto d'ella ha um posto semaphorico, que deve estar em comunicação com a villa por meio de uma linha telephonica, afim de participar a chegada de qualquer navio. O serviço dos pilotos precisa melhorado e ter embarcações proprias.

Os terrenos de Inhambane são apropriados á agricultura que tem tido grande desenvolvimento; o café é excellente, a sua exportação tende a augmentar; produz tambem algodão, arroz, assucar, aguardente e bem assim amendoim, copra, borracha, cera, urzella, gomma copal, etc. Como se vê, é apenas preciso animar o colono a ir para alli estabelecer-se dando-lhe terrenos, casa, instrumentos agrarios e sementes. A fertilidade do terreno e a benignidade do clima bem depressa o ajudariam a indemnisar o estado da despesa feita. Felizmente começa-se a perceber isto, e já alguns africanistas teem pedido concessões de pequenas areas de terrenos, em volta da grande bahia de Inhambane, para estabelecimento de plantações e fazendas agricolas que elles teem ido dirigir. Que o seu exemplo seja seguido é quanto devemos desejar, porque o futuro mostrará que não foram perdidos os seus esforços. A organização das terras, isto é, a inscripção dos sobas ou regulos avassallados que nos pagam o imposto de

palhota tem melhorado muito, podendo dizer-se que o seu rendimento dá uma receita líquida apreciável, que de certo crescerá bastante pela criação de novos postos de occupação, pela conclusão das estradas carreteiras, a que acima nos referimos, e pela policia fluvial nos rios Inharrime, Inhapaballa ou Inhatumbo, á frente da qual estará dentro em pouco uma lancha conhoneira a vapor; tudo enfim quanto demonstre aos olhos do preto a nossa força e predomínio trará como consequencia a sua submissão. Do parallelo 22.º para o norte até ao Zambese, está a administração entregue á companhia de Moçambique, que vae dando o desenvolvimento que pôde aos seus territorios, achando-se em actividade uma linha ferrea de via reduzida entre Fontesvilla e Chimoio, a qual em pouco tempo se estenderá para oeste até Manica, e para sueste até á Beira, em cujo porto se acha estabelecida a capital dos territorios da companhia.

Segue-se o districto da Zambesia com a séde em Quelimane, o seu melhor porto, e tem diante um prospero futuro vindo a ser o interposto commercial para a região dos lagos, que tem por aqui a sua melhor entrada. O porto de Quelimane possui um systema completo de allumiamiento e balisagem destinado a tornal-o accessivel a qualquer hora do dia ou da noite. Está rodeado por meio de prasos ou fazendas agricola commerciaes ligadas, na sua maioria, por canaes naturaes onde as lanchas fazem o trafego facilitando muitissimo as communicações. O rio de Quelimane é navegavel em qualquer epoca do anno até Mogurrumba e d'ahi para oeste em direcção ao Quaqua quando este traz agua; mas este caminho, para se passar para o Zambese e para o Chire, terá de se abandonar logo que se construa o caminho de ferro que deve pôr em rapida communicação o porto de Quelimane com a fronteira tomada em um ponto do curso médio do Ruo. Esta via ferrea, que ligará com a que se fizer no territorio de Blantyre, para vencer a região das cataractas do Chire, entre Catunga e Matope, e onde elle deixa de ser navegavel, seguirá provavelmente pelo valle do Luala até aos rapidos de Pacumpinga no Ruo em direcção a Blantyre e Matope,

deitando um ramal para o Chire na altura de Chironge. As vantagens d'esta linha são manifestas: a primeira, consiste no facto de se poder rapidamente attingir o ponto onde termina a navegação do Nyassa que, como se sabe, entrando no Chire, chega até Matope; e, estando o Nyassa em comunicação, pela estrada chamada de Stevenson, com o Tanganika, teriamos d'este modo a região dos lagos ligada a Quelimane pela via mais curta e mais rapida e consequentemente todo o movimento commercial agrícola e mineiro teria o seu *débouché* no nosso porto com grandes vantagens para o paiz e para o commercio. A outra vantagem seria a do ramal para o Chire. É sabido que a navegação do Zambese se faz pelo Ziu-Ziu e pelo Chire para evitar a parte de difficil travessia, correspondente á ilha de Inhangoma, e que, d'aqui para jusante, a navegação continua difficil até ao Chinde, unica sahida actual do grande rio. É claro que tendo em Chironge, no Chire, um pouco acima, cerca de 36 kilometros, a linha ferrea, todo o movimento que provier do Zambese, para montante do Ziu-Ziu, virá ter a Quelimane. A magnífica bacia carbonifera de Tete, a região mineira aurifera da Makanga e da Maravia de leste terão o seu futuro garantido pela abertura d'esta via de comunicação.

Resta-nos fallar do districto de Moçambique, de certo o menos conhecido de toda a provincia, o que é sem duvida devido ao facto de se haver estabelecido a capital na ilha que deu o nome á nossa possessão da Africa oriental. Já no nosso opusculo, ácerca da questão com a Inglaterra, tratamos das causas que tolheram a nossa acção na provincia, uma das quaes foi o não termos transferido a séde do governo geral para Lourenço Marques, onde mais se carecia do elemento portuguez. Effectivamente todo o functionalismo militar e civil com a estação naval estabelecido em Lourenço Marques, dar-nos-hia um elemento preponderante muito para ter em linha de conta perante os que, por falta d'elle, viam n'isso uma razão para tentarem desapossar-nos do melhor porto do sueste d'África. Mal se comprehende como podemos hoje ainda sustentar Moçambique como capital quer da provincia,

quer do districto, quando ao pé, no continente, temos o porto de Mocambo e as magnificas bahias de Fernão Velloso e de Nacala, sendo esta o melhor e mais seguro abrigo entre os muitos bons portos da provincia e um dos melhores portos do mundo. O territorio que o circumda é coberto por esplendidas mattas, d'onde se extrahem excellentes madeiras de construcção. Não deve continuar despresado este porto que se nos afigura muito proprio para fundação da capital do districto e um bom ponto de apoio para penetração no interior que, mais rapidamente, se iria, por este meio, sujeitando á nossa effectiva influencia com a perspectiva de se auferirem bons resultados pela exploração de um tão rico quanto pouco conhecido territorio.

Outros pequenos portos do districto deviam ser occupados militarmente e em communicacção por meio de uma linha telegraphica, afim de participarem para a séde do governo districtal qualquer occorrenca que precisasse auxilio. O districto de Cabo Delgado está entregue á companhia de Nyassa, que nos seus estatutos tem impostas as obrigações tomadas para com o governo ácerca da valorisação do seu territorio e por isso mesmo não tratamos d'elle.

Tendo passado em revista os nossos dominios africanos mostrámos o muito que já temos feito em prol da sua civilisação e melhoramentos materiaes, e apontámos resumidamente o que, entendemos, se deveria ainda emprehender, para as possessões portuguezas d'este vastissimo continente entrarem no caminho do progresso acompanhando no seu desenvolvimento as colonias visinhas. Que isso se realise em breve é o que desejam todos os portuguezes.

ERNESTO DE VASCONCELLOS.



A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

(Continuação da pag. 230)

CAPITULO SEGUNDO

Queda do poder temporal

As linhas que seguem, escriptas mais para recordar áquelles que esquecem que para instruir os que nunca souberam, referem-se a uma multidão de factos de que não fallaremos ou aos quaes faremos uma simples allusão. Para que faremos a narrativa de factos conhecidos de toda a gente, e reproduziremos documentos vinte vezes publicados?

Apenas queremos esclarecer certos factos historicos esquecidos de muitos, desconhecidos de um grande numero, e que dão a essa empreza da destruição do poder temporal o seu verdadeiro character, que muitos têm procurado desfigurar audaciosamente.

Na historia dos povos como na vida dos individuos, importa distinguir perfeitamente aquillo que é d'aquillo que parece ser, porque muitas vezes essas duas cousas differem fundamentalmente. Mas a verdade não perde os seus direitos pelo facto de alguem ter conseguido occultal-a. Porque um homem consegue dissimular os seus vicios, dar-lhes até a apparencia de virtudes, nem assim fica sendo menos vicioso

e desprezível; assim como um governo, que conseguisse fazer silencio ácerca de crimes sem numero, ou achasse meio de os expor sob um ponto de vista enganador, nem por isso deixaria de ser criminoso. Vamos dizer alguma cousa da questão que nos occupa, porque se não pôde dizer tudo nem mesmo conhecer tudo; não nos importa que os politicos do dia raciocinem da mesma fórma, que os jornalistas escrevam e que as multidões julguem como nós. A verdade deve dominar tudo. Mas nem sempre é facil conhecê-la, tanto a occultam, tanto a falsificam, tanto a substituem por imposturas e mentiras.

Já vimos que os chefes revolucionarios de todos os paizes, esses homens a quem Pio IX chamava com razão *os inimigos da sociedade humana*, tinham preparado nos seus conciliabulos a destruição do poder temporal do Papa, animados de um furor extranho e inteiramente especial.

Em 1846 declarára Mazzini que « o Piemonte entrava no caminho pela perspectiva da corôa da Italia ». Em um relatorio que dirigia de Paris á commissão central revolucionaria de Londres, e que achamos reproduzido no *Journal des Débats* de 15 de maio de 1851, exprimia-se assim: « Devemos contar, *de certo* contamos com o esclarecido governo que se acha estabelecido em Turim. Esse governo tem o sentimento da sua missão, e está prompto a entrar de novo nos seus gloriosos combates, logo que as *circumstancias previstas* tenham collocado nos paizes visinhos os homens do futuro á frente dos negocios ».

Todavia o famoso demagogo não acreditava que um rei, quem quer que elle fosse, podesse terminar completamente a obra criminoso; contava ainda uma vez com a Republica. Em setembro de 1858 escrevia no seu jornal:

« Roma, a *nossa* capital, a *nossa* cidade santa é defeza á Monarchia. Pôde acaso um rei tirar Roma ao Papado? Uma auctoridade derivada, secundaria, pôde destruir, opondo-se resolutamente ao Papado, a fonte de toda a auctoridade na Europa governamental, consummando o maior acto revolucionario que actualmente se pôde conceber? Entre os

homens que se dizem monarchicos haverá um utopista sufficientemente ousado para o affirmar? A unica fórma por que o principio monarchico poderia tentar fazer a Italia una sería tentando submittê-la toda, de um a outro extremo, á dominação do Papa. Haverá alguém que julgue isto possivel e desejavel? »

Mazzini enganava-se: um rei impellido pela ambição e arrastado por sectarios devia arrancar ao Papa o seu dominio temporal, e a Europa, em consequencia das suas divisões, das suas luctas armadas, e principalmente em consequencia das influencias occultas que ha muito se faziam sentir por toda a parte, a Europa fechou os olhos ao que se passava, e, reservando o futuro, deixou que a iniquidade se cumprisse até final.

Quando no congresso de Paris, em março de 1856, se viu aquelle que devia ser o agente principal da obra revolucionaria por excellencia, que se pôde chamar a obra prima da franc-maçonaria, e á qual o proprio Mazzini chamava, como vimos, « o maior acto revolucionario que actualmente se pôde conceber »; quando se viu Cavour assumir o papel de accusador do governo pontificio, que nada tinha que ver com o congresso, que lá não estava representado e não podia defender-se, comprehendeu-se o fim, até então secreto, com que o Piemonte fôra unir-se á França e á Inglaterra para fazerem a guerra da Criméa. No congresso podia levantar-se a voz e começar-se a preparar a opinião e os gabinetes europeus a encararem sem grande surpresa a tortuosa conquista meditada ha tanto tempo.

Se ao famoso *memorandum* de Cavour, que certamente não tinha por fim pacificar os espiritos, mas que pelo contrario devia dar impulsos publicos e solemnes ás paixões anarchicas, — accrescentarmos os artigos violentos e verdadeiramente incendiarios dos jornaes politicos, os folhetos cheios de accusações falsas e de sophismas especiosos, os motins repetidos, os assassinatos, as bombas lançadas nas multidões .. e tudo isso pago com ouro que não era exclusivamente da Italia; se se accrescentar a intervenção directa, continua, e mais ou

menos disfarçada, da policia e das tropas do Piemonte, as con سراções tramadas em Roma á sombra das embaixadas estrangeiras; — comprehender-se-ha facilmente que o pacifico governo do pequeno Estado Pontificio não podia por si mesmo resistir victoriosamente a ataques d'esta natureza. Na sua impotencia apenas podia protestar, appellar para os seus defensores naturaes; finalmente, se não fosse soccorrido, devia fatalmente succumbir n'uma lucta tão desigual. Quando um homem honesto só, ou quasi só, e assaltado por uma numerosa companhia de bandidos, brada por soccorro, a sua defeza não pôde ser mais que um simulacro, um protesto da direito contra a força.

A França, a filha mais velha da Egreja, que reclamava como uma especie de monopolio a protecção temporal do Papado, a França tentou por varias vezes soccorrer Pio IX; mas tinha por chefe um homem, espantoso mixto de scepticismo e de superstições, de utopias e de idéas práticas, que queria apoiar-se nos revolucionarios e nos conservadores; tinha por chefe Napoleão III, que estava muito longe de ser um novo Carlos Magno.

Luiz Napoleão fôra educado pelo filho do convencionalista Lebas, e por Vieillard, o admirador de Robespierre, e desde a sua mocidade fôra filiado nas lojas secretas pelo conde Orsini, em cujas mãos jurára a destruição do poder temporal. Em 1831, na idade de vinte e tres annos, vemol-o a caminho de Roma, á frente de um pequeno bando de insurrectos, esquecendo com uma soberana ingratidão que fôra nos Estados do Papa, que sua mãe, seu irmão, ellè proprio e quasi toda a familia Bonaparte procurára refugio na sua desgraça e encontrára uma hospitalidade verdadeiramente paternal e que se podia chamar magnanima, se recordassemos Savona e Fontainebleau.

Dir-se-á que foi uma loucura da mocidade sobre a qual deve lançar-se um véu; seja assim, mas essas loucuras deviam custar caro ao antigo filiado das lojas, e viria um dia em que deviam intimar-lhe o cumprimento dos seus juramentos de outr'ora.

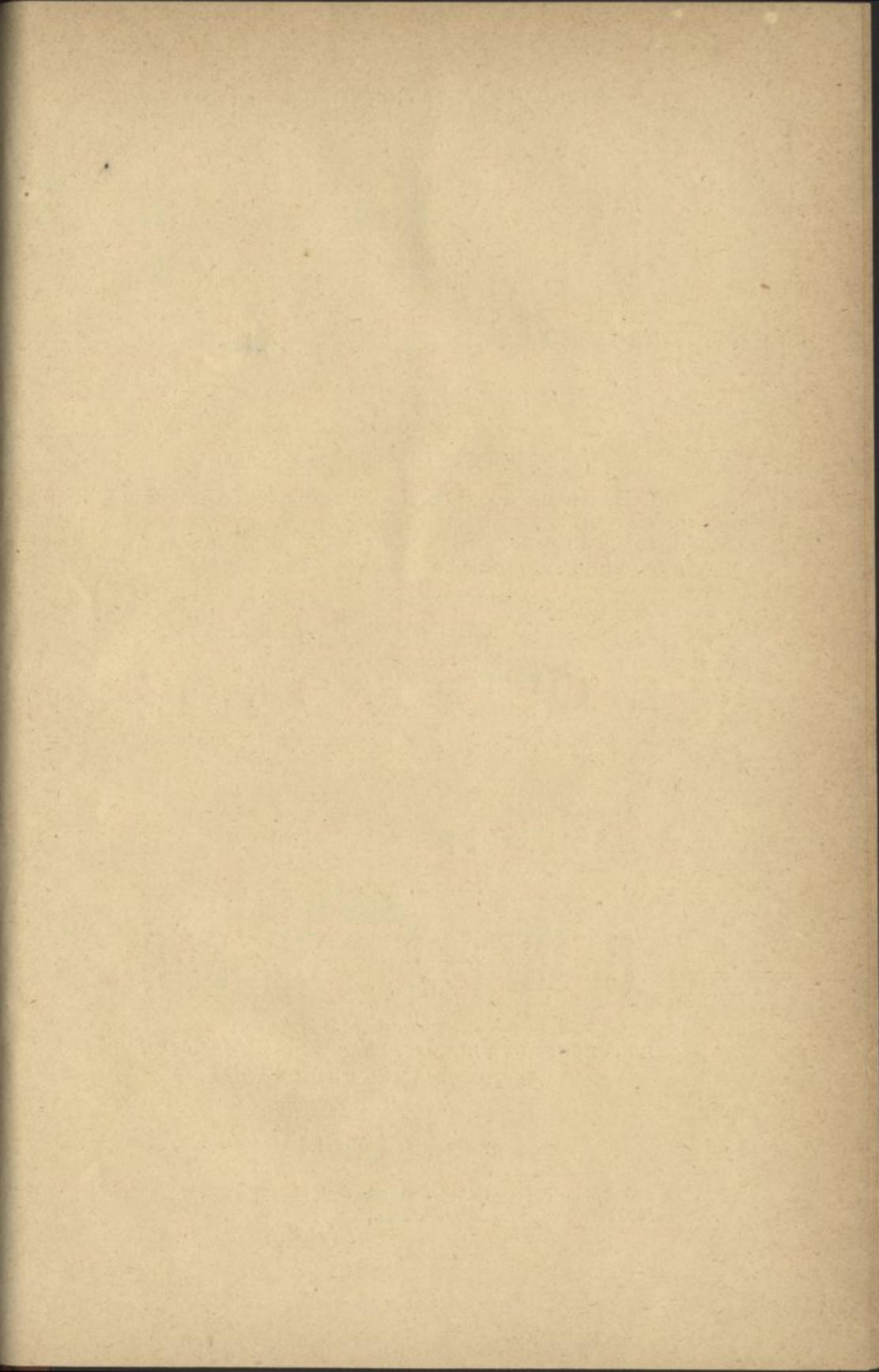
O procedimento de Napoleão III na questão romana foi sempre falto de franqueza e decisão, e isso precisamente por causa de compromissos anteriores que se levantavam como obstaculos em presença de melhores resoluções. Príncipe Presidente, abstém-se no voto da expedição romana; mas para attenuar o effeito produzido nos conservadores e no clero por essa abstenção calculada, declara-se, n'uma carta ao nuncio, partidario do poder temporal, cuja conservação, dizia elle, estava intimamente ligada ao esplendor do catholicismo, como á liberdade e á independencia da Italia.

No principio da expedição, a missão ambigua de Fernando Lesseps, que tinha por fim suspender tudo, mas que abortou perante a indignação do general Oudinot; mais tarde, depois da tomada de Roma, a carta a Edgar Ney, que o general Rostolan recusou formalmente deixar publicar em Roma, não eram outros tantos penhores dados á Revolução, com o fim evidente de conseguir o perdão dos golpes que as valentes tropas francezas acabaram de vibrar-lhe em nome da França christã? Esses bravos generaes comprehendiam mal o jogo de Napoleão e recusaram nobremente fazer-se seus cumplices; perderam o bastão de marchal, mas por certo ganharam, com approvação da sua consciencia, a admiração, a estima superior das pessoas honestas, que consideram mais o dever do que o triumpho.

Portanto Napoleão III prestou ao poder temporal um apoio muito pouco solido e muito pouco sincero, pois fluctuava incerto entre os conservadores e os revolucionarios, afagando uns e outros, e impedia que outras nações ehistãs, como a Austria ou a Hespanha, interviessem mais efficaçmente. Mgr. de Mérode, na sua rude originalidade, tinha ás vezes phrases profundas: «O imperador, dizia elle um dia, ampara-nos como se esteia uma casa para a demolir.»

(Continúa).

P. G., *advogado.*



Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 reis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

O INFANTE DE SAGRES

*Obra premiada
no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,
por occasião do quinto centenario
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 reis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.º, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE
QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

BACHAREL FORMADO EM DIREITO



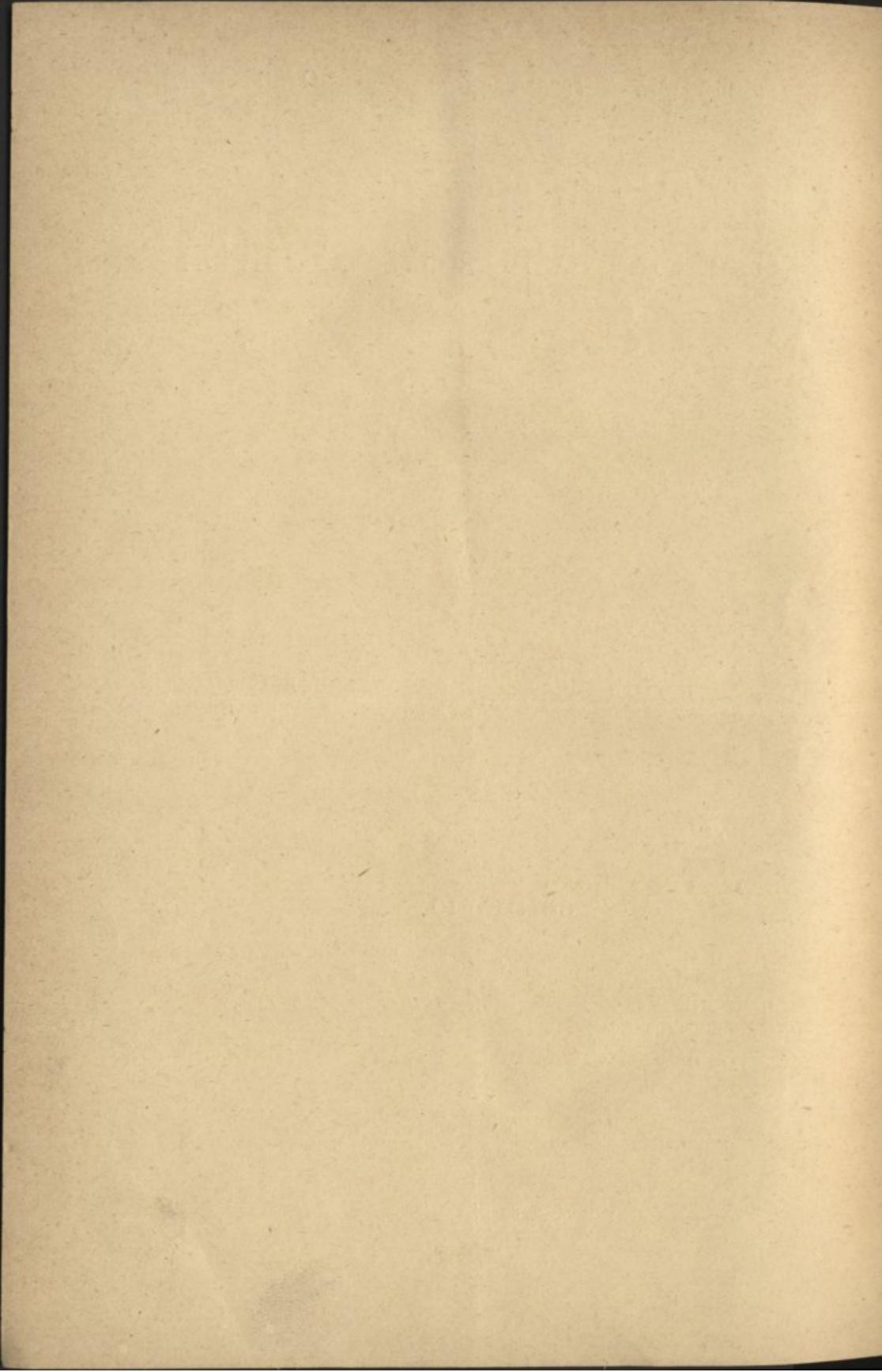
ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

SUMMARIO

- I — Carta Encyclica do Santo Padre Leão XIII sobre a unidade catholica.
- II — A prelazia de Moçambique no presente, (continuação) pelo Bispo de Himeria.



CARTA ENCYCLICA
DO
SANTO PADRE LEÃO XIII
SOBRE A UNIDADE CATHOLICA

AOS NOSSOS VENERAVEIS IRMÃOS OS PATRIARCHAS,
PRIMAZES, ARCEBISPOS, BISPOS E OUTROS ORDINARIOS EM PAZ
E COMMUNHÃO COM A SÉ APOSTOLICA

LEÃO XIII, PAPA.

Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica.

Sabeis muito bem que uma parte consideravel dos Nossos pensamentos e das Nossas preoccupações é dirigida para o seguinte fim: exforçarmo-Nos por trazer os transviados ao redil que governa o Soberano Pastor das almas, Jesus Christo. Com a alma applicada a este objecto, pensamos que seria muito util a este designio e a esta empreza de salvação traçar a imagem da Igreja, desenhar, para assim dizer, os seus traços principaes e pôr em relevo, como traço mais digno d'uma attenção capital, a *unidade*: caracter insigne de verdade e de invencivel poder, que o auctor divino da Igreja imprimiu para sempre á sua obra. Considerada na sua fórma e na sua belleza nativa, a Igreja deve ter uma acção poderosissima sobre as almas: não Nos afastamos da verdade dizendo que este espectáculo pôde dissipar a ignorancia, reformar as idéas falsas e os preconceitos, sobretudo entre aquelles cujo erro não provém da sua propria culpa. Póde

até excitar nos homens o amor da Igreja para sua esposa, resgatando-a com o seu sangue. Porque « Jesus Christo amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ella » ¹⁾.

Se, para voltar a esta mãe amantissima, aquelles que ainda a não conhecem bem ou que tiveram a desgraça de a abandonar devem comprar este regresso, não por certo ao preço do seu sangue (e comtudo foi por tal preço que Jesus Christo a pagou), mas se lhes deve custar alguns esforços, algumas penas muito mais leves de supportar, verão ao menos claramente que estas condições onerosas não foram impostas aos homens por uma vontade humana, mas por ordem e vontade de Deus; e por certo com o auxilio da graça celeste experimentarão facilmente por si mesmos a verdade d'esta divina palavra: « O meu jugo é doce e o meu fardo suave » ²⁾.

É por isso que, pondo a Nossa principal esperanza no « Pae das luzes, de quem descende toda a graça excellente e todo o dom perfeito » ³⁾ n'Aquelle que só « dá o acrescimo » ⁴⁾. Nós lhe pedimos instantemente que se digne pôr em Nós o poder de persuadir.

Deus pôde sem duvida operar, por si mesmo e só por sua virtude, tudo o que fazem os seres creados; todavia, por um conselho misericordioso da sua Providencia, Elle preferiu, para ajudar os homens, servir-se dos mesmos homens. É por intermedio e pelo ministerio dos homens que Elle dá habitualmente a todos, na ordem puramente natural, a perfeição que lhe é devida; usa da mesma fórma na ordem sobrenatural para lhes conferir a santidade e a salvação.

Mas é evidente que não se pôde fazer nenhuma communição entre os homens senão por meio das cousas exteriores e sensiveis. É por isso que o Filho de Deus tomou a natureza humana, Elle que « estando na fórma de Deus... se anniquillou a si mesmo, tomando a fórma de escravo, tendo sido feito se-

¹⁾ Christus dilexit Ecclesiam, et seipsum tradidit pro ea. Ephes, v. 25.

²⁾ Jugum enim meum suave est, et onus meum leve. Matt., XI, 30.

³⁾ Omne datum optimum et omne donum perfectum .. descendens a Patre Iu-
minum. Ep. Jac., I, 17.

⁴⁾ Qui incrementum dat. I Corinth., III, 6.

melhante aos homens » ¹⁾, e assim, enquanto vivia sobre a terra, revelou aos homens, conversando com elles, a sua doutrina e as suas leis.

Mas como a sua missão divina devia ser duradoura e perpetua, juntou a si discipulos, aos quaes deu parte do seu poder, e tendo feito descer sobre elles do alto do céu o « Espirito de verdade », lhes ordenou que percorressem toda a terra e pré-gassem fielmente a todas as nações o que elle mesmo havia ensinado e prescripto, a fim de que professando a sua doutrina e obedecendo ás suas leis, o genero humano pudesse adquirir a santidade sobre a terra, e, no céu, a eterna felicidade.

Tal é o plano segundo o qual a Igreja foi constituida, taes são os principios que presidiram ao seu nascimento. Se n'ella vemos o fim ultimo que ella prosegue e as causas immediatas pelas quaes produz a santidade nas almas, certamente a Igreja é *espiritual*; mas se Nós considerarmos os membros de que ella se compõe e os proprios meios pelos quaes os dons espirituaes chegam até Nós, a Igreja é *exterior* e necessariamente visivel. Foi por signaes que feriam os olhos e os ouvidos que os Apostolos receberam a missão de ensinar; e esta missão não a realisaram d'outro modo senão por palavras e actos igualmente sensiveis. Assim a sua voz, entrando pelo ouvido exterior, produzia a fé nas almas: « a fé vem pela audiçãõ e a audiçãõ pela palavra de Christo » ²⁾. E a propria fé, isto é o assentimento á primeira e soberana verdade, está sem duvida, por sua natureza, encerrada no espirito, mas deve entretanto manifestar-se exteriormente pela evidente profissão que d'ella se faz, « porque se crê de coração para a justiça mas se confessa de bocca para a salvaçãõ » ³⁾. Do mesmo modo nada é mais intimo ao homem do que a graça celeste, que produz n'elle a santidade, mas são exteriores os instrumentos ordinarios e principaes pelos quaes a graça Nos é communicada: queremos falar dos sacramentos, que

¹⁾ Qui cum in forma Dei esset... semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus. Philippens. II, 6 7.

²⁾ Fides ex auditu, auditus autem per verbum Christi. Rom., X., 17.

³⁾ Corde enim creditur ad justitiam: ore autem confessio fit ad salutem. Rom. X., 10.

são administrados, com ritos especiaes, por homens especialmente escolhidos para esta funcção. Jesus Christo ordenou aos Apostolos e aos successores perpetuos dos Apostolos que instruissem e governassem os povos; ordenou aos povos que recibessem a sua doutrina e se submettessem docilmente á sua auctoridade. Mas estas relações mutuas de direito e de deveres na sociedade christã não sómente não teriam podido durar, mas não teriam mesmo podido estabelecer-se sem ser por intermedio dos sentidos, interpretes e mensageiros das cousas.

É por todas estas rasões que a Igreja, nas santas Lettras, é tão frequentemente chamada um *corpo*, e tambem o *corpo de Christo*. «Vós sois o corpo de Christo» ¹⁾. Porque a Igreja é um corpo, é visivel aos olhos; porque ella é o corpo de Christo, é um corpo vivo, activo, cheio de seiva, sustentado como é e animado por Jesus Christo, que o penetra da sua virtude, pouco mais ou menos como o tronco da vinha alimenta e torna ferteis os ramos que lhe estão unidos. Nos seres animados, o principio vital é invisivel e occulto ao mais profundo do ser, mas elle trahe-se e manifesta-se pelo movimento e pela acção dos membros: assim o principio da vida sobrenatural que anima a Igreja apparece a todos os olhos por actos que ella produz.

Segue-se que estão n'um grande e pernicioso erro aquelles que, talhando a Igreja ao sabor da sua phantasia, a imaginam como occulta e de modo algum visivel; e tambem aquelles que a olham como uma instituição humana, munida d'uma organização, d'uma disciplina, de ritos exteriores, mas sem nenhuma comunicação permanente dos dons da graça divina, sem nada que atteste, por uma manifestação quotidiana e evidente, a vida sobrenatural haurida em Deus.

Estas duas concepções são tão incompativeis com a Igreja de Jesus Christo, quanto o corpo só ou a alma só é incapaz de constituir o homem. O conjuncto e a união d'estes dois elementos são absolutamente necessarios á verdadeira Igreja, pouco mais ou menos como a intima união da alma e do corpo é indispensavel á natureza humana. A Igreja não é uma especie de

¹⁾ Vos autem estis corpus Christi. I Cor., XII, 27.

cadaver; é o corpo de Christo, animado da sua vida sobrenatural. O mesmo Christo, chefe e modelo da Igreja, não é inteiro, se se considera n'elle, quer exclusivamente a natureza humana e visível, como fazem os partidarios de Phothin e de Nestorius, quer unicamente a natureza divina e invisível, como fazem os Monophysitas; mas Christo é um pela união das duas naturezas, visível e invisível, e é um em ambas ellas; da mesma maneira, o seu corpo mystico não é a verdadeira Igreja senão com a condição de que as suas partes visíveis tirem a sua força e a sua vida dos dons sobrenaturaes e dos outros elementos invisíveis; e é d'esta união que resulta a natureza propria das mesmas partes exteriores.

Mas como a Igreja é *tal* pela vontade e pela ordem de Deus, ella deve permanecer *tal*, sem nenhuma interrupção, até aos fins dos tempos, sem o que não teria evidentemente sido fundada para sempre, e o mesmo fim para o qual ella tende seria limitado a um certo termo no tempo e no espaço: dupla conclusão contraria á verdade. É pois certo que esta reunião de elementos visíveis e invisíveis, pela vontade de Deus, na natureza e na constituição íntima da Igreja, deve necessariamente durar tanto quanto a mesma Igreja dure.

É por isso que S. João Chrysostomo nos diz: « Não te separe da Igreja; nada ha mais forte que a Igreja. A tua esperança é a Igreja; a tua salvação é a Igreja; o teu refugio é a Igreja. Ella é mais alta que o céu e mais larga que a terra. Ella nunca envelhece, o seu vigor é eterno. Por isso a Escripura, para nos mostrar a sua inquebrantavel solidez, chama-a uma montanha ¹⁾ ». Santo Agostinho acrescenta: « Os infieis crêem que a religião christã deve durar um certo tempo no mundo e depois desaparecer. Ella durará, porém, tanto como o sol: enquanto o sol continuar a pôr-se e a occultar-se, isto é, enquanto durar o curso dos tempos, a Igreja de Deus, isto é, o corpo de Christo, não desaparecerá do mundo » ²⁾. E o mesmo

¹⁾ Ab Ecclesia ne abstineas; nihil enim fortius Ecclesia. Spes tua Ecclesia, salus tua Ecclesia, refugium tuum Ecclesia. Coelo excelsior et terra latior est illa. Numquam senescit, sed semper viget. Quamobrem, ejus firmitatem stabilitatemque demonstrans. Scriptura montem illam vocat. Hom. *De capto Eutropio*, n.º 6.

²⁾ Putant religionem nominis christiani ad certum tempus in hoc saeculo vi-

Padre diz algures : « A Igreja vacilará, se o seu fundamento vacilar ; mas como poderá vacilar Christo ? Emquanto Christo não vacilar, a Igreja não se dobrará nunca até aos fins dos tempos. Onde estão aquelles que dizem : « a Igreja desappareceu do mundo », pois que ella não pôde sequer render-se ? » ¹⁾.

Taes são os fundamentos sobre os quaes ha de apoiar-se aquelle que procura a verdade. A Igreja foi fundada e constituida por Jesus Christo Nosso Senhor ; por consequencia, quando queiramos inquirir da natureza da Igreja, o essencial é saber o que Jesus Christo quiz fazer e o que na realidade fez. É segundo esta regra que se deve tratar sobretudo da unidade da Igreja, e por isso Nos pareceu conveniente, no interesse commum, dizer alguma coisa a este respeito n'esta Carta.

Sim, certamente, a verdadeira Igreja de Jesus Christo é uma: os testemunhos evidentes e multiplicados das santas Lettras estabeleceram tão bem este ponto em todos os espiritos, que nenhum christão ousará contradizel-o. Mas quando se trata de determinar e de estabelecer a natureza d'esta unidade, alguns deixam-se desvairar por diversos erros. Não sómente a origem da Igreja, mas todos os traços da sua constituição pertencem á ordem das coisas que procedem d'uma vontade livre: toda a questão consiste, pois, em saber o que na realidade succedeu; e é mister procurar, não de que modo a Igreja poderia ser uma, mas qual a unidade que lhe quiz dar o seu Fundador.

Ora se examinamos os factos, verificaremos que Jesus Christo não concebeu nem instituiu uma Igreja formada d'algumas comunidades que se assemelhassem por certos traços geraes, mas seriam distinctas umas das outras e não ligadas entre si por esses laços, unicos que pôdem dar á Igreja a individualidade e a unidade de que fazemos profissão no symbolo da fé « creio a Igreja... una ».

cturam, et postea non futuram. Permanebit ergo cum sole, quamdiu sol oritur et occidit; hoc est quamdiu tempora ista voluntur, non deerit Ecclesia Dei, id est Christi corpus in terris. *In Psalm. Leão LXXI, n.º 8.*

¹⁾ Nutabit Ecclesia, si nutaverit fundamentum; sed unde nutabit Christus?... Non nutante Christo, non inclinabitur in saeculum saeculi. Ubi sunt qui dicunt perisse de mundo Ecclesiam quando nec inclinari potest? *Enarrat. in Ps. CIII, serm. II, n.º 5.*

« A Egreja é constituída na unidade pela sua propria natureza : ella é una, apezar das heresias procurarem dividil-a em algumas seitas. Dizemos pois que a antiga e catholica Egreja é una : ella tem a unidade de natureza, de sentimento, de principio, de excellencia . . . De resto, o cume da perfeição da Egreja, como o fundamento da sua construcção, consiste na unidade ; é por isso que ella ultrapassa tudo no mundo e que nada tem de igual nem de semelhante a ella » ¹⁾). Por isso, quando Jesus Christo fala d'este edificio mystico, menciona uma só Egreja, que chama *sua* : « Eu edificarei a minha Egreja ». Qualquer outra que se queira imaginar fóra d'esta, não sendo fundada por Jesus Christo, não póde ser a verdadeira Egreja de Jesus Christo.

Isto é ainda mais evidente se se considerar o designio do Divino auctor da Egreja. Que procurou, que quiz Jesus Christo Nosso Senhor com o estabelecimento e a manutenção da sua Egreja ? Uma só coisa : transmittir á Egreja a continuação da mesma missão, do mesmo mandato que Elle proprio havia recebido de seu Pae. Era isto o que elle tinha decretado fazer e o que realmente fez. « Como meu Pae me enviou, assim eu vos envio ²⁾. Como vós me enviastes ao mundo, eu tambem os enviei ao mundo » ³⁾.

Ora, é da missão de Christo resgatar da morte e salvar « o que havia perigado », isto é, não sómente algumas nações ou algumas cidades, mas a universalidade de todo o genero humano, sem nenhuma distincção no espaço nem no tempo. « O Filho do homem vive, para que o mundo seja salvo por elle ⁴⁾. Porque nenhum outro nome foi dado sob o céu aos homens pelo qual deviamos ser salvos » ⁵⁾.

¹⁾ In unius naturae sortem coepetatur Ecclesia quae est una, quam conantur haereseis in multas discindere. Et vissentia veró et opinione, et principió et excellencia unicam esse dicimus antiquam et catholicam Ecclesiam . . . Ceterum Ecclesiae quoque eminentia, sicut principium constructionis, est ex unitate, omnia alia superans, et nihil habens sibi simile vel aequale. Clemens Alexandrinus, *Stromatum* lib. VII, cap. XVII.

²⁾ Sicut misit me Pater, ego mitto vos. Joan., XX, 21.

³⁾ Sicut tu me misisti in mundum, et ego misi eos in mundum. Joan., XVII, 18.

⁴⁾ Filius hominis . . . ut salvetur mundus per ipsum. Joan., III, 17.

⁵⁾ Nec enim aliud nomen est sub coelo datum hominibus; in quo oporteat nos salvos fieri. Act., IV 12.

A missão da Igreja é pois espalhar ao longe entre os homens e estender a todas as edades a salvação operada por Jesus Christo e todos os beneficios que d'ahi dimanam. É por isso que, segundo a vontade do seu Fundador, é necessario que ella seja unica em toda a extensão do mundo, em toda a duração dos tempos. Para que ella pudesse ter maior unidade, necessario seria sair dos limites da terra, imaginar um genero humano novo e desconhecido.

Esta Igreja unica, que devia abraçar todos os homens em todos os tempos e em todos logares, Isaias a tinha visto e designado anticipadamente, quando o seu olhar, penetrando o futuro, teve a visão d'uma montanha cujo cume elevado acima de todos os outros era visivel a todos os olhos, e que era a imagem da casa do Senhor, isto é a Igreja. « Nos ultimos tempos, a montanha que é a casa do Senhor será preparada sobre o cume das montanhas » ¹⁾. Ora, esta montanha collocada sobre o cume das montanhas é unica: unica é esta casa do Senhor, para a qual todas as nações devem um dia affluir junctas para ahi encontrar a regra da sua vida, « E todas as nações affluirão para ella e dirão: vinde, subamos a montanha do Senhor, vamos á casa do Deus de Jacob, e elle nos ensinará as suas vias, e nós caminharemos nos seus trilhos » ²⁾. Optato de Mil. diz a proposito d'esta passagem: « está escripto no propheta Isaias: a lei sairá de Sião e a palavra do Senhor de Jerusalem ». Não é pois na montanha material de Sião que Isaias vê o valle, mas na montanha santa que é a Igreja e que enchendo todo o mundo romano, eleva o seu cume até ao céu. « A verdadeira Sião espiritual é pois a Igreja, na qual Jesus Christo foi estabelecido rei por Deus Padre e o é em todo o mundo, o que só é verdade da unica Igreja catholica » ³⁾. Eis o que diz Santo Agostinho: « Que haverá de

¹⁾ Et erit in novissimis diebus praeparatus mons domus Domini in vertice montium. Isaias, II, 2.

²⁾ Et fluent ad eam omnes gentes... et dicent: Venite et ascendamus ad montem Domini, et ad domum Dei Jacob, et docebit nos vias suas, et ambulabimus in semitis ejus. *Ib.*, 2-3.

³⁾ Scriptum est in Isaia propheta: ex Sion prodiet lex, et verbum Domini de Hierusalem. Non ergo in illo monte Sion Isaias aspicit valem, sed in monte sancto, qui est Ecclesia, qui per omnem orbem romanum caput tulit sub toto coelo... Est

mais visível que uma montanha? Entretanto ha montanhas desconhecidas, aquellas que são situadas num canto afastado do globo... mas não succede assim com esta montanha, pois que ella enche toda a superficie da terra, e d'ella está escripto que será preparada sobre o cume das montanhas » ¹⁾).

É mister accrescentar que o Filho de Deus decretou que a Igreja seria o seu proprio corpo mystico, ao qual Elle se uniria para ser a sua cabeça, assim como no corpo humano, que Elle tomou pela Encarnação, a cabeça está unida aos membros por uma união necessaria e natural. Assim pois como Elle tomou um corpo mortal unico, que votou aos tormentos e á morte para pagar o resgate dos homens, assim tambem tem um corpo mystico unico, no qual e por meio do qual faz participar os homens da santidade e da salvação eterna. «Deus estabeleceu-o (a Christo) chefe de toda a Igreja, que é o seu corpo » ²⁾).

Membros separados e dispersos não podem reunir-se a uma só e mesma cabeça para formar um só corpo. Ora S. Paulo diz-nos: « Todos os membros do corpo, ainda que numerosos, não são comtudo mais que um só corpo: assim é Christo » ³⁾).

É por isso que esse corpo mystico, nos diz elle ainda, é *unido e ligado*. « Christo é o chefe; em virtude do que todo o corpo unido e ligado por todas as junturas, que se prestam mutuo auxilio, segundo uma operação proporcionada a cada membro, recebe o seu augmento para ser edificado na caridade » ⁴⁾). Assim pois, se alguns membros ficam separados e afastados dos outros membros, não poderiam pertencer á mesma cabeça que

ergo spiritualis Sion Ecclesia, in qua a Deo Patre rex constitutus est Christus, quae, est in toto orbe terrarum, in quo est una Ecclesia catholica: *De Schism. Donat.* lib III, n.º 2.

¹⁾ Quid tam manifestum quam mons? Sed sunt et montes ignoti, quia in una parte terrarum positi sunt... ille autem mons non sic, quia implevit universam faciem terrae: et de illo dicitur: paratus in cacumine montium. *In Epist. Joan.* trac. 1, n. 13.

²⁾ Ipsum (Christum) dedit (Deus) caput supra omnem Ecclesiam, quae est corpus ipsius. *Ephes.*, 1; 22, 23.

³⁾ Omnia autem membra corporis, cum sint multa, unum tamen corpus sunt: ita et Christus. *I Cor.*, XII 12.

⁴⁾ Caput Christus: ex quo totum corpus compactum et connexum per omnem juncturam subministracionis, secundum operationem in mensuram uniuscujusque membri. *Ephes.*, IV, 15-16.

o resto do corpo. «Ha, diz S. Cypriano, um só Deus, um só Christo, uma só Igreja de Christo, uma só fé, um só povo, que pelo laço da concordia está estabelecido na unidade solida d'um mesmo corpo. A unidade não pôde ser scindida: um corpo que resta unico não pôde dividir-se pelo fraccionamento do seu organismo» ¹⁾. Para melhor mostrar a unidade da sua Igreja, Deus nol-a apresentou sob a imagem d'um corpo animado, cujos membros não podem viver senão com a condição de estarem unidos com a cabeça e de irem buscar sem cessar á mesma cabeça a sua força vital: separados urge que elles morram. «Ella não pode (a Igreja) ser dispersa em pedaços pela dilaceração dos seus membros e das suas entranhas. Tudo o que fôr separado do centro da vida não poderá mais viver á parte nem respirar» ²⁾. Ora, em que é que um cadaver se assemelha a um ser vivo? «Ninguém jámais odiou a sua carne, mas a alimenta e a cuida, como Christo a Igreja, porque nós somos os membros do seu corpo, formados da sua carne e dos seus ossos» ³⁾. Procure-se pois uma outra cabeça semelhante a Christo, procure-se um outro Christo, se se quer imaginar uma outra Igreja fóra d'aquella que é o seu corpo: «Vêde o que deveis fazer, vêde pelo que deveis vigiar; vêde o que deveis temer. Por vezes corta-se um membro no corpo humano, ou antes separa-se do corpo: uma mão, um dedo, um pé. Segue a alma um membro cortado? Quando elle estava no corpo, vivia; cortado, perde a vida. Assim o homem, enquanto vive no corpo da Igreja, é christão catholico; separado torna-se heretico. A alma não segue o membro amputado» ⁴⁾.

¹⁾ Unus Deus est, et Christus unus, et una Ecclesia ejus et fides una et plebs una in solidam corporis unitatem concordiae ... copulata. Scindi unitas non potest, nec corpus unum discidio compaginis separari. S. Cyprianus. *De cath., Eccl. Unitate*, n. 23.

²⁾ Non potest (Ecclesia)... divulsis laceratione visceribus in frusta discerpi. Quidquid a matrice discesserit, seorsum vivere et spirare non poterit. *Id. loc. cit.*

³⁾ Nemo enim unquam carnem suam odio habuit; sed nutrit et fovet eam, sicut et Christus Ecclesiam: quia membra sumus corporis ejus, de carne ejus et ossibus ejus. *Ephes.*, v. 29 30.

⁴⁾ Videte quid caveatis, videte quid observetis, videte quid timeatis. Contingit, ut in corpore humano, imo de corpore aliquod praecidatur membrum, manus, digitus, pes: numquid praecisum sequitur anima? Cum in corpore esset, vivebat: praecisum amittit vitam. Sic et homo christianus catholicus est, dum in corpore vivit:

A Igreja de Christo é pois unica, e, além d'isso, perpetua; quem d'ella se separa afasta-se da vontade e da ordem de Jesus Christo Nosso Senhor, abandona o caminho da salvação e corre á sua perda. Quem se separa da Igreja para se unir a uma esposa adúltera, abdica tambem as promessas feitas á Igreja. Quem abandona a Igreja de Christo não obterá as recompensas de Christo. Quem não guardar esta unidade não guarda a lei de Deus, não guarda a fé do Pae e do Filho, não guarda a vida nem a salvação » ¹⁾).

Mas Aquelle que instituiu a Igreja unica instituiu-a tambem una; isto é de tal natureza que todos aquelles que deviam ser seus membros fossem unidos pelos laços d'uma sociedade muito estreita, de maneira a não formarem todos juntos senão um povo, um só reino, um só corpo. « Sêde um só corpo e um só espirito, como fostes chamados a uma só esperança na vossa vocação » ²⁾).

Ao approximar-se a sua morte, Jesus Christo sancionou e consagrou do modo mais augusto a sua vontade sobre este ponto, n'essa oração que dirigiu a seu Pae: « Eu não peço por elles sómente, mas tambem por aquelles que, pela sua palavra, creiam em mim... a fim de que elles tambem sejam uma só coisa em nós... a fim de que elles sejam consummados na unidade » ³⁾. Elle mesmo quiz que o laço da unidade entre seus discipulos fosse tão intimo, tão perfeito, que imitasse de certo modo a sua propria união com seu Pae: « Eu vos peço... que elles sejam todos uma coisa, como vós, meu Pae, sois em mim e eu em vós » ⁴⁾).

Ora, uma tão grande, uma tão absoluta concordia entre os

praecisus, haereticus factus est: membrum amputatum non sequitur spiritus. S. Augustinus, sermo CCLXVI, I n. 4.

¹⁾ Quisquis ab Ecclesia segregatus adulterae jungitur, a promissis Ecclesiae separatur, nec perveniet ad Christi praemia qui reliquit Ecclesiam Christi... Hanc unitatem qui non tenet, non tenet Dei legem, non tenet Patris et Filii fidem, vitam non tenet et salutem. S. Cyprianus, *De cath. Eccl. Unitate*, n. 6.

²⁾ Unum corpus et unus spiritus, sicut vocati estis in una spe vocationis vestrae. Ephes. IV, 4.

³⁾ Non pro eis rogo tantum, sed et pro eis qui credituri sunt per verbum eorum in me... ut et ipsi in nobis neum sint... consummati in unum. Joan, XVII, 20 21 23.

⁴⁾ Rogo... ut omnes unum sint, sicut tu, Pater, in me, et ego in te. Ib, 21.

homens deve ter por fundamento necessario o accordo e a união das intelligências; d'onde se seguirá naturalmente a harmonia das vontades e o accordo nas acções.

Foi por isto que, segundo o seu plano divino, Jesus quiz que a unidade da fé existisse na sua Igreja; porque a fé é o primeiro de todos os laços que unem o homem a Deus, e é a ella que nós devemos o nome de *fieis*. «Um só Senhor, uma só fé, um só baptismo»; ¹⁾ isto é, assim como elles não teem senão um só Senhor e um só baptismo, assim todos os christãos, no mundo inteiro, não devem ter senão uma só fé. É por isso que o Apóstolo S. Paulo não pede sómente aos christãos que tenham todos os mesmos sentimentos e que fujam do desaccordo das opiniões, mas os conjura pelos mais sagrados motivos: «Eu vos conjuró, meus irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Christo, que tenhaes todos uma mesma linguagem e não haja schisma entre vós; mas que estejaes todos perfeitamente unidos no mesmo espirito e nos mesmos sentimentos» ²⁾. Estas palavras não precisam, por certo, de explicação; são assás eloquentes por si mesmas.

Demais, aquelles que fazem profissão do christianismo reconhecem de ordinario que a fé deve ser una. O ponto mais importante e absolutamente indispensavel, aquelle em que muitos caem no erro, é discernir de que natureza, de que especie é esta unidade. Ora aqui, como Nós já dissemos mais acima n'uma questão semelhante, é mister não julgar por opinião ou por conjectura, mas segundo a sciencia dos factos: é necessario procurar e verificar qual é a unidade de fé que Jesus Christo impoz á sua Igreja.

A doutrina celeste de Jesus Christo, apesar de estar em grande parte consignada nos livros inspirados de Deus, se tivesse sido entregue ao pensar dos homens não podia por si mesma unir os espiritos. Devia facilmente succeder, com effeito, que fosse alvo de interpretações variadas e differentes entre si, e

¹⁾ Unus Dominus, una fides, unum baptisma. Ephes., IV, 5.

²⁾ Obsecro autem vos, fratres, per nomen Domini nostri Jesu Christi, ut idipsum dicatis omnes, et non sint in vobis schismata, sitis autem perfecti in eodem sensu et in eadem sententia. 1 Corinth. I, 10.

isto não sómente por causa da profundeza e dos mysterios d'essa doutrina, mas tambem por causa da diversidade dos espiritos dos homens e da perturbação que devia nascêr do jogo e da lucta das paixões contrarias. Das differenças de interpretação nasceu necessariamente a adversidade dos sentimentos: d'ahi controversias, dissensões, questões, taes como se viram rebentar na Igreja desde a epocha mais approximada da sua origem. Eis o que escreveu S. Ireneu, falando dos hereticos: «elles confessam as Escripturas, mas pervertem-lhes a interpretação» ¹⁾. E Santo Agostinho: «A origem das heresias e d'esses dogmas perversos que enganam as almas e as precipitam no abysmo é unicamente que as Escripturas, que são boas, são comprehendidas d'um modo que não é bom» ²⁾.

Para unir os espiritos, para crear e conservar o accordo dos sentimentos, é preciso, pois, necessariamente, apezar da existencia das Escripturas divinas, um outro *principio*. A sabedoria divina exige-o; porque Deus não podia ter querido a unidade da fé sem prover de uma maneira conveniente á conservação d'essa unidade, e as mesmas santas Lettras indicam claramente que Elle o fez, como em breve o diremos. Certamente, o infinito poder de Deus não está ligado nem adstricto a nenhum meio e toda a creatura lhe obedece como um instrumento docil. É necessario, pois, procurar, entre todos os meios que estavam em poder de Jesus Christo, qual é esse principio exterior de unidade na fé que Elle quiz estabelecer.

Por isso, é necessario remontar com o pensamento ás primeiras origens do christianismo. Os factos que vamos lembrar são attestados pelas santas Lettras e de todos conhecidos.

Jesus Christo prova, pela virtude dos seus milagres, a sua divindade e a sua missão divina; emprega-se em falar ao povo para o instruir das cousas do céu; exige absolutamente que se dê inteira fé ao seu ensino; exige-o sob a sanção de recompen-

¹⁾ Scripturas quidem confitentur, interpretationes vero convertunt. Lib. III, cap. XII, n. 12.

²⁾ Neque enim natae sunt haereses et quaedam dogmata perversitatis illaqueantia animas et in profundum praecipitantia, nisi dum scripturae bonae intelligentur non bene. In *Evang Joan.* tract. XVIII, cap. V, n. 1.

sas ou de penas eternas. « Se eu não faço obras de meu Pae, não me deis credito ¹⁾. Se eu não tivesse feito entre elles obras que nenhum cutro fez, elles não teriam peccado ²⁾. Mas se eu faço taes obras, e se vós não quereis crêr-me, crêde nas minhas obras » ³⁾. Tudo o que Elle ordena, ordena-o com a mesma auctoridade; no assentimento d'espírito que exige, não exceptua nada, nada distingue. Aquelles, pois, que escutavam Jesus, se queriam obter a salvação, tinham o dever, não sómente de acceitar em geral toda a sua doutrina, mas de dar pleno assentimento d'alma a cada uma das cousas que Elle ensinava. Recusar, com effeito, crêr, ainda que não fosse senão um só ponto, a Deus que fala, é contrario á razão.

Estando prestes a voltar ao céu, envia os seus Apostolos, revestindo-os do mesmo poder com que seu Pae o enviou, e ordena-lhes que espalhem e semeiem por toda a parte a sua doutrina, « Todo o poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, pois, ensinae todas as nações... ensinando-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado » ⁴⁾. « Serão salvos todos aquelles que obedecerem aos Apostolos; aquelles que não obedecerem perigarão ». « Aquelle que crêr e fôr baptisado será salvo; aquelle que não crêr será condemnado » ⁵⁾. E como convem soberanamente á Providencia divina não encarregar alguém d'uma missão, sobretudo se ella é importante e d'alto valor, sem lhe dar ao mesmo tempo com que desempenhal-a como deve ser, Jesus Christo promete enviar aos seus discipulos o Espirito de verdade que permanecerá n'elles eternamente. « Se eu me vou, eu vol-o enviarei (o Paracleto)... e quando este Espirito de verdade tiver vindo, elle vos ensinará toda a verdade » ⁶⁾. E eu pe-

¹⁾ Si non facio opera Patris mei, nolite credere mihi. Joan., X, 37.

²⁾ Si opera non fecissem in eis, quae nemo alius facit, peccatum non haberent. Joan., XV, 34.

³⁾ Si autem facio, *opera*, et si mihi non vultis credere, operibus credite. Joan., X, 38.

⁴⁾ Data est mihi omnis potestas in coelo et in terra. Euntes ergo docete omnes gentes... Docentes eos servare omnia, quaecumque mandavi vobis. Math. XXVIII, 18 19 20.

⁵⁾ Qui crediderit et baptizatus fuerit, salvus erit: qui vero non crediderit, condemnabitur. Marc., XVI, 16.

⁶⁾ Si autem abiero, mittam, *Paracletum*, ad vos... Cum autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem. Joan., XVI, 7-13.

direi a meu Pae, e Elle vos dará um outro Paracleto, para que elle permaneça sempre convosco: e será o Espirito de verdade ¹⁾... Será elle que dará testemunho de mim, e tambem vós dareis testemunho » ²⁾).

Em seguida ordena que acceitem religiosamente e observem santamente a doutrina dos Apostolos como a sua propria. « Quem vos ouve, ouve-me; quem vos despreza, despreza-me » ³⁾).

Os Apostolos são, pois, enviados por Jesus Christo da mesma maneira que Elle é enviado por seu Pae. « Como meu Pae me enviou, assim eu vos envio » ⁴⁾. Por consequencia assim como os Apostolos e os discipulos eram obrigados a submeter-se á palavra de Christo, a mesma fé devia ser igualmente concedida á palavra dos Apostolos por todos aquelles que os Apostolos instruissem em virtude do seu mandato divino. Não era, pois, mais permitido repudiar um só preceito da doutrina dos Apostolos do que rejeitar fosse o que fosse da doutrina do proprio Jesus Christo.

Certamente a palavra dos Apostolos, depois da descida do Espirito Santo sobre elles, resoou nos logares, mais distantes. Por toda a parte aonde se dirigiram apresentam-se como enviados do proprio Jesus. « Foi por Elle (Jesus Christo) que nós recebemos a graça e o apostolado para fazer obedecer ao mesmo tempo todas as nações em seu nome » ⁵⁾. « E por toda a parte Deus fez brilhar a divindade da sua missão por prodigios. E elles, tendo partido, prégavam por toda a parte, cooperando o Senhor com elles e confirmando a sua palavra pelos milagres que os acompanhavam » ⁶⁾. De que palavra se tratava? Evidentemente d'aquella que abraça tudo o que elles haviam aprendido do seu mestre, porque elles attestam publicamente e em

¹⁾ Et ego rogabo Patrem; et alium Paraclitum dabit vobis, ut maneat vobiscum in aeternum, Spiritum veritatis... Joan... XIV, 16-17.

²⁾ Ille testimonium perhibebit de me: et vos testimonium perhibebitis., Joan., XV, 26-27.

³⁾ Qui vos audit me audit; qui vos spernit me spernit. Luc., 16.

⁴⁾ Sicut misit me Pater, et ego mitto vos. — Joan., XX, 21.

⁵⁾ Per quem Jesum Christum accepimus gratiam et apostulatum ad obediendum fidei in omnibus gentibus pro nomine ejus. — Rom., I, 5.

⁶⁾ Illi autem perfecti praedicaverunt ubique, Domino cooperante, et sermonem confirmante, sequentibus signis. Marc., XVI, 20.

pleno dia que lhes é impossivel calar alguma cousa de tudo que viram e ouviram.

Mas, já o dissemos algures, a missão dos Apostolos não era de natureza a poder perigar com a pessoa dos Apostolos, porque era uma missão publica e instituida para salvação do genero humano. Jesus Christo ordenou, com effeito, aos Apostolos que prégassem « o Evangelho a todas as creaturas », « levassem o seu nome perante todos os povos e reis », e « lhe servissem de testemunhas até ás extremidades da terra ». E, no cumprimento d'esta grande missão, prometteu estar com elles, e não por alguns periodos d'annos, mas por todos os tempos, « até á consummação dos seculos ». Sobre o que escreve S. Jeronymo : « Aquelle que promette estar com os seus discipulos até á consummação dos seculos, mostra por isso que os seus discipulos viverão sempre e que Elle mesmo não deixará nunca de estar com os crentes » ¹⁾. Como poderia tudo isto realizar-se só nos Apostolos, cuja condição d'homens os sujeitava á lei da morte? A Providencia divina tinha pois regulado que o magisterio instituido por Jesus Christo não seria restricto aos limites da vida dos Apostolos, mas duraria sempre. Effectivamente, vemos que elle se transmittiu e passou como de mão em mão na sequencia dos tempos.

Os Apostolos, com effeito, consagraram Bispos e designaram nominativamente aquelles que deviam ser os seus successores immediatos no « ministerio da palavra ». Mas isto não é tudo: ordenaram tambem aos successores que escolhessem homens proprios para esta funcção, os revestissem da mesma auctoridade e lhes confiassem a seu turno o cargo e a missão d'ensinar. Tu, pois, ó meu filho, fortifica-te na graça que está em Jesus Christo: e o que tu ouviste de mim diante d'um grande numero de testemunhas, confia-o a homens fieis, que sejam capazes de instruir outros » ²⁾, É pois verdade que assim como Jesus Christo

¹⁾ Qui usque ad consummationem saeculi cum discipulis se futurum esse promittit, et illos ostendit semper esse victuros et se numquam a credentibus recessurum. *In Math.*, lib. IV, cap. XXVIII, V, 20.

²⁾ Tu ergo, fili mi, confortare in gratis, quae est in Christo Jesu: et quae audisti a me per multos testes, haec commenda fidelibus hominibus, qui idonei erunt et alios docere. II, *Tim.*, II, 1-2.